

MARIA LÚCIA YOSHICO WAKISAKA

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EXTRAORDINÁRIAS:
análise de virtudes políticas de professores de biologia

Belo Horizonte
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
2008

MARIA LÚCIA YOSHICO WAKISAKA

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EXTRAORDINÁRIAS:
análise de virtudes políticas de professores de biologia**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado da
Faculdade de Educação da Universidade Federal de
Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do
título de Mestre em Educação
Área de concentração: Educação e Ciências
Orientador: Prof. Dr. Arnaldo Vaz

Belo Horizonte
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
2008

W146p
T Wakisaka, Maria Lúcia Yoshico, 1963-
Práticas pedagógicas extraordinárias : análise de virtudes
políticas de professores de biologia / Maria Lúcia Yoshico
Wakisaka. - UFMG/FaE, 2008.
117 f., enc, il..

Dissertação - (Mestrado) - Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Educação.

Orientador : Arnaldo de Moura Vaz da Silva.

Bibliografia : f. 93-95.

Apêndices : f. 96-112.

1. Educação -- Teses. 2. Prática de ensino -- Teses. 3.
Professores -- Aspectos sociais -- Teses. 4. Virtudes -- Teses.

I. Título. II. Silva, Arnaldo de Moura Vaz da. III.
Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 370.733

Catálogo da Fonte : Biblioteca da FaE/UFMG

Dissertação defendida e aprovada em 18 de dezembro de 2008 pela banca examinadora constituída pelos professores:

Arnaldo de Moura Vaz– Orientador

Prof.Dr Suzana Lanna Burnier Coelho

Prof.Dr Carmen Maria de Caro Martins.

Agradecimentos

Aos professores e professoras que aceitaram participar desta pesquisa de forma generosa.

Aos alunos dos cursos de Ciências Biológicas e Geografia e Análise Ambiental do UNIBH que participaram. A Andréa, em especial.

Ao professor Arnaldo Vaz pela orientação atenta, amizade, paciência, dedicação, alegria, humanidade e estímulo para continuar.

A Josimeire pela atenção incansável em todos os momentos decisivos desta dissertação.

Ao Paulo, Alexandre, Larissa e Ely pelas contribuições e alegria na convivência.

Luciana Allain, Regina Mendes, Carlos Welington, Janete Regina, Walquíria e Cláudio pela amizade, carinho e atenção que me fortaleceram para enfrentar os longos tempos de mestrados.

Adrilene, Aline, Ana Paula, Ângela, Catherine, Cecília, Charles, Izabel, Ivone, Luiz, Martha, Maurício, Neli, e Silvana do PET pelo apoio para este processo de formação.

Do curso de Geografia e Análise Ambiental agradeço a André, Ângela, Rodrigo e Valéria pelo apoio. E a Miriam e Raquel Bernardo pelas indicações.

Do curso de Ciências Biológicas agradeço aos colegas e em especial Mairy, Júnia e Elena pelo apoio.

Ao meu amor, Carlos Magno pelo apoio incondicional, companheirismo e compreensão.

Ao meu irmão Cláudio pelo amor de sempre.

A Marilene, pela dedicação e carinho com que cuidou de minha mãe e de mim.

A minha mãe, Satica Wakisaka que não pode ficar e deixou seu exemplo de coragem e amor.

E a você, Abel...

Sumário

RESUMO.....	8
ABSTRACT	9
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1-CONTEXTO DA PESQUISA	13
1.1 Caracterização da prática pedagógica.....	13
1.1.1 Múltiplas dimensões	13
1.1.2 Redefinição do papel da educação	16
1.1.3 Reconhecimento pessoal e valorização social	18
1.1.4 Tolerância e valores democráticos	19
1.2. A Profissão docente como atividade humana.....	21
1.2.1 As atividades humanas: Labor, Trabalho e Ação.....	24
1.2.1.1 Labor e rotina.....	24
1.2.1.2 Trabalho e resultado do ensino.....	27
1.2.1.3 Ação e prática pedagógica.....	28
1.3. Práticas Pedagógicas extraordinárias e o objetivo da pesquisa	31
1.3.1 Professores comuns, práticas pedagógicas extraordinárias.....	32
1.3.2 Análise das práticas pedagógicas extraordinárias e a revelação do agente	
	33
CAPÍTULO 2 - DELINEAMENTO METODOLÓGICO.....	34
2.1 Como planejamos... ..	34
2.1.1 Identificação e localização dos sujeitos da pesquisa	34
2.1.2. Preparação para as entrevistas	36
2.1.3. Plano de análise	37
2.2 Como realizamos... ..	37
2.2.1 – Buscando os professores.....	37
2.2.2 As entrevistas.....	39
2.2.3.As análises	43
2.2.4 Referencial teórico metodológico.....	44
CAPÍTULO 3- RESULTADOS.....	47
3.1 Descrição analítica individual das entrevistas	47
3.2 Quadros Analíticos I: desafios, estímulos e resultados	56
3.2.1 Análise dos quadros analíticos I: desafios, estímulos e resultados.....	58
3.3 Quadros analíticos II: Análise dos desafios, estímulos e resultados a partir dos parâmetros de imprevisibilidade e revelação do agente	60
3.4 Revelação do agente	61
3.4.1 Os professores e os desafios	62
3.4.2. Os professores e os estímulos.....	63
3.4.3 Os professores e os resultados	64
CAPÍTULO 4. ANÁLISE A PARTIR DAS VIRTUDES POLÍTICAS	66

4.1- Coragem	66
4.2-Prudência.....	70
4.3-Astúcia.....	74
4.4- Honra.....	76
4.5- Liberdade.....	78
4.6 Discussão dos resultados: virtudes políticas orientadas pelo compromisso ético	88
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	93
APÊNDICE A - SONDAÇÃO COM ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DO UNIBH.....	96
APÊNDICE B - PERGUNTAS PARA CARACTERIZAR O PROFESSOR.....	98
APÊNDICE C- DESCRIÇÕES ANALÍTICAS INDIVIDUAIS	99
APÊNDICE D - QUADROS ANALÍTICOS I: DESAFIOS, ESTÍMULOS E RESULTADOS.....	109
APÊNDICE E – QUADROS ANALÍTICOS II: ANÁLISE DOS DESAFIOS, ESTÍMULOS E RESULTADOS A PARTIR DOS PARÂMETROS DE IMPREVISIBILIDADE E REVELAÇÃO DO AGENTE.....	112

RESUMO

Nesta investigação analisamos o que denominamos de práticas pedagógicas extraordinárias de alguns professores de biologia do ensino médio. São práticas pedagógicas que se diferenciam daquelas da rotina dos professores e nas quais os professores e alunos ficaram motivados e satisfeitos. O objetivo do estudo é compreender as práticas pedagógicas extraordinárias a partir do conceito de ação de Hannah Arendt. Foram realizadas entrevistas com sete professores de biologia do ensino médio. Essas entrevistas foram analisadas a partir de cinco virtudes políticas: coragem; honra; prudência; astúcia e liberdade. Os resultados revelaram os compromissos éticos dos professores. Esses compromissos éticos mostraram-se fundamentais para o enfrentamento dos desafios atuais colocados para a profissão docente.

PALAVRAS CHAVES: Práticas Pedagógicas, Ação, Virtudes Políticas

ABSTRACT

We investigate biology teachers' reports of educational practices that differ from routine practices and in which teachers and students feel motivated and happy. These practices were called extraordinary teaching practices. The practices were analyzed based on Hanna Arendt's concept of action. The aim of this analysis was to identify ethical commitments of teachers through the benefits that they seek conducting such activities with their students. We interviewed seven public high school teachers, all Biology Bachelors, with three to twenty-eight years of teaching experience. Analytical descriptions have been made to identify the incentives, challenges and results in the practices reported by teachers. These incentives, challenges and results were analyzed according to five political virtues that characterized these practices as action: courage, honor, prudence, cunning and freedom. The strengths identified in the action of the protagonists of educational practices are likely to be extraordinary given by any teacher. The actions reported and analyzed signal nuances of personal involvement in the teaching profession and show teachers as political actors of activities that give them humanity.

Keywords: pedagogical practices, action, political virtues

INTRODUÇÃO

Neste momento que a profissão docente passa por uma crise e pesquisas apontam o mal estar entre os professores, chamou-me a atenção como alguns profissionais investem energia na realização de atividades pedagógicas diferenciadas de sua rotina nas escolas públicas. Diferente do desânimo anunciado por aquelas investigações (CODO, 2002; ESTEVES, 1999; LAPO, 2008; OLIVEIRA, 2006). Constatei que esse esforço resultava em aprendizagem e motivação dos alunos, assim como em satisfação dos professores durante e após a realização dessas atividades. A essas práticas foi dada a denominação de “práticas pedagógicas extraordinárias” por não ser parte do ordinário entendido como rotineiro.

Durante esta investigação entrei em contato com a literatura de pesquisa em ensino, sobre professores, saberes, formação docente, profissão docente e filosofia política, por meio da obra “A condição humana” de Hannah Arendt.¹ A literatura sobre a docência tem sinalizado aos professores que uma prática profissional competente e autônoma envolve a consideração das dimensões do saber, do afeto, e que estas têm de estar fundamentadas na dimensão ético-política. (RIOS, 2003; FREIRE, 1987).

Na caracterização da prática pedagógica de hoje constatamos que um dos grandes desafios colocados aos professores está, justamente, em questões ligadas aos aspectos ético-políticos que se constata nos problemas que podem ir desde a falta de motivação dos alunos para aprendizagem à violência física entre professor e alunos como mostram as pesquisas sobre mal-estar docente.

A pesquisa sobre saberes docentes tem avançado afirmando o professor como um sujeito que mobiliza e constrói saberes no exercício de sua profissão. Mas essa profissão tem um aspecto complexo e contingente para o qual os saberes formalizados são insuficientes, como apontam Tardiff (2002) e Gauthier (1998). Os limites dos

¹ Nesta pesquisa foi consultada a obra de ARENDT, Hanna. *A Condição Humana*. Tradução de Roberto Raposo, 10 Ed./5 reimpr. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

saberes formalizados relacionam-se aos aspectos ético-políticos da prática docente que o professor tem de enfrentar em seu cotidiano. Somado a isso, Tardiff (2002) considera que a análise da profissão docente, a partir dos modelos de profissões de produção material, não possibilita perceber especificidades da atividade docente como uma profissão de interações humanas. Com isso seria necessário outro referencial que pudesse favorecer percepção de outras nuances da atividade docente.

Diante disso, buscamos a obra *A Condição Humana*, em que Arendt (1958) apresenta três conceitos para análise das atividades humanas: labor, trabalho e ação; a partir desses conceitos, construímos nossos referenciais. Elegemos o conceito de ação para análise de algumas práticas pedagógicas especiais. O objetivo geral desta investigação é analisar as práticas pedagógicas que, segundo o conceito de ação de Arendt, tem o potencial de “produzir o que é grande e luminoso” (Arendt, p.218); tem o potencial de “violiar os padrões consagrados e galgar o plano do extraordinário, onde a verdade da vida cotidiana perde a sua validade” (Arendt p. 217). Para isso, colocamos como objetivos específicos, identificar, entre as manifestações dos professores realizadores dessas práticas pedagógicas “extraordinárias”, virtudes que revelem seus compromissos éticos. E ainda, avaliar se tais compromissos éticos se caracterizam como uma excepcionalidade entre os professores.

Entendemos essas práticas pedagógicas como uma forma de enfrentamento ético dos professores ao contexto desafiador colocado à profissão docente. No entanto esse esforço dos professores permanecia “invisível” no turbilhão de acontecimentos da escola e acreditamos que esta pesquisa permitiria dar visibilidade ao valor dessas iniciativas.

Consideramos importante uma perspectiva que enxerga o professor como alguém que enfrenta desafios ativamente, buscando se motivar lançando mão dos seus recursos. Ainda mais considerando a dimensão dos desafios atuais postos ao professor. Saber o que fazem os professores para enfrentar os atuais desafios pode contribuir para conhecermos melhor a própria profissão docente hoje e refletirmos a formação requerida para seu exercício.

Professores são profissionais que têm um ofício voltado para o outro. Como apontam pesquisas sobre trabalho docente, essa profissão se caracteriza por interações humanas. São dessas interações que se pretende formar seres humanos que - se espera - venham a compreender e exercer a cidadania. Isso sinaliza o componente ético e político presente na atividade docente. Com os desafios apontados anteriormente se acentua a dimensão política da atividade docente.

No agir político, os atores lançam mão de suas virtudes políticas para alcançar a felicidade coletiva (RIOS, 2003). As virtudes políticas definem a relação do indivíduo com a comunidade. A virtude política para Arendt seria “ambicionar sempre fazer o melhor que puder e ser o melhor de todos” (PINTO, 2006, p.37). Entendemos que as virtudes podem nos ajudar a analisar as ações relatadas pelos professores. A partir desta escolha identificamos as virtudes políticas reveladas pelos professores em seus relatos.

Tomamos, para categorias de análise das ações dos professores nas práticas pedagógicas extraordinárias, aquelas virtudes políticas listadas por Pinto (2006) em sua pesquisa “Ética e Política no Pensamento de Hannah Arendt”, por Chauí (1995), e por Gauthier (1998). Consideramos adequadas para nossa investigação às seguintes virtudes: coragem, honra, liberdade, astúcia e prudência.

No primeiro capítulo, apresentamos a complexidade envolvida na ação docente. No segundo, tratamos do delineamento metodológico com descrição dos processos de identificação, localização e perfil dos professores pesquisados, das entrevistas e das análises. No terceiro, apresentamos resultados com um exemplo do procedimento de entrevistas descritivas, quadros analíticos e a análise das virtudes políticas dos professores. No quarto, fazemos análise e discussão dos resultados. No último capítulo, apresentamos as conclusões de nosso trabalho.

CAPÍTULO 1-CONTEXTO DA PESQUISA

Apresentamos, na primeira seção, a caracterização da prática pedagógica em quatro subseções: 1.1.1 Múltiplas dimensões; 1.1.2 Redefinição do papel da educação, 1.1.3 Reconhecimento pessoal e valorização e pessoal; 1.1.4 Tolerância e valores democráticos. Na segunda seção, apresentamos a profissão docente como atividade humana. Na terceira seção, relacionamos as práticas pedagógicas extraordinárias e o objetivo da pesquisa.

1.1 Caracterização da prática pedagógica

Investigamos a prática profissional docente. Necessário, portanto caracterizar essa prática apresentando suas diferentes facetas.

1.1.1 Múltiplas dimensões

Destacamos características da atividade docente relacionadas, principalmente, à convivência humana. Isto é, pretendeu-se dar relevo ao fato de que aqui se trata de uma atividade realizada por seres humanos, com seres humanos.

Apresentamos, nesta seção, algumas reflexões sobre a formação dos professores feitas por Perrenoud (1993) que nos auxiliam a compreender a complexidade da prática. Esse autor considera que seria mais fecundo pensar na formação docente como preparação para uma profissão complexa, ou mesmo segundo Freud, para uma profissão impossível (CIFALI, 1986 apud PERENOUD, 1993). Ou seja, trata-se de uma profissão em que a idéia de uma formação não pode ser entendida como garantia de sucesso na atuação. Em profissões técnicas, os erros são considerados possíveis, mas são exceções. Já nas profissões que trabalham com pessoas, o sucesso nunca está assegurado e é

necessário, pelo contrário, saber lidar com os fracassos. É o caso dos psicólogos clínicos, dos psicanalistas, o professor, entre outros. Considerando que o magistério está sempre na iminência do fracasso é surpreendente que haja professores motivados.

Uma consequência importante da característica da atividade docente estar fundada no relacionamento humano tem relação com o fato de que esse tipo de profissão tem de lidar com os limites da influência de um sujeito sobre o outro, de um ator social sobre outro ator. Isso significa levar em consideração a singularidade, a identidade, os mecanismos de defesa, as opacidades e ambigüidades da pessoa de que o profissional se ocupa. As atividades sociais, terapêuticas ou educativas têm necessidade de buscar a cooperação ativa das pessoas com quem têm de lidar. E as pessoas a que tais atividades visam beneficiar têm suas dúvidas e resistências. Somam-se a isso, as singularidades e identidade do próprio profissional, dos seus limites e ambivalências face àquele por quem se responsabiliza. E por fim, chega-se à própria relação que se estabelece entre duas pessoas, relação que é cercada de singularidade intersubjetiva e intercultural. (PERRENOUD,1993)

Perrenoud (1993) destaca que na prática pedagógica

atuam e tornam a atuar, todos os dias, contradições impossíveis de ultrapassar: esquecer-se de mim por causa do outro ou pensar em mim? Privilegiar as necessidades do indivíduo ou da sociedade? Respeitar a identidade de cada um ou transformá-la? Avançar no programa ou responder às necessidades dos alunos? Desenvolver a autonomia ou o conformismo? Implicar-se pessoalmente na relação ou permanecer tão neutro quanto possível? Impor para ser eficaz ou negociar longamente para obter a adesão? Sacrificar o futuro ou o presente? Por a tônica nos saberes, nos métodos, na instrução, ou nos valores, na educação, na socialização? Valorizar a competição ou a cooperação? p.177

Essas são algumas de uma série de questões colocadas pelo autor que nos permitem ter uma idéia das inúmeras decisões e dilemas por que passam os professores, hoje. E, para tentar aliviar o peso dessas deliberações, eles buscam as leis, os programas, as didáticas, mas essas, muitas vezes, não conseguem responder a contento. Essas decisões implicam no posicionamento ético e político do professor, de seu projeto de sociedade. A busca de uma suposta neutralidade não é possível na prática docente como mostram as inquietações de professores exemplificadas anteriormente e também

as inquietações de que nos falam Freire; Shör (1986) e Rios (2003). Essas inquietações são inerentes à atividade docente. Mas nem sempre professores e alunos têm percepção disso, daí as repetições esvaziadas de práticas escolares cristalizadas no tempo.

Diante dessa situação, Perrenoud (1993) coloca que o professor precisa

reconstruir no dia a dia, na sua escala, de maneira mais ou menos intuitiva: a) uma política de educação; b) uma ética na relação; c) uma epistemologia dos saberes; d) uma transposição didática e) um contrato pedagógico; f) uma teoria da aprendizagem. Aí se encontra a complexidade da profissão que reside justamente nos frágeis compromissos que têm de ser reconstruídos diariamente entre valores e teorias contraditórios, compromissos aos quais ninguém escapa e em relação aos quais ninguém pode abrigar-se definitivamente atrás de uma norma institucional ambígua, que se preste a diversas interpretações (p.178).

Para lidar com essa complexidade, minimamente que seja, parece ser preciso utilizar todos os recursos. Para formação percebe-se que é insuficiente analisar a profissão somente sob o prisma de saberes científicos e métodos racionais, pois, como diz Perrenoud (1993) se ensina com *as entranhas, intuições, emoções, experiências, crenças, desejos e medos*, por isso estes fatores também precisam ser levados em conta na formação. O magistério é uma das profissões relacionais, que são um tipo de profissão complexa, e mobiliza fundamentalmente a pessoa, pois nessas profissões o seu principal “instrumento de trabalho” é a própria pessoa.

Perrenoud (1993) nos mostra que as dimensões existenciais, relacionais e afetivas na confrontação com o outro, a complexidade, a incerteza, o fracasso são tão importantes quanto as competências didáticas. Todavia, reconhecer essas outras dimensões da profissão docente não diminui o desafio de enfrentá-las.

Lessard; Tardif (2005, p.162) também ressaltam os dilemas da profissão docente. Para esses autores não existe um melhor caminho para resolvê-los; há professores que procuram um caminho próprio, uma via de afirmação de uma identidade e de uma competência, uma via de compromisso continuamente reconstruída.

Para se fazer frente ao fracasso, à incerteza, ao conflito, à diferença cultural, à angústia, ao aborrecimento, ao stress, é preciso coragem, lucidez, perseverança, generosidade, descentração, serenidade, força e mil e uma outras qualidades psicológicas e virtudes morais. Então a formação dos professores é uma formação global da pessoa. (PERRENOUD, 1993).

1.1.2 Redefinição do papel da educação

Na prática pedagógica está a razão de ser da profissão docente: a relação direta com os alunos. Perrenoud (1993) caracteriza a variedades de tarefas que o professor desenvolve para interagir com os alunos a fim de ensinar o que pretende. O autor compara o professor ao maestro que deveria não apenas mandar os músicos tocar em conjunto, mas também convencer alguns deles do interesse pela música e da sua pertença à orquestra. Reforçando essa situação, Lessard; Tardiff (2005) tratando do trabalho docente como uma ação social, apontam que este está vinculado a questões ligadas à comunicação. Do ponto de vista da ação comunicacional, ensinar é fazer com alguém alguma coisa significativa.

Outro fator ligado à complexidade da profissão docente relaciona-se aos valores que o professor deve transmitir. Há alguns anos atrás a escola coincidia com a sociedade e as demais instituições que participavam da socialização das crianças quanto aos valores fundamentais, o que contribuía para uma segurança do professor, pois, se este procedia como se esperava, encontrava apoio na sociedade. Casos em que algum professor fugisse desse quadro de valores eram considerados exceções (ESTEVES, 1999).

Mas atualmente os professores encontram o desafio de pensar sobre quais valores defender, porque o antigo consenso se foi, o que gera um processo de socialização conflitivo e fortemente divergente. E o apoio oferecido aos professores reduziu-se tanto na comunidade escolar como fora dela. Os professores que, diante das mudanças, se propõem a atender as expectativas projetadas sobre eles, encontram uma

falta de amparo social. Pode ocorrer de eles apresentarem valores e serem contestados, não somente por alunos, mas por opiniões divulgadas pelos meios de comunicação em massa (ESTEVEES, 1999). Diante de tal situação, há autores como Claude Merazzi (1983; apud Esteves 1999) que defendem que um dos aspectos mais importantes da competência social dos educadores é, certamente, a capacidade de viver e assumir situações conflitivas. Ou seja, professores têm de ser capazes de lidar com as negociações necessárias para convivência humana.

Outro fator desafiador está na mudança do papel da família na educação dos filhos. Os professores queixam-se de que os pais não somente despreocupam-se em infundir em seus filhos valores mínimos, mas estão convictos de que isso é obrigação dos professores e os culpam colocando-se ao lado da criança. E por fim responsabilizam os professores pelos males da escola mesmo em questões que estão fora do alcance destes.

Globe; Porter (1980) apud Esteves (1999) assinalam o aparecimento de dificuldades devido à transferência para a escola, por parte da família e comunidade social, de algumas de suas atividades sociais e protetoras que antecederiam a entrada da criança na escola. Merazzi (1983) apud Esteves (1999) aponta três fatores fundamentais para explicar essa situação de transferência de atividades. O primeiro refere-se à incorporação em massa da mulher no mundo do trabalho e a transformação da família, abandonando as relações com outros membros e reduzindo-se a unidades familiares menores e seu universo de relações. Destacamos que é preciso pensar que as famílias também se sentem muitas vezes angustiadas com a educação de seus filhos nesses tempos de mudanças nas várias dimensões da vida. Podemos imaginar o porquê de nas livrarias a cada dia surgirem mais títulos de autoajuda para famílias com receitas para lidar com crianças, jovens, meninas e meninas e outros mais.

1.1.3 Reconhecimento pessoal e valorização social

Pesquisas sobre o bem estar e satisfação dos professores sinalizam o papel do reconhecimento da importância do professor por parte dos alunos, de outros colegas professores e da comunidade como importante para alimentar um círculo virtuoso. Nele o professor tem seu valor reconhecido e, portanto se empenha na sua atividade o que gera mais reconhecimento e daí por diante. As pesquisas sobre mal estar docente apontam que os professores se sentem pouco reconhecidos e que sua autoridade está em cheque.

A falta de reconhecimento do professor tem contribuído para o mal estar atual entre os docentes diante de sua profissão. O sentimento de perda de autoridade diante dos alunos tem gerado situações no mínimo desconfortáveis. Mas há professores que mesmo com a desvalorização reinante continuam investindo na profissão.

O trabalho do professor, quando é de qualidade, o que, muitas vezes, exige horas extras de trabalho, poucas vezes é expressamente reconhecido e valorizado. Mas, quando o trabalho fracassa, mesmo que o fracasso ocorra em função de várias circunstâncias as quais o professor não teve como alterar com êxito, há uma imediata personalização do mau resultado (ESTEVES, 1999).

Segundo Esteves (1999) o status social do professor se modificou muito desde a década de 1940 quando se valorizava seu saber, abnegação e vocação. Hoje quem se decide pela docência é alguém incapaz de fazer “algo melhor”, ou seja, uma atividade que tenha um salário maior. Entendemos que com essa expressão “algo melhor” esse autor apresenta, com certo tom de ironia, uma compreensão da sociedade diante da atual desvalorização da profissão docente que também se reflete na condição salarial. Pode-se dizer que, de forma sutil, está embutido não somente o baixo salário, mas a ideia de que há não há necessidade de competência, nessa compreensão atual da sociedade, para o exercício da profissão docente.

O professor sente que muitas vezes está diante da necessidade de desempenhar diferentes e contraditórios papéis que exigem equilíbrio. Por exemplo, o professor deve ser amigo e companheiro dos alunos, ou pelo menos ser alguém que ofereça ajuda no desenvolvimento pessoal deles. Mas, ao mesmo tempo, ao final do curso, exige-se que aluno faça uma seleção e o professor deve adotar o papel do julgamento que parece contraditório com o anterior. Do professor é demandado que desenvolva a autonomia do aluno e ao mesmo tempo pede-se que desenvolva a integração social em que cada indivíduo se acomode às regras do jogo (ESTEVES, 1999).

1.1.4 Tolerância e valores democráticos

Os alunos são um dos eixos fundamentais para a prática pedagógica. Mas há que se lembrar que se trata de grupos heterogêneos com seus valores, atitudes, projetos entre outras características. Mesmo quando esses alunos passam por um processo seletivo, essa condição da diversidade está presente. Em relação a essas diferenças entre os alunos, o professor tem de tentar lidar com elas, e isto se transforma em fonte de dilemas para o professor. Reconhecer a diversidade dos alunos é uma parte do desafio; a outra diz respeito sobre quais e como tratar de valores com esses alunos.

Perrenoud (2000), tratando dos deveres e dilemas éticos da profissão docente, considera que cada vez mais é difícil negar a dimensão dos valores presente no trabalho do professor. Mas seria absurdo e injusto esperar do professor virtudes educativas maiores do que as da própria sociedade que lhes confere a tarefa de ensinar. Mesmo que os professores fossem exemplares não haveria como mascarar o atual estado de crise do mundo. A violência, brutalidade, preconceitos, desigualdades e discriminações existem e são expostas diariamente na televisão. Falar de justiça, respeito ao outro, liberdade, não-violência, dos direitos do homem para adolescentes transformou-se em fórmula vazia e motivo de zombaria por parte destes. Para o autor, há a necessidade de os professores enfrentarem a contradição entre os valores que afirmam e o que ocorre na realidade. Em uma sociedade em crise, que tem vergonha de si mesma, a educação é um exercício de equilibrista. Coloca-se a necessidade de uma educação para tolerância e

para o respeito às diferenças de todo gênero. Em artigo, Stobäus; Mosquera; Santos (2007), diante da questão da violência nas relações dentro da escola, tanto física como simbólica, consideram que é importante a busca de uma melhor *convivência*, em que se trabalha solidariamente. Pois, se há a busca de uma sociedade com valores democráticos, há que entender que se trata de uma convivência social negociada onde todos têm espaço.

Não é suficiente que o professor concorde com esses valores como a tolerância, é preciso a adesão dos alunos. E isso não é simples. Em relação aos alunos, os professores precisam de muita energia, perspicácia e vigilância para lutar contra as discriminações sexuais, étnicas e sociais. Há necessidade de uma reflexão constante do professor sobre os valores que emergem e como conduzir sua discussão. Essa luta contra discriminações não dizem respeito somente ao futuro, mas a um presente tolerável e, se possível, fecundo. Para que o aluno possa ter condições de aprendizagem é importante que ele não sofra discriminações e segregações dentro da escola. Em relação a essa questão os professores podem se implicar ou não; por isso seus valores e comprometimento pessoal com essas questões são decisivos. (Perrenoud, 2000).

Há necessidade da busca de uma coerência nos atos e palavras dos professores, pois segundo Perrenoud (2000), na docência “ensina-se o que se é”, por isso, o “faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço” não tem chance alguma de mudar as atitudes e representações dos alunos. A questão do respeito perpassa a relação entre os alunos, assim como, está presente na relação professor e alunos.

A autoridade do professor segundo Lessard; Tardiff, (2005) reside no respeito que o professor é capaz de impor sem coerção aos alunos. Disso faz parte a negociação entre professores e alunos que se apóiam em valores democráticos. Mas isso não significa o abandono nem de seu *status*, nem de suas responsabilidades de adulto e de mestre. Essa situação ambígua pode variar entre, o professor tomar a autoridade de modo unilateral se as coisas não saírem a contento, e conseguir que os alunos assumam de modo responsável às decisões coletivas. Será necessário o professor aprender a lidar com essa ambigüidade da situação e considerá-la parte do ofício.

Nessa aprendizagem do ofício entra outra questão apontada por Tardiff (2002) que é a ausência de um controle direto e total sobre os alunos. Nada nem ninguém podem forçar um aluno a aprender se ele mesmo não se empenhar no processo de aprendizagem e isso é um dos principais problemas do ofício de professor. De certo que o desejo do aluno é um fator a ser considerado na aprendizagem, mas no ensino o professor não está à mercê desse desejo do aluno. O ofício de ensinar inclui ensinar aquele que também não tem vontade de vir à escola para aprender (PERRENOUD, 1993). Essa não vontade de ir a escola parece ter relação com a fragilidade em que se encontra o valor da escolaridade como promessa de um futuro seguro. Por isso é necessário o professor incluir como parte do seu trabalho reconstruir as condições da aprendizagem começando pela busca da adesão dos alunos as atividades de ensino e as regras de convivência em grupo. (PERRENOUD, 2000).

1.2.A Profissão docente como atividade humana

Os aspectos apresentados nas seções anteriores sinalizam que a razão do exercício da docência, em boa parte, relaciona-se ao compromisso ético que o professor sente que tem com a formação do aluno. Neste trabalho reconhecemos que os desafios que os professores enfrentam em seu cotidiano têm crescido exponencialmente. Vários autores prescrevem as competências necessárias para os professores enfrentarem esses desafios e propõem caminhos possíveis. Pode-se dizer que, de modo geral, a característica desses problemas é principalmente de natureza política.

A violência, o desrespeito a autoridade dos professores, a necessidade de um currículo que faça sentido para o aluno, a ética, a apatia do aluno diante de um ensino burocratizado, o tédio, a repetição, persuadir o aluno a desenvolver as atividades, trabalhar em projetos com outros professores, racismo, lidar com a comunidade, discriminações sexuais, formar cidadãos que fortaleçam a democracia. O que é demandado não é desprezível (PERRENOUD, 2000). Somado a isso, se tem um salário muitas vezes não compensador, a estrutura escolar com lacunas, entre outras questões.

Nesta investigação, nos interessamos por iluminar a dimensão ética e política que diz respeito aos outros, que tem de ser externalizada em ações. Os professores são profissionais que têm um ofício que está voltado para o outro. Como apontam pesquisas sobre trabalho docente, essa profissão se caracteriza por interações humanas (LESSARD; TARDIFF, 2005). São a partir dessas interações que se pretende formar seres humanos que, se espera, venham a compreender e exercer a cidadania. Isso sinaliza o componente ético e político presente na atividade docente. Com os desafios apontados anteriormente se acentua a dimensão política da atividade docente.

Para realização da atividade docente, as pesquisas têm apontado que os professores mobilizam saberes. Tardiff (2002), em sua reflexão sobre a prática educativa e os saberes necessários a ela, nos coloca a reflexão de qual seria a natureza da prática educativa. Ela poderia ser comparada ao criar de um artista, ao fazer do técnico, ao pesquisar do cientista, ao modelar do artesão, ao produzir do operário, ao agir do político? Ou seria uma mistura de todas elas? Ou algo específico? Ao fim de sua análise, o autor mostra que a prática educativa mobiliza vários saberes de ação que diz respeito a diversos saberes e assinala que essas ações e saberes plurais têm de se orientar por uma ética da responsabilidade diante do outro.

Concordamos com a idéia de Tardiff (2002), que se trata de saberes humanos sobre humanos, pois se trata de um trabalho interativo. Por isso, a reflexão sobre os saberes mobilizados na docência não é apropriada a analogia com o trabalho material, pois os professores lidam com seres humanos e não objetos. O trabalho produtor de bens materiais não pode servir de paradigma para o estudo de trabalho interativo. A organização escolar não pode ser pensada a partir do modelo fabril e o ensino, como uma forma de trabalho técnico susceptível de ser racionalizado por meio de abordagens técnico-industriais típicas. Esse paradigma fabril não conseguiria revelar certas nuances dessa profissão de interações humanas.

Gauthier (1998) aponta que os professores não podem contar unicamente com os saberes formalizados para orientar suas ações, pois a prática pedagógica é demasiado

complexa e inserida em situações de contingências para que a ciência possa apreendê-la totalmente. E, como o seu objetivo primeiro é interagir, então é necessário tomar decisões, deliberar. Como esse raciocínio prático se apóia em uma base imprecisa, discutível, submissa a uma ordem de valores, há obrigatoriedade de o professor usar da prudência, uma sabedoria prática. O que os gregos denominavam de *phronèsis* que seria a dimensão ética da ação. A prudência se revela como a virtude do risco, da iniciativa pessoal sujeita a reflexão para a deliberação.

Essas idéias sinalizam essa dimensão ética e política no agir docente. Arendt (1958) em sua obra “A Condição Humana”, da área de filosofia política, desenvolve de uma forma original reflexões que buscaram dar relevância à atividade política como uma das atividades humanas. Isso se deve a sua perplexidade e preocupação diante do fato da atividade política, em sua análise, estar perdendo o lugar entre as outras realizadas pelos seres humanos. Dessa forma, Arendt termina por refletir sobre o que pode ser entendido como atividade política e sua necessidade no mundo moderno. A atividade política que é tratada pela autora relaciona-se a convivência humana. Diante dessa questão ela se propõe refletir sobre o que os seres humanos fazem. Para isso ela aborda somente manifestações elementares da condição humana, aquelas atividades que estão ao alcance de todos e que foram sistematizadas em três atividades humanas fundamentais: o labor, o trabalho e a ação. São idéias densas, poderosas e exigentes para sua compreensão e apropriação.

Nesta investigação essas três categorias serão nosso ponto de partida para construção de nossa análise. Compreendemos que o esclarecimento das origens dessas idéias auxiliaria o leitor a contextualizar melhor nossa investigação que parte de um referencial originário da teoria política e não freqüente dentro da pesquisa na formação e profissão docente. Mas reconhecemos nossos limites para essa tarefa e também desta pesquisa. Esperamos que este texto possa dar pistas suficientes para o diálogo com esta pesquisa.

1.2.1 As atividades humanas: Labor, Trabalho e Ação.

Nesta seção apresentamos os conceitos de labor, trabalho e ação de Arendt aplicados à profissão docente. A partir de cada conceito estabelecemos relações com características da profissão e as implicações disso. Em seguida, apresentamos a relação entre o conceito de ação e as práticas pedagógicas extraordinárias.

Soratto (2006), em seu texto “Quando o trabalho é ação: uma aplicação dos conceitos de Hannah Arendt a análise do trabalho do professor”, aplica os conceitos de labor, trabalho e ação para analisar a atividade do professor com relação à psicologia do trabalho. Citando esse artigo, buscamos contextualizar esses conceitos relacionando-os às idéias presentes em textos sobre formação e profissão docente, além, do próprio texto da obra “A condição Humana”.

1.2.1.1 Labor e rotina

O labor, segundo Arendt (1958) é o tipo de atividade humana associada aos processos biológicos do corpo humano. Crescimento espontâneo, metabolismo e eventual declínio estão associados a necessidades vitais: como busca e preparação de alimento, higiene, abrigo, corte de pelos e unhas, prevenção e acidentes, entre outros. A condição do labor é a própria vida. Segundo Soratto (2006) seria a atividade realizada como o objetivo de manutenção da vida e do mundo construído pelo homem. O labor tem na repetição sua principal característica, porque as exigências da vida não têm fim e os objetos humanos precisam de cuidados constantes para não sucumbir ao desgaste natural do tempo. Segundo Arendt (1958), é típico de todo labor nada deixar atrás de si: o resultado do seu esforço é consumido quase tão depressa quanto o esforço que é despendido.

O labor está presente de várias maneiras na docência. Certas atividades docentes que são marcadas pela repetição devem ser feitas e refeitas com a finalidade de manter a ordem das coisas: corrigir provas, registrar atividades, controlar frequência, entre outras.

No campo de pesquisa de formação e profissão docente encontramos a questão da rotina de trabalho na docência. Apesar de conter uma repetição, há necessidade de aprendizagem dessas ações para que o professor possa dominar o trabalho.

No trabalho do professor a rotina vai se construindo ao longo de um certo tempo para que o profissional dê conta de seu trabalho. Como diz Tardif (2002) a partir do conceito de rotinização de Antony Gidens

ninguém escolhe ser rotineiro; no entanto, todos nós o somos, não por opção, mas porque o tecido ontológico da vida social é feito precisamente de tais regularidades práticas. Essas regularidades práticas não são somente formas exteriores, convenções ou hábitos dos quais poderíamos prescindir ao agir: o fato de uma atividade ser rotineira é um recurso fundamental da ação que torna possível a sua reprodução pelo mesmo ator (p.216).

E Tardiff acrescenta

todavia, não acreditamos que a rotinização do ensino seja apenas uma maneira de controlar os acontecimentos na sala de aula. Enquanto fenômeno básico da vida social, a rotinização indica que os atores agem através do tempo, fazendo das próprias atividades, recursos para reproduzir (e às vezes modificar) essas mesmas atividades (p. 215).

A rotina é importante para a ação humana em geral, mas em especial em atividades de trabalho. Mas, é necessário considerar outras questões da rotina como a alienação, a repetição, o automatismo que no caso da prática educativa, que envolve a formação de jovens pode ter implicações sérias. A rotinização da atividade docente pode ser um mecanismo para cortar a implicação pessoal do professor com docência para poder lidar com a ansiedade provocada pelo desconhecido, por mudança propostas por reformas educativas, como apontam pesquisas sobre mal-estar-docente (ESTEVEZ, 1999).

No início da carreira o professor ainda enfrenta muitos dilemas para constituir essa rotina que permitirá exercer com certa tranquilidade e segurança seu trabalho. Segundo Anne-Marie Chartier (2000)

não conhecer os fazeres ordinários incapacita particularmente os professores em começo de carreira. E pode-se pensar que se não são resolvidas rapidamente as tensões nascidas desse desconhecimento, o professor se arrisca a definir de maneira restritiva suas ambições de ação e se interdita das liberdades de ação que lhe permitiriam fazer adaptações e inovar (p.164).

E se as condições de trabalho também não ajudarem a saída da rotina torna-se mais difícil.

De acordo com Perrenoud (1999)

durante os primeiros anos, o professor não se aborrece, pois está ocupado demais em fazer andar as classes em que atua. Mas chega o momento em que o tédio o espreita, em que não se tem mais energia e fé suficiente para remover montanhas... Essa condição geral do professor o condena a uma grande repetição. Porém, alguns escapam a essa regularidade do ciclo profissional e vivem uma aventura pedagógica a cada instante (p.10).

A rotina pode ser entendida como o sentido da prática dentro do tempo. Trata-se de um tempo vivido com os alunos como mostrou pesquisa de Garcia (1999) na investigação da rotina de uma professora bem sucedida. O tempo dessa professora era uma conjugação de dois tempos. Um tempo era *kronos* - o tempo dos relógios, mecanicamente mensurável e o outro *kairós* - os tempos estratégicos, apropriados para determinada atividade. Pareciam desperdício de tempo certas ações da professora, mas a escolha da duração do tempo da professora tem relação com critérios éticos. Ela privilegiava a qualidade de aprendizagem do aluno, percebendo qual seria o momento estratégico para determinada tarefa e seu ritmo.

O labor para Arendt (1958) é uma luta diária do corpo humano para manter limpo o mundo e evitar-lhe o declínio. Não é necessária coragem para realizá-la, mas persistência. O doloroso é a implacável repetição. Mas devemos considerar que na docência atividades se repetem, mas que são parte do acompanhamento dos alunos. No caso da correção de cadernos, pensamos que a tarefa é repetitiva e é necessário estar envolvido nela, pois cada caderno pode sinalizar a aprendizagem de um aluno. Por um lado pode ser mera repetição, vazia de sentido, se o professor não se implica nessa atividade e pretende “vencer” uma pilha de cadernos sem refletir o que isso significa. Mas esse contexto não é simples. Às vezes, o professor até deseja se implicar na tarefa,

mas a quantidade de cadernos e o tempo para tarefa conspiram para que surja um automatismo, comprometendo o processo de ensino e aprendizagem. A quantidade de alunos a serem atendidos gera, muitas vezes, um automatismo em que a prática do professor se aproxima do labor colocado por Arendt. O afeto e o sentido da ética podem reduzir o sofrimento resultante da implacável repetição. Quando se sabe que a tarefa é em função de outro ser humano com quem se tem uma responsabilidade, a repetição adquire algum sentido humanizador.

1.2.1.2 Trabalho e resultado do ensino.

Nesta seção tratamos do conceito de trabalho que, apesar de não ser o foco desta investigação, entendemos como importante para a distinção do labor e melhor compreensão do conceito de ação.

O trabalho é aquele tipo de atividade que introduz objetos no mundo pela transformação de materiais presentes na natureza, trata-se do que Arendt (1958) denomina de fabricação. Esses objetos podem variar de objetos para consumo até obras de arte. O que há de comum é a independência desses objetos em relação aos seres humanos depois de realizado o trabalho. Nessa atividade, o homem pode criar objetos como destruí-los também. A condição para o trabalho é a mundanidade (Arendt, 1958). O labor, diferente do trabalho, em resultado, é praticamente desfeito para ser refeito novamente. Como as atividades domésticas que são necessárias para manutenção da vida, mas que não deixa nenhum sinal visível em que se pode reconhecer o esforço. Por exemplo, tem-se a satisfação da limpeza feita, mas logo em seguida a sujeira se instala quase imediatamente.

A docência se distancia do conceito de trabalho de Arendt, pois não há um produto material tangível que seja o resultado final. Também Soratto (2006), tentando enxergar esse possível produto, aponta como inadequado considerarmos a aprendizagem do aluno com esse resultado. Tratar-se-ia de um resultado nunca acabado, fugidio, difícil de medir.

Da mesma forma, Tardiff (2002), quando busca compreender melhor a prática pedagógica escolar, analisa a atividade pedagógica a partir do modelo de trabalho material. O autor considera que, quanto ao resultado da docência, é difícil especificar um produto, pois a socialização dos alunos estende-se por anos e um professor muitas vezes acompanha somente uma fração desse período, o que não permitiria a ele enxergar algum resultado. Mesmo se conseguisse acompanhar, não seria possível distinguir com o que exatamente contribuiu para formação dos seus alunos. São atributos humanos e sociais que resultariam para o aluno. O resultado dessa análise aponta a especificidade da prática pedagógica em função, principalmente, da interação humana, em que não há um “produto” final, visível. O trabalho pode estar presente no momento que o professor cria um planejamento para sua aula ou algum material didático, mas esses ainda são meios que o professor utiliza para realizar sua atividade que é ensinar. Esses produtos podem ficar independentes do professor, mas não são o centro do seu trabalho.

1.2.1.3 Ação e prática pedagógica

Nesta seção buscamos aproximações entre o conceito de ação e a prática pedagógica. Segundo Arendt, a ação é a “atividade que se exerce diretamente entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria”. A condição para realização desta atividade é a pluralidade, ou seja, o fato de sermos todos humanos e ao mesmo tempo únicos. Ninguém é exatamente igual à outra pessoa que tenha existido, exista ou venha existir. Mas só se nota essa pluralidade e quando se manifestam as singularidades das pessoas. E as singularidades de uma pessoa revelam-se com os atos e palavras dirigidos por ela às outras pessoas, ou seja, ocorre durante a ação.

Essa manifestação da singularidade não é uma escolha do sujeito. É o que Arendt denomina de revelação do agente. Na ação, por atos e palavras, os seres humanos mostram ativamente quem são. Sua identidade pessoal e singularidade apresentam-se ao mundo humano como pessoa. Mas a pessoa não sabe que se revela

quando inicia a ação com os outros. Essa revelação é entendida como um risco que a pessoa deve estar disposta a correr quando inicia uma ação. Para Arendt (1958), a revelação do agente por atos e palavras é o que caracteriza a ação como ação, e para isso é necessária a presença de outros. Tal revelação ocorre na esfera pública, onde existe a luz intensa da glória que ilumina as ações.

A ação depende da presença e adesão de outros seres humanos. Assim também a prática pedagógica, para atingir seus objetivos, primeiro tem de contar com a adesão dos alunos à proposta do professor. Analisando-a desta maneira, a prática pedagógica se distancia do labor, ou seja, da repetição, distinguindo-se também da fabricação do trabalho.

A revelação do agente, que ocorre quando dá início a ação, incide sobre uma teia de relações humanas. Nessa teia, há inúmeras vontades e desejos conflitantes, o que pode conduzir à frustração, mas que também é o que pode produzir fatos memoráveis, histórias para serem contadas. Numa ação, toda iniciativa se converte em reação em cadeia, e todo processo é causa de outros processos. “Como a ação atua sobre seres que também são capazes de agir, a reação além de ser uma resposta, é sempre uma nova ação com poder próprio de atingir e afetar os outros” (Arendt, 1958, p.203). Ou seja, a ação e a reação trazem a “ilimitação” como característica.

Essa característica da ilimitação na prática pedagógica remete ao que Woods (1999) aponta como os aspectos sociais da criatividade do professor. Quando o professor pretende propor algo novo, ele deve estar sintonizado culturalmente com seus alunos e com outros aspectos da situação. Não basta o professor ter uma boa idéia. Os alunos têm de cooperar para se realizar um ato criativo. Os atos criativos se desdobram em outros atos criativos e não em bloqueios.

Por depender dos outros, a prática pedagógica apresenta outra característica atribuída à ação que é a imprevisibilidade. Os alunos podem aderir, se opor ou ficarem indiferentes. Perrenoud (2001) apud Soratto (2006) fala que a atividade do professor se realiza na urgência e na incerteza, ou seja, o tempo, muitas vezes, para decidir é curto e

não há como calcular todas as conseqüências de uma decisão nessas condições. Por essa razão agir na urgência e decidir na incerteza é uma das competências exigidas pelo professor. Lessard; Tardiff (2005) e Tardiff (2002) falam da capacidade do professor desenvolver de improvisar diante dos imprevistos. O imprevisto é visto não como uma falta de saber, mas como uma maestria como no caso dos músicos de jazz que para improvisar têm que ter experiência, criatividade e talento.

Para Arendt (1958) é característico da ação o início de algo novo que não pode ser previsto a partir de coisa alguma que tenha ocorrido antes. O fato de que o homem é capaz de agir significa que dele pode se esperar o infinitamente improvável. “É característica da ação só poder ser julgada pelo critério de sua grandeza, porque é de sua natureza violar os padrões consagrados e galgar o plano do extraordinário, onde a verdade da vida cotidiana perde a sua validade” (Arendt, 1958, p.217). “A arte política ensina os homens a produzir o que é grande e luminoso” (Arendt, 1958, p.218). A prática pedagógica quando escapa do ordinário se aproxima da ação no sentido de algo extraordinário, com isso professor e alunos geram algo que ilumina o cotidiano da escola. Como algo a servir de exemplo que pode ser seguido. É criação humana coletiva. Nesse sentido também denominamos as práticas pedagógicas investigadas de extraordinárias, não somente porque não são rotineiras. Nesse sentido, o novo é a transformação de uma situação e de seres humanos. Essa “criatividade” na ação, ou no dizer de Arendt (1958) o início de algo novo, não é a criação de um objeto inédito no mundo. Mas, os próprios seres humanos realizando, juntos, algo que tem significado para eles mesmos e com eles mesmos. E isso resulta em desdobramentos para os próprios sujeitos. E, às vezes, outros sujeitos que irão dar início a outras ações, pois se trata de uma reação em cadeia imprevisível.

Para iniciar uma ação que apresente essas características, o agente precisa de uma virtude política considerada a fundamental por Arendt (1958): a coragem. Sem coragem, a ação e a liberdade seriam impossíveis. Nessa mesma linha, May (1975), argumenta que diante de um período de mudanças, incertezas, limbo, é preciso coragem para viver. Pode-se dizer que passamos por período de mudanças e incertezas na educação. Pode-se escolher fugir, em pânico ante a iminência do desmoronamento de

estruturas tradicionais; acovardar-se diante da perda de referências conhecidas; ficar paralisado, inerte e apático. Segundo o autor, fazendo isso estaremos abrindo mão da oportunidade de participar da formação do futuro. Estar-se-ia “negando a característica mais distintiva do ser humano – influenciar a evolução por meio do reconhecimento consciente -, capitulando frente à força destrutiva da história, desistindo de moldar a sociedade futura mais e mais humana” (p.9). Ou será que devemos lançar mão de toda coragem necessária para preservar os próprios sentimentos, própria consciência e responsabilidade ante a mudança radical? Participar conscientemente, mesmo em pequena escala, da formação da nova sociedade? Atender aos chamados a realizar algo novo, a enfrentar a terra de ninguém, a penetrar na floresta e de onde ninguém jamais voltou para nos guiar. Viver o futuro significa um salto para o desconhecido, e isso exige uma coragem sem precedentes imediatos e compreendida por poucos. A coragem não é ausência de desespero, mas a capacidade de seguir em frente, apesar do desespero.(MAY, 1975).

1.3. Práticas Pedagógicas extraordinárias e o objetivo da pesquisa

Neste trabalho dedicamo-nos a identificar virtudes humanas em práticas pedagógicas, analisando os compromissos éticos dos agentes dessas práticas. Para realizá-lo, procuramos tomar conhecimento de práticas pedagógicas que, por suas características, podem ser entendidas como ação. Nessas práticas, os professores obtiveram adesão dos alunos, os motivaram, houve sentido para a aprendizagem, os professores encontraram sentido em sua atividade, os alunos e professor realizaram a atividade juntos. E se tratou de uma atividade proposta fora da rotina do professor. Algumas vezes é a primeira vez que o professor propõe aos alunos. Em alguns casos, o professor realiza essa atividade eventualmente com os alunos, mas não há garantias de que os resultados serão os mesmos, pois se tratam de outros alunos.

A realização da ação seria uma das atividades que revelariam os homens enquanto homens. Trata-se de uma atividade política, pois depende da presença coletiva e da pluralidade na qual o diálogo, palavras, é fundamental. Essa atividade seria o fazer

que tornaria alguém um ser humano no sentido que nos diferencia dos outros seres. A ação depende de nossa capacidade de nos relacionar de forma democrática e, assim, realizar algo que depende de várias vontades e, portanto da ética para lidar com os dilemas e conflitos dessas situações. Diante disso, entendemos que os professores realizam algumas práticas pedagógicas dando-lhes caráter extraordinário. Nosso objetivo é analisar algumas dessas práticas pedagógicas extraordinárias realizadas por professores de biologia, com ajuda do conceito de ação, com a expectativa de e identificar virtudes que revelem os compromissos éticos dos professores.

1.3.1 Professores comuns, práticas pedagógicas extraordinárias.

Esta investigação busca avaliar se essas práticas pedagógicas extraordinárias são resultado de situações únicas e dependem de qualidades especiais daqueles professores de biologia. Nossa hipótese é que as práticas pedagógicas são extraordinárias, mas os professores seriam comuns. Dizemos isso no sentido de explicitar que não há necessidade de um herói para realizar a atividade docente. Mas, existe a necessidade da busca de uma ação ética no espaço público que existe na sala de aula. Romper com a rotina é visto mais do que como um ato técnico de busca de uma eficiência. É uma combinação de atos e palavras de professores que resultam em ação. Momento que tem adesão de alunos e professores. Romper com a rotina da escola, esforçar-se, enfrentar obstáculos da realidade, são ações que revelam excelência ética o que, por sua, vez revela virtude política. É pressuposto aqui que virtudes políticas inspiram alunos e professores e iluminam o cotidiano rotineiro. Pressuposto que está baseado na certeza que os seres humanos são capazes de realizações admiráveis. Para se Movimentar muitas pessoas para realização de algo coletivo, há de haver um desejo comum. Há, na ação, o sentido da humanização em que as pessoas são livres e agem livremente. Essas práticas pedagógicas extraordinárias nos pareceram promissoras em dar visibilidade ao agir político do professor; agir caracterizado pela revelação de suas virtudes.

1.3.2 Análise das práticas pedagógicas extraordinárias e a revelação do agente

A análise das práticas pedagógicas extraordinárias segundo o conceito de ação foi realizada pela identificação, nas manifestações dos professores nessas práticas, de virtudes políticas que revelassem compromissos éticos dos professores. Do conceito de ação, caracterizado por Arendt (1958), escolhemos a revelação do agente como uma forma de identificar as ações realizadas e sofridas pelos professores no enfrentamento dos desafios, no recebimento de estímulos e dos resultados obtidos naquelas práticas relatadas. Trata-se de procurar conhecer o que fizeram, pensaram e sentiram os professores nessas práticas. Os episódios destacados foram analisados tomando-se como parâmetro virtudes políticas como a coragem, prudência, astúcia, liberdade e honra. A ação é a atividade política por excelência. De acordo com Aristóteles citado por Chauí (1995) o fim da política é o bem propriamente humano. Portanto, a política não se separa da ética nessa concepção. Diante disso, entende-se que as virtudes políticas são aquelas que buscam o bem da sociedade que coincidem com o bem individual de cada cidadão.

CAPÍTULO 2 - DELINEAMENTO METODOLÓGICO

As práticas pedagógicas extraordinárias de professores de ensino médio são o objeto desta pesquisa. Tais práticas são diferentes daquelas realizadas rotineiramente. Interessa-nos as práticas em que os professores fazem um investimento maior de energia, sentem ter realizado um trabalho satisfatório e com as quais os alunos se mostram motivados. Como objetivo principal desta pesquisa pretende-se a analisar práticas pedagógicas extraordinárias a partir dos relatos de professores de biologia do ensino médio, segundo o conceito de ação de Arendt. Neste capítulo descrevem-se a metodologia desenvolvida para se chegar as práticas pedagógicas extraordinárias. Na primeira seção (2.1) *Como planejamos* descreve-se como se pretendia desenvolver as etapas deste delineamento metodológico que consistiram em: (2.1.1) identificação e localização dos sujeitos de pesquisa, (2.1.2) preparação para as entrevistas e (2.1.3) Plano de análise. Na segunda seção (2.2) *Como realizamos* descreve-se o que ocorreu em cada etapa e suas repercussões para pesquisa.

2.1 Como planejamos...

Nesta seção descrevemos como foi planejado o processo de identificação, localização dos sujeitos da pesquisa, a preparação das entrevistas e nosso plano inicial de análise.

2.1.1 Identificação e localização dos sujeitos da pesquisa

Nesta pesquisa considerou-se que as práticas pedagógicas extraordinárias seriam realizadas por alguns professores de biologia do ensino médio e que teriam impactos positivos marcando as lembranças de professores e alunos. A partir desse pressuposto queríamos identificar e localizar esses professores de biologia realizadores

de práticas pedagógicas extraordinárias a partir de lembranças do ensino médio de estudantes de graduação.

Este plano foi estabelecido a partir dos resultados obtidos na prática da pesquisadora como docente em licenciatura no curso de Ciências Biológicas e Geografia e Análise Ambiental de uma instituição de ensino superior privada com atividades para sondar lembranças de estudantes sobre seus professores do ensino básico. Alguns estudantes de graduação atribuem um papel decisivo às aulas e a postura do professor na sua escolha pelo curso de Ciências Biológicas. E a isso se somaram pesquisas sobre formação inicial que enfatizam a importância da lembrança sobre professores da trajetória escolar dos estudantes de licenciatura na constituição da identidade docente como a pesquisa de Quadros *et al* (2005). A seguir descrevemos a estratégia elaborada.

A amostra de estudantes pretendida pertencia à instituição privada onde a pesquisadora atua como docente. O contato com os estudantes seria realizado após aprovação da pesquisa junto ao Comitê de Ética em Pesquisa e a concordância da coordenação do curso de ciências biológicas com a realização da pesquisa com os estudantes.

Para buscar as lembranças dos estudantes seria elaborado e aplicado um questionário que solicitaria o nome do professor, o nome da escola, o ano em que estudou, o endereço da escola e uma redação de até 10 linhas. Este breve texto seria o relato de práticas dos professores de biologia do ensino médio que chamaram a atenção do estudante. Além do relato, seria solicitada ao estudante uma descrição sobre a relação que o professor parecia ter com a docência no período em que o conheceu, isto é, se parecia gostar de ensinar.

Os dados solicitados auxiliariam a identificar um professor que pudesse ter uma relação positiva com a docência na percepção do estudante, permitiria localizar esse professor por meio do endereço informado e ter conhecimento do tipo prática que esse professor realizou e que marcou o estudante em seu ensino médio.

2.1.2. Preparação para as entrevistas

Como o interesse nesta pesquisa foi principalmente ouvir os relatos dos professores acerca do que denominamos práticas pedagógicas extraordinárias a proposta foi realizar entrevistas semi estruturadas individuais, pois dessa forma, poderíamos explorar outros pontos que considerássemos interessantes no decorrer das conversas e ao mesmo tempo obter dados comparáveis obtidos a partir do conjunto de perguntas comuns feitas aos professores.

Para as entrevistas foi elaborado roteiro composto de perguntas que focalizassem o relato das práticas, os seus antecedentes, os desafios enfrentados e suas repercussões. Na elaboração das perguntas foram considerados os possíveis efeitos da palavra “extraordinárias” sobre as expectativas dos entrevistados. Decidiu-se por precaução a não utilização dessa palavra substituindo-a pela expressão “não rotineira” para evitar aumentar a ansiedade do professor em relação ao que seria solicitado na entrevista em função do adjetivo extraordinário.

As entrevistas seriam marcadas por meio de contato telefônico, no local e horário que fosse mais adequado ao professor e informado que a duração seria aproximadamente de 60 minutos. Consideramos que esse tempo não geraria transtorno no cotidiano do professor e seria suficiente para nossa conversa.

No momento da entrevista seria apresentado ao professor o termo de compromisso livre e esclarecido (TCLE) cujo conteúdo tratava brevemente do objetivo da pesquisa, além de outros itens, como o fato de que a entrevista seria gravada. Explicaríamos o contexto em que se inseria o TCLE e a questão da ética na pesquisa e aguardaríamos a confirmação da concordância do entrevistado em participar da pesquisa.

2.1.3. Plano de análise

Pretendia-se fazer transcrições das entrevistas e analisar o material com inspiração em saberes docentes. A partir da análise esperávamos que emergissem as categorias que nos auxiliasse a sistematizar os dados.

2.2 Como realizamos...

Nesta seção descrevemos como foi realizado na busca dos sujeitos da pesquisa, como se processaram as entrevistas e como realizamos nossas análises.

2.2.1 – Buscando os professores

Nesta seção descrevemos como se desenvolveu o que foi planejado no processo de identificação e localização dos professores de biologia realizadores das práticas pedagógicas extraordinárias.

Foram convidados, em outubro de 2007, para participar da pesquisa alunos de graduação nos cursos de Ciências Biológicas das turmas do 1º período da manhã e da noite. E do curso de Geografia e Análise Ambiental a turma do 1º período da noite. Foram escolhidos os alunos do 1º período dos cursos pelo fato de, provavelmente, terem concluído recentemente o ensino médio e o professor do ensino médio ainda ser facilmente localizável.

No momento do convite aos estudantes foram esclarecidos os procedimentos éticos da pesquisa e entregue o questionário em sala de aula que poderia ser devolvido em momento posterior em local e horário combinados. Esse procedimento permitia que o estudante pudesse ter mais tempo para responder as perguntas e buscar as informações solicitadas sobre os professores de biologia do ensino médio e a escola onde estudaram. E dessa forma também reduzíamos o tempo de interrupção da aula dos professores que colaboraram abrindo suas salas para esta pesquisa.

Na turma de alunos do 1º período noturno do curso de Ciências Biológicas, a própria pesquisadora no papel de docente convidou seus alunos para participarem da pesquisa. Foi esclarecido que os dados gerados seriam utilizados somente para localizar os professores.

Cinquenta alunos se dispuseram a responder os questionários, mas tivemos o retorno de vinte e três, dos quais seis eram de escolas privadas e cinco não tinham experiências positivas com professores de biologia, portanto estes onze foram descartados para o contato com professores.

Os sujeitos da pesquisa selecionados foram professores que lecionam no ensino médio em escolas públicas estaduais e municipais da região metropolitana de Belo Horizonte. Para a escolha dos professores foram selecionados os questionários de alunos que estudaram o ensino médio completo ou uma parte dele em escolas localizadas na região metropolitana de Belo Horizonte das redes públicas. Este critério está relacionado ao prazo prescrito para realização da pesquisa no mestrado e de limitações de deslocamento da pesquisadora.

Dos questionários selecionados a partir da descrição da prática e do professor resultaram 12 professores para serem convidados para participar da pesquisa por contato telefônico. Dos contatos resultaram que oito professores não lecionavam mais na escola informada, portanto não eram localizáveis e dois não desejaram participar.

Foram gerados dados com esses questionários, porém a opção foi não analisá-los em função do recorte que decidimos imprimir a esta pesquisa. Em outro momento pretende-se trabalhar esse material para outra pesquisa.

Obteve-se a participação de duas professoras a partir da estratégia dos questionários com alunos. No contato telefônico foi informado a essas professoras que seu nome havia sido indicado por seu ex-aluno. Isso provocou uma sensação de orgulho e satisfação em ambas professoras o que auxiliou numa disposição positiva em participar da pesquisa.

A outra forma de identificar e localizar os professores foi por meio de uma amostra de oportunidade, isto é, por indicações de professores universitários, professores do ensino médio e estudantes de outros períodos. A partir de uma conversa informal explicávamos brevemente o interesse de nossa pesquisa a essas pessoas descrevendo o que denominamos de práticas pedagógicas extraordinárias e perguntávamos se a pessoa conhecia algum professor que já tivesse realizado práticas que se aproximassem da nossa descrição. Foram selecionados mais cinco professores a partir desses contatos. Com exceção de uma professora, os demais quatro professores indicados faziam parte da rede de relações pessoais desses informantes e isso facilitou o contato com esses sujeitos que tiveram maior disponibilidade para a entrevista.

Ao final, entrevistamos sete professores sobre os quais apresentamos a seguir um panorama geral das entrevistas.

2.2.2 As entrevistas

Para iniciar a pesquisa de campo aguardou-se a aprovação do protocolo desta pesquisa no Comitê de Ética em Pesquisa que foi obtida em outubro de 2007. No processo desta pesquisa foram seguidos os procedimentos necessários para o respeito às questões éticas que envolvem a pesquisa.

No início do encontro foram explicados e contextualizados os procedimentos éticos da pesquisa. Após a leitura do termo de compromisso livre esclarecido (TCLE), conversou-se sobre a clareza do conteúdo do documento e a concordância do professor em participar da pesquisa. O TCLE antecipava um pouco o conteúdo da conversa e o objetivo da pesquisa o que auxiliou no andamento da entrevista. Esse momento de leitura do termo de compromisso auxiliou na redução da ansiedade tanto do pesquisador como do entrevistado. Os professores não fizeram perguntas sobre o conteúdo do termo de compromisso livre e esclarecido.

Em função do interesse nas práticas, logo de início, solicitamos o relato das práticas pedagógicas extraordinárias com uma breve descrição destas, porém sem nomeá-la pelas razões apresentadas anteriormente. Como esse processo envolvia a memória comentávamos com o professor que ele poderia lembrar-se de práticas no decorrer da conversa. E por isso avisamos ao professor para que não tivesse pressa em responder. Enquanto o professor buscava em sua memória as práticas conversou-se sobre a sua formação e o seu contexto de trabalho.

Assim, os professores, de modo geral, conversaram primeiro de outros assuntos como sua vida pessoal, sobre sua carreira e sobre a escola. Nesse momento, buscamos estabelecer um clima de confiança com o entrevistado.

Antes de responder a solicitação de relato das práticas os professores introduziram o relato de suas práticas de modos diferentes. Quatro professores depois de comentar sua formação e contexto de trabalho iniciaram o relato diretamente. Um professor sentiu necessidade de explicar as condições da escola e organização do espaço e tempo para iniciar seu relato. Uma professora justificou a necessidade dessa variação na rotina com a realização de atividades diferentes para atrair os alunos para escola. Uma professora inicialmente declarou-se “uma professora tradicional” e a isso associou a questão de dar importância ao conteúdo mesmo em atividades como excursões.

No caso daqueles professores indicados por pessoas da nossa rede pessoal de relações, o conforto foi maior para ambos. Tivemos a sensação de que para esses entrevistados a imagem de professora se sobressaía em relação à imagem de pesquisadora. No processo de marcação da entrevista, nossos informantes, que eram professores e que foram nossos intermediários para sondar a possibilidade de entrevista descreveram a pesquisadora como professora que fazia uma pesquisa o que, acreditamos, facilitou a imediata empatia com os entrevistados. Tratava-se de uma colega de profissão que realizava uma pesquisa isso contribuiu para uma maior proximidade.

Porém, com os professores selecionados através de alunos de graduação, a sensação de desconforto dos professores diante de alguém totalmente desconhecido fazendo perguntas sobre seu trabalho demorou um pouco para se desfazer. Nesses casos, a pesquisadora se sobressaía na visão desses professores, não havia um universo em comum. Na tentativa de construir um espaço confortável para conversa recorremos à busca de identificação pela docência fazendo comentários que demonstravam nossa compreensão da situação descrita por estarmos na mesma profissão.

Nossa forma de conduzir era um misto de perguntas pré-elaboradas e outras que surgiram no decorrer da conversa com cada professor. O tempo proposto para duração da entrevista era de cerca de 60 minutos. Um das entrevistas teve uma duração de uma hora e trinta minutos. Três duraram poucos minutos a mais que 60 minutos e três tiveram uma duração 45 minutos a 48 minutos.

Nas entrevistas com duração maior do que 60 minutos os entrevistados estavam no final do turno de trabalho, sem a preocupação de outro compromisso marcado e uma das professoras não lecionava naquele dia e nos recebeu em sua residência. Essa situação permitiu certa tranquilidade tanto do entrevistado como da pesquisadora.

Nas entrevistas de duração menor que 60 minutos uma professora tinha um compromisso com seu outro trabalho, outro professor nos recebeu no local de sua outra atividade de trabalho, uma clínica, e o terceiro nos recebeu em sua residência, à noite, em suas férias de janeiro. Essas três circunstâncias trouxeram preocupação para a pesquisadora de não estender a conversa para não causar transtorno nas três situações. Nos momentos que julgamos necessário focalizamos nessas entrevistas em alguns tópicos relativos às práticas relatadas, pois havia preocupação de não ultrapassar o tempo informado ao entrevistado.

No decorrer das entrevistas professores se emocionaram em diversos momentos. Diante do dilema da inclusão de alunos e do seu sentimento de angústia de como desenvolver um trabalho que faça diferença para esses alunos, a professora deixou algumas lágrimas virem a tona. Os olhos de outra professora também marejaram quando

relatou do surpreendente envolvimento dos alunos da feira de ciências na escola. E houve uma grande risada de si mesma quando a professora relata o tropeço na visita ao jardim botânico diante dos alunos quando tentava fotografar um fungo.

Nas conversas aparece o tempo semanal dedicado ao trabalho da docência que varia para cada professor e, no caso de dois professores entrevistados, ocorre a dedicação à outra atividade remunerada em outro horário, atualmente, diferente da docência. Uma das professoras também já se dedicou a outra atividade paralelamente a docência, porém atualmente não mais.

Todos os docentes entrevistados em algum momento de sua carreira já trabalharam ou trabalham em pelo menos duas escolas ou pelo menos em dois horários. Além disso, esses professores que lecionam Biologia no ensino médio atualmente, já lecionaram Ciências em outros momentos de sua carreira. E uma professora leciona na modalidade de ensino médio voltado para educação de jovens e adultos (EJA). Todos os professores passaram por concurso e são efetivos em pelo menos uma das escolas públicas que lecionam. Quatro professores estão lecionando na mesma escola desde que iniciaram a carreira.

Ao falar das práticas os professores apresentam como principal razão para realização dessas práticas pedagógicas a preocupação com a aprendizagem do aluno. A mola propulsora é essa relação professor e alunos. Na relação buscam desenvolver a autonomia, a criatividade, responsabilidade, a autoestima e o envolvimento. Para realizar tais práticas buscam recursos próprios, enfrentam obstáculos materiais da escola, buscam formação e buscam cooperação dos colegas professores e dos outros funcionários da escola. Eles se preocupam em ter uma aula interessante para os alunos. Mas os professores também revelam que eles também ficam estimulados com a realização da própria prática. Durante o processo há muita motivação de ambas as partes. Mesmo que essas práticas sejam “repetidas”, de fato, são outras. Pois são outros alunos e a relação com o professor não será mesma a cada vez que é realizada, pois essas práticas têm uma abertura para surpresas, para o novo.

2.2.3. *As análises*

Feita a primeira transcrição completa de uma entrevista, percebeu-se que esse procedimento seria pouco eficiente para chegarmos à análise do material. Optou-se pela descrição analítica das entrevistas por nos permitir uma primeira sistematização dos dados. Trata-se de produção de texto que descreve a entrevista a partir de sua audição selecionando os dados de interesse para a pesquisa. Esse procedimento foi inspirado no trabalho de Júlio (2007) com relação a suas análises descritivas. Nesta audição, foram destacadas do relato categorias referentes aos desafios enfrentados pelos professores na realização das práticas relatadas, dos estímulos recebidos, assim como, dos resultados obtidos. Esse procedimento foi realizado para três entrevistas. Os textos encontram-se no ANEXO C. Essas descrições analíticas nos auxiliaram em uma primeira análise de três entrevistas. Mas não prosseguimos nesse procedimento para as restantes três entrevistas pelo motivo que iremos expor a seguir.

Nossa necessidade era de comparar os desafios, estímulos e resultados nas práticas relatadas pelos professores. Para isso, optou-se por um registro sintético das entrevistas restantes com referência aos desafios, estímulos e resultados das práticas relatadas em um quadro analítico I (ver ANEXO D - QUADROS ANALÍTICOS I: desafios, estímulos e desafios). Isso nos permitiu comparar entre os relatos de práticas de professores o que havia de comum ou não.

Em seguida, foram organizados e analisados esses desafios, estímulos e resultados da prática a partir dos parâmetros de imprevisibilidade e revelação do agente para professor e feita outra análise a partir de dois parâmetros propostos para o conceito de ação (ARENDRT, 1958): o de imprevisibilidade e a revelação do agente (ver ANEXO E - QUADROS ANALÍTICOS II: Análise dos desafios, estímulos e desafios a partir dos parâmetros de imprevisibilidade e revelação do agente).

Dos resultados obtidos nos quadros analíticos II destacamos o parâmetro da revelação do agente que permitiu identificar o que os professores fizeram, sentiram e

pensaram. Esses dados nos permitiram analisar em detalhes o que era revelado dos professores no relato de suas práticas.

Mediante análise dos episódios procedeu-se sua classificação segundo a possibilidade de associá-los às virtudes políticas: coragem, honra, liberdade, astúcia e prudência. A próxima seção apresenta as leituras que fundamentam a escolha deste conjunto de virtudes.

2.2.4 Referencial teórico metodológico

2.2.4.1 Virtudes.

A necessidade de virtudes e a preocupação com a ética aparecem na pesquisa sobre formação e profissão docente sinalizando a complexidade da própria docência, assim como da própria atividade de pesquisa (PERRENOUD, 1993; TARDIFF, 2002; LESSARD; TARDIFF, 2005). Autores já tratados até aqui já sinalizaram a necessidade de virtudes para o exercício da docência. Nesta subseção buscamos na literatura definições acerca das virtudes.

Segundo Chauí (1995) o campo ético é constituído pelos valores e obrigações que formam o conteúdo das condutas morais, isto é, as virtudes. Comte Sponville (1995) inicia suas reflexões sobre a virtude considerando o que é o bem. Para isso, ele considera que o bem só existe na pluralidade irreduzível das boas ações que são várias, mas que nem todas recebem a denominação de virtude ou excelência (em grego *areté* e que latinos traduziram como *virtus*). Segundo esse autor a virtude é uma força que age, ou que pode agir. Assim a virtude de uma planta ou de um remédio é tratar, de uma faca é cortar ou de um homem que é querer e agir humanamente. São exemplo dados por Comte Sponville para dizer que

virtude é poder, mas um poder específico. A virtude de uma faca não é a de uma enxada.... A virtude de um ser é o que constitui o seu valor, em outras palavras, sua excelência própria: a boa faca é a que corta bem, o bom remédio é o que cura bem, o bom veneno é o que mata bem.(p.8)

Nesse sentido apresentado por Comte Sponville (1995), as virtudes, são independentes do uso que se faz delas, como do fim a que se prestam. A faca não tem menos virtude na mão de um açougueiro como na de um assassino. Nessa forma de entendimento para a virtude, a questão moral é indiferente.

Mas, no caso dos seres humanos, a virtude ser poder não basta. Pois há o homem e sua moral. Qual seria a excelência de ser homem que o difere dos outros animais? Comte-Sponville (1995) remetendo-se a Aristóteles coloca que o que difere os homens é a vida racional ao que se soma o desejo, a educação, o hábito, a memória. Ser um ser humano, apresentar humanidade é colocado pelo autor enquanto um valor historicamente constituído e não como decorrência de característica biológica. Essa humanidade não é intrínseca, mas ocorre no cruzamento do biológico com o cultural. A virtude é uma maneira de ser, segundo Aristóteles apud Comte Sponville (1995), mas adquirida e duradoura. É o que somos logo, o que podemos fazer. Mas essa maneira de ser se realiza na convivência humana. Aprender a maneira de ser e agir humanamente, isto é, nossa capacidade de agir *bem*, necessita da presença de outros seres humanos. São as virtudes morais que fazem um homem ser mais humano ou excelente. Isso supõe um desejo de ser humano, desejo de humanidade, sem o qual a moral não seria possível. Esse bem buscado pelas virtudes não é absoluto, não é o bem em si que bastaria conhecer ou aplicar. O bem não é para se contemplar, é para se fazer. Assim, a virtude é o esforço para se portar bem, que define o bem nesse próprio esforço. São valores encarnados, vividos em ato. E os valores não absolutos, modificam-se porque seu conteúdo é determinado por condições históricas. As virtudes para os gregos, na antiguidade, diziam respeito às ações que poderiam ser vistas no espaço público e diziam respeito a *polis*. O compromisso dos cidadãos era buscar a virtude pública, virtude cidadã. O bem da comunidade deveria coincidir com o bem do indivíduo. E essas virtudes deviam ser visíveis como coragem, prudência, moderação entre outros. Após o cristianismo, surgem outros valores, diferentes daqueles da polis grega, como a caridade e o trabalho. E a partir disso, o compromisso a ser mantido era entre o fiel e

Deus. Nesse sentido, as virtudes dizem respeito à interioridade do indivíduo. (Chauí, 1995).

2.2.4.2 Virtudes políticas

Nesta investigação tratamos das virtudes que se relacionam com o conceito de ação de Arendt (1958). Trata-se de virtudes políticas que são características dos agentes da ação. Para Arendt (1958) na ação, as virtudes ou *aretai* não são qualidades que podem ou não ser realizadas, mas, são por si mesmas “realidades”. Em outras palavras, um meio de alcançar seu fim já seria seu fim; e este fim, por sua vez, não pode ser considerado como meio em outro contexto, pois nada há de mais elevado a atingir que essa própria efetivação. A virtude tratada por Arendt relaciona-se ao virtuosismo de um artista, que podem ser motivo de admiração pública como ocorre nas manifestações artísticas.

O virtuosismo se revela no próprio desempenho da ação e não como resultado dela. A autora lembra que os gregos, para falarem da política, utilizam como sua metáfora atividades que a sua excelência e virtuosismo somente podiam ser verificados quando desempenhadas como a dança, a navegação, tocar flauta e pilotar. Arendt apud Pinto inspirado em Aristóteles, coloca que “como todo agir tem elemento de virtude, e o virtuosismo é excelência que atribuímos a prática das artes, a política tem sido com frequência definida como arte”. (PINTO, 2006, p.47)

CAPÍTULO 3- RESULTADOS

Neste capítulo apresentam-se os resultados. Para melhor fluência deste relatório optou-se por colocar um exemplo de descrição analítica da entrevista de uma professora no corpo do texto. Na seqüência, apresentamos um exemplo de quadro analítico I de duas práticas da mesma professora. Analisamos os resultados obtidos a partir da comparação de quadros analíticos feitos para cada entrevista. Apresentamos um exemplo de quadro analítico II, para as mesmas práticas, que resultou da análise a partir dos parâmetros do conceito de ação: imprevisibilidade e revelação do agente. Comparamos e analisamos os dados obtidos para o parâmetro revelação do agente em cada prática relatada pelos professores. Os dados referentes a outros relatos de práticas encontram-se nos anexos C, D e E.

3.1 Descrição analítica individual das entrevistas

Exemplo: Professora Ivana

A professora Ivana leciona há quatro anos em escola estadual e está no magistério há oito anos. Ela iniciou a conversa falando um pouco de sua história pessoal e que estava passando por um momento delicado em que estava frágil emocionalmente. Porém, fez questão de afirmar que mesmo passando por esse período difícil se preocupou em não deixar cair a qualidade do seu trabalho nos locais onde atua. Além da escola estadual, ela trabalha em um projeto de Educação de Jovens e Adultos (EJA) lecionando Ciências em uma penitenciária estadual feminina. Ela comenta que ama o trabalho com EJA e que faz por que realmente gosta, pois a remuneração é pouca. Ela diz que é praticamente um “voluntariado”. Para aumentar sua renda a professora oferece aulas particulares. Ela é um membro ativo da igreja católica local trabalhando em cursos e no coral. Mora desde a infância no bairro da escola estadual onde trabalha.

A professora Ivana depois de relatar sua trajetória escolar conta que gostaria de ter estudado mais, mas precisava trabalhar. E neste momento pretende voltara a estudar.

A primeira prática para o ensino médio relatada pela professora foi o projeto do “bebê-ovo. Essa atividade foi realizada com as três turmas do 1º ano do ensino médio, da manhã, em 2005, com o objetivo de falar sobre a gravidez na adolescência. Apesar do conteúdo relativo a esse tema estar programado para o segundo ano, a professora e seus colegas acharam que seria o momento adequado em função do comportamento dos alunos. A professora achava que estava na hora de ter um diálogo sobre esse assunto, pois eles estavam inquietos e o conteúdo de suas conversas remetia a essa questão. Diante disso os professores tomaram essa decisão de realizar a atividade proposta pela professora Ivana. Nas suas aulas, a professora Ivana fez uma divisão: uma parte das aulas trabalhava o conteúdo da 1º ano e em outras os debates, a mesa redonda para os alunos falarem.

A professora Ivana solicitou a cada aluno que trouxesse um ovo cru. A maioria trouxe os ovos e para aqueles que não puderam trazer, o que totalizou mais ou menos uma dúzia, a professora deu os ovos. Como a escola atende uma comunidade de baixa renda, a professora compreende a diferença que podia fazer um ovo dentro de casa e assim contribuiu com os alunos.

Cada ovo recebeu um carimbo para que não fosse trocado e os alunos tinham de trazê-lo durante sete dias a escola e cuidar dele como se fosse um filho. Eles escolheram o sexo e deram um nome para o bebê-ovo. Os professores de todas as disciplinas se envolveram na atividade.

Na aula de educação artística os alunos fizeram e enfeitaram um berço para o ovo. A professora de química explicou porque o ovo não podia cair. O professor de educação física tratou da questão da higiene. Todos os dias a professora Ivana passava nas salas e conferia o carimbo. Se o ovo quebrasse o aluno teria uma penalidade, os pontos da nota iriam reduzindo, em todos os conteúdos, de acordo com a quantidade dias que ele não conseguisse preservar o ovo. Quanto menos dias preservasse o ovo

mais pontos de perdía. A professora de história fez um histórico dessa prática para cada aluno.

O professor de matemática fez a estatística de quantos dias os alunos tinham conseguido manter o ovo íntegro. Os dados variaram de alunos que conseguiram manter um só dia até aqueles que mantiveram até o final da atividade. Os resultados de acordo com a professora Ivana foram que 65% dos alunos conseguiram preservar o ovo até o final, 35% deixaram quebrar, estragaram ou desistiram durante o processo. Depois os alunos fizeram um relato dizendo o que acharam e como se sentiram sendo pai deste “bebê”. A professora Ivana diz que nos relatórios encontrou respostas como: “não gostei”, “tomou meu tempo”, “eu tinha que olhar, minha mãe não queria olhar para mim”.

Além de trazer para a escola, a professora Ivana sugeriu que os alunos levassem o ovo para passear e o relato desses que levaram foi que “meus colegas me zoaram muito”, “eu acho que é o que aconteceria se eu tivesse que levar um filho”. A professora Ivana acha que os alunos perceberam o quanto é complicado ter um filho, sem planejamento e ainda muito jovem. Diante disso os alunos falaram que iriam tomar mais cuidado, usar preservativo e consultar especialista. No final, foi feita uma farofa com ovos e outros ingredientes doados pelos professores. A professora conta que eles ficaram mais felizes ainda porque normalmente não tem merenda para eles na escola. Mas alguns não quiseram que seu “bebê” fosse quebrado para fazer a farofa.

A professora Ivana frisou sua satisfação com a realização dessa prática e conta que essa idéia foi passada por outra colega também professora de biologia. E assim também ela passou a idéia para diante.

Diante da expressão de incomodo de uma das alunas da turma que era mãe adolescente, a professora Ivana percebeu e decidiu chamá-la para uma conversa pedindo que ela a ajudasse, pois já tinha a experiência de maternidade na adolescência de fato. A aluna concordou satisfeita e dentro das discussões confirmou alguns dos sentimentos relatados pelos colegas na experiência do bebê-ovo. A professora reproduz a fala da

aluna: “é isso mesmo que acontece. As pessoas ficam zoando a gente, quando eu saio carregando meu filho, minha mãe não olha, tenho de olhar tudo, então é uma responsabilidade muito grande, não arrependo pela benção que é na minha vida, mas foi numa hora imprópria.” A professora considerou esse depoimento muito importante.

Nos dias que se sucederam após a realização da prática, a professora sentiu que os alunos tinham mais respeito por ela, pelos colegas, ficaram mais disciplinados, nas datas especiais quando é servido lanche eles são mais educados e até o cuidado com eles mesmos em relação à higiene melhorou. Ela sentiu uma melhora muito grande e até hoje, dois anos após, ainda sente isso. Em 2007 a professora lecionou para essas turmas, no 3º ano, e observou que até hoje tem uma abertura muito grande para conversar com esses alunos. Toda prova final a professora coloca uma avaliação: “A professora Ivana pode melhorar nos seguintes pontos: “e como respostas ela encontra: “muito chata”, “muito exigente”, “fala muito alto”, “prepotente”, “amiga”, “extrovertida”, “sabe dialogar”, “vai direto ao assunto”, “não mede palavras”, “explica rasgado o que a gente precisa saber”. Diante disso a professora Ivana percebe uma abertura maior com os alunos não somente com ela, mas com todos os professores. Percebeu também que há menos conflitos com os alunos e que eles começam a ver os professores com outros olhos e percebem que antes de ser professor é um ser humano. Ela acha que valeu a pena e considerou a prática simples, pois necessitou somente do ovo. Mesmo envolvendo todo grupo de professores da escola e implicando em grande modificação da rotina da escola.

A professora não realizou novamente a prática do bebê ovo, pois começou a lecionar para o ensino médio à noite e considerou que os alunos chegavam muito cansados, pois trabalham de dia e seria muito trabalhoso carregar o ovo durante o dia. Mas ela realizou com as 7^{as} séries.

Entre os desafios da prática percebidos pela professora está a recusa de alguns alunos em fazer essa atividade e, para ela, seriam justamente aqueles que mais necessitariam fazê-la. Mas no final eles participaram do debate. Entre as conseqüências

para recusa, a professora diz que havia a penalidade da perda de pontos nas disciplinas, mas a intenção não era penalizar o aluno, era incentivá-los.

Outra questão que incomodou a professora, mas que era parte do projeto foi o alvoroço dos alunos em função do entusiasmo com a atividade. A conversa sobre o ovo era no final das aulas, mas devido a essa agitação a professora passou para o início das aulas. Os outros professores concordaram com a mudança.

Em relação aos efeitos dessa prática para ela, a professora Ivana fala de como o seu empenho para realização desse projeto resultou em amadurecimento e a percepção do lado humano das pessoas, das relações, da fragilidade do ser humano e da vulnerabilidade. Começou a refletir sobre sua maneira de olhar as outras pessoas até fora da escola, do olhar com certo preconceito sem compreender as razões que levaram a pessoa àquela situação. Isso mudou nela. Ela sente que cresceu muito.

Essa possibilidade de dialogar sobre questões ligadas ao corpo e a sexualidade a professora Ivana relata que não teve quando cursou o ensino médio e isso fez falta. Então essa vivência serviu de referência para pensar sua prática docente e buscar maior abertura e diálogo com os alunos. Ela comenta que aluno, às vezes, não tem coragem de conversar sobre esses temas em casa.

Ela relata que o que ajudou a realizar essa prática foram os colegas, o entusiasmo dos alunos e a necessidade de falar abertamente sobre sexo, de corpo humano de cuidados pessoais de outra forma que não fosse escrever no quadro frases como “devemos tomar banho todo dia”. Ou dizer “isso vale e isso não vale”. Não ficar ditando normas. A professora fala que na prática o aluno chega as suas próprias conclusões sobre o que era bom ou não.

A segunda prática relatada foi realizada em outra escola, em 2004. A professora considerava a atividade como simples, mas esta foi se modificando de acordo com os resultados que a professora ia percebendo, no decorrer das aulas, a cada tarefa realizada. O resultado da primeira aula a deixou surpresa.

Ao iniciar a prática achou que os alunos iriam rir dela, pois parecia simples até “bobo”. No 1º ano do ensino médio distribuiu uma folha em branco e pediu aos alunos fizessem um desenho da parte interna do corpo. A professora comenta seu espanto com localizações equivocadas para os órgãos nos desenhos. Ela fala da resistência para desenhar ao que respondeu aos alunos dizendo que o desenho não era ser bonito, mas para ela perceber o eles já sabiam sobre o corpo por dentro.

Na aula seguinte ela pede para os alunos colorirem os desenhos. Na terceira aula, distribui outra folha em branco, porém a tarefa era montar um corpo, no aspecto externo, como eles quisessem a partir de colagens de figuras recortadas de revistas. A professora percebeu que as imagens de corpos eram muito diferentes de seus alunos. Figuras com cabelos louros e lisos como a apresentadora de programas da televisão Xuxa, bem diferente do seu próprio aspecto físico, corpos idealizados.

Na quarta aula, a professora distribui outra folha e pede que desenhem a si próprios como realmente são. Alguns alunos se recusaram dizendo que não sabem e que não queriam nem tentar, a essa reação a professora interpreta como “medo do real”. Nesse momento a professora relata que parou a aula e teve uma conversa.

Na aula seguinte, a professora diz que os resultados foram profundos, pois os alunos fazem os desenhos de seus corpos já sem medo e a professora relata os elogios que fez: “olha aqui seu cabelo é lindo, você desenhou direitinho”, “olha que legal você fez suas pernas compridas”.

Após o relato da prática com o desenho do corpo humano, a professora comenta que quando começou a atividade tinha como objetivo de tratar de alguns sistemas do corpo humano. Hoje, ela considera um erro ter trabalhado sozinha essa questão nas aulas práticas, no laboratório. Naquele momento ela diz que não tinha muito material para trabalhar, então utilizou revistas velhas que era o que estava disponível. A princípio, a professora relata que subestimou o seu trabalho, mas depois que viu os

resultados ela se valorizou. Ela achava que era um trabalho “banal”, “simples” e “pequeno”, mas depois foi ver a “grandiosidade” dele.

Para falar como percebeu a “grandiosidade” do trabalho a professora diz do seu objetivo inicial que era trabalhar “onde ficava o tubo digestivo direitinho”, entre outros itens e, então, ela decidiu “isolar um pouco esse trabalho” e passou para um outro tema que era o de valorizar o que se tem. Ela diz então que passou de fisiologia humana para autoestima. Nas aulas a professora relata que deixou os alunos bem à vontade nas discussões que eram bem amplas.

Essa mudança ela diz que fez em função do interesse apresentado pelos alunos. Naquele momento ela considerou isso mais importante e depois disse que trabalharia fisiologia de outra forma. Ela lamentou ter feito esse trabalho somente com uma turma de 1º ano, da noite, pois os resultados foram muitos bons.

No comentário sobre os resultados positivos dessa prática a professora inicia dizendo que os alunos na faixa etária do ensino médio, de 15 a 18 anos, estão numa fase em que necessitam de autoafirmação, de sobressair. Ela percebe, nesses alunos, que, às vezes, eles estão com os dentes cariados, mas vestidos com uma calça boa que seria cara para o poder aquisitivo deles. A professora fala sobre a tentativa dos alunos se destacarem pela aparência exibindo tênis de marcas famosas, mostrando a influência da propaganda na mídia. Mas que depois do trabalho feito com eles, ela percebeu uma mudança dos alunos, não de todos, de que a qualidade de vida passa por uma refeição melhor, auxiliar a família, comprar livros, uma mochila que resistisse ao ano todo, o dinheiro para passagem de ônibus para não vir a pé para escola quando vinha do serviço.

A professora sentiu que depois do trabalho houve uma melhora na autoestima, cuidados com eles mesmos e uma abertura maior para o diálogo com ela e entre os alunos. Ela percebeu os alunos ficaram mais cuidadosos com o próprio material escolar. Eles pareciam reservar um dinheiro para comprar um caderno melhor. Ela relata que

ganhou de um aluno um buquê de flores agradecendo o que tinha mudado na vida dele com aquelas aulas.

A professora Ivana concebeu a idéia dessa prática de colagens para o corpo humano a partir da lembrança de uma prática realizada no ensino fundamental em outra escola em que as alunas colavam imagens e palavras de revistas em uma figura de uma cabeça para responder a questão “o que você tem na cabeça?”.

Nesta prática do desenho do corpo, em 2004, com a turma de 1º ano de ensino médio a professora teve como propósito construir uma aula dinâmica, diferente, que fosse mais envolvente para os alunos, pois eles eram do noturno e vêm cansados do trabalho. A professora diz que se preocupa em oferecer atividades diferentes para motivá-los. Essa atividade de cortar e colar figuras e manusear, ler, olhar fotos em revistas era algo que os alunos não têm oportunidade de fazer no seu cotidiano. Durante essas aulas a professora relata que os alunos pediram revistas emprestadas para levar para casa.

A professora fala dos valores que abordou nessa prática do desenho do corpo humano como, por exemplo: não olhar o outro pelo que ele tem e não gastar mais do que ganha. Uma das razões da professora para ter trabalhado com valores é pelo fato dela considerar importante. Ela comenta que em qualquer eventualidade nas aulas aproveita as possibilidades para discutir questões de valores e de ética. Como exemplo cita as aulas de genética quando um aluno se refere de forma pejorativa ao caso das pessoas com síndrome de Down, ela abre uma discussão sobre a questão do respeito da diversidade. Assim na abordagem de temas como ecologia, corpo humano entre outros a professora estimula o debate, a exposição de idéias e posicionamento dos alunos.

A forma de tratar os alunos é um fator que a professora destaca, quando um aluno quer falar na sala, a professora fala para turma “o colega de vocês vai falar agora” e olha nos olhos do aluno e diz “pois não”. Ela assinalou a importância dessa atenção dada ao aluno. Para professora as atitudes de todos aqueles que educam na escola que para ela vai desde o porteiro, passando pelas pessoas da cantina até o professor são

importantes. Isso porque para ela atualmente os alunos vêm despreparados de casa. Ela crê que o aluno tem de saber “pedir licença”, dizer por favor, muito obrigado, que os colegas têm de ser respeitados que tem nome e não apelidos. Além disso, a professora diz se preocupar com a “formação de um aluno consciente, cidadão, que tenha maturidade para pensar, não se envolver em confusões”.

A professora diz que essa questão de sexualidade em sua vida não é por acaso, ela diz que gosta muito de falar sobre o assunto, brinca muito com o tema com os colegas na sala dos professores. Ela comenta que em sua vida pessoal, desde infância à adolescência, foi muito reprimida, os pais tinham vergonha de conversar sobre isso, além disso, eram mais velhos. Ela diz que não havia abertura para esse tema em sua casa e que as informações foram dadas por suas patroas, alguns amigos da família e colegas. Sente que teve certa dificuldade nesses primeiros contatos e deseja que seus alunos não tenham as dificuldades que teve.

Ela descreve a descontração com que trata de assuntos relativos à sexualidade com os alunos no seu cotidiano em sala de aula, mas que essa atitude mais aberta ela construiu pela busca de informações, desde o ensino fundamental, dentro dos próprios livros didáticos e com a ajuda de professores que teve. Como professora participou de vários cursos entre eles o Projeto Afetivo Sexual patrocinado pela Companhia Vale do Rio doce – PEAS Vale.

Quando perguntada se havia valido a pena essas práticas relatadas, a professora diz que com certeza, porque a deixa mais feliz, a aula fica menos monótona, valoriza o ensino, o aluno, o professor e a escola. Ela acentua que variar o cotidiano é algo que tem de ser feito mesmo que o professor não tenha recursos. Ela diz que o professor tem de criar, pois é ele próprio que é beneficiado, se sente realizado. A professora, pensando sobre essa questão da satisfação do professor com o seu trabalho, coloca que o aluno deve ser a prioridade, mas que é importante que primeiro o professor esteja satisfeito com o que ele faz; senão o aluno não será prioritário. Ela comenta que o professor tem de tentar um caminho para realizar o ensino com prazer para ele próprio. Ela reafirma que tem de ser prazeroso para ela, para o aluno, tem de ter investimento do professor,

preparo com antecedência e uma “carta na mão”, um plano B “caso o que foi preparado não dê certo, o professor tem de ter algo pensado antecipadamente. Os planos B, a professora Ivana diz que foi construindo com a experiência, com os desafios, com vivência pessoal. A professora Ivana fala que quando entra na sala de aula não deixa sua pessoa de fora, mas que entra a pessoa Ivana que fará papel de professora. Mas ela reflete sobre o outro lado, de querer “ser professora o tempo todo” em outros lugares, então ela se policia para não ficar “ensinando” as coisas o tempo todo.

Ela considera a profissão de professor “muito nobre”, mas também muito delicada “porque trata com o ser humano”. O professor é aquele que vai permitir que o potencial de alguém se mostre. E, às vezes, isso é “abortado quando o professor não deixa o aluno se manifestar”. Para professora Ivana a manifestação do aluno é muito importante, pois o “aluno é uma pessoa que é única, não há outra igual”, por isso tem de ser tratado como pessoa única, singular. Sobre o aluno, a professora Ivana diz que não se trata de uma “caixa de surpresa” e nem tão pouco de um “campo minado”, é pessoa que vai te oferecer coisas que você nunca teve na vida. Então, a professora considera que o professor tem de possibilitar essa singularidade desabrochar no aluno, mas com limites, com respeito. Muitas vezes o único momento que aluno tem de ser pessoa é na escola.

3.2 QUADROS ANALÍTICOS I: desafios, estímulos e resultados

Na seqüência, os desafios, estímulos e resultados identificados nos relatos das práticas dos professores foram sistematizados em um quadro analítico I o que permitiu visualizar de forma sintética essas mesmas categorias nas práticas relatadas pelos sete professores entrevistados. Esse processo permitiu perceber as semelhanças nos desafios, estímulos e resultados obtidos pelos professores em suas práticas. Para se ter idéia da estruturação do quadro colocamos um exemplo do quadro e, em seguida, apresentamos uma análise descritiva dos desafios, estímulos e resultados das práticas obtidos pela comparação dos quadros analíticos feitos para cada professor. Os quadros referentes aos outros professores encontram-se como anexo.

**QUADRO ANALÍTICO I:
Desafios, estímulos e resultados identificados nas práticas dos professores**

Prof.	Prática	Desafios	Estímulos	Resultados
Ivana	Projeto do bebê -ovo.	<p>Não adesão de alguns alunos a atividade.</p> <p>Aumento da agitação dos alunos com o projeto do bebê-ovo.</p> <p>Ajustar o tema que não era previsto para aquela série dentro do conteúdo previsto.</p> <p>Alteração do planejamento de todas disciplinas em função da questão que se vivia com aqueles alunos naquele momento.</p> <p>Convencer uma aluna a participar na atividade, pois ela não via sentido nisso, pois já era mãe adolescente.</p>	<p>Professora gostar do tema sexualidade e achar importante para formação do aluno.</p> <p>O tema era de grande interesse para os alunos.</p> <p>Professora percebeu a necessidade de discutir o tema em função do comportamento inquieto dos alunos em relação ao tema.</p> <p>Os colegas professores terem concordado em participar do projeto também achar necessário para aquelas turmas.</p> <p>O entusiasmo e envolvimento dos alunos.</p> <p>A história pessoal da professora com a questão da aprendizagem sobre sexualidade.</p>	<p>Os alunos conseguem expressar seus sentimentos, suas idéias e valores.</p> <p>Os alunos mudam de atitude parecendo ter amadurecido em relação ao tema.</p> <p>O professor gostou de fazer essa atividade e os alunos também.</p> <p>Envolvimento grande dos alunos.</p> <p>Interesse de outras turmas que souberam do projeto com os primeiros anos do ensino médio.</p> <p>Maior abertura do relacionamento dos professores com os alunos dessas turmas depois da realização da atividade com duração dos efeitos pelos anos seguintes.</p>
	Desenho do corpo humano.	<p>Medo da professora de os alunos considerarem a atividade "boba".</p> <p>Ter pouco material para desenvolver atividades diferentes com os alunos.</p>	<p>Ter realizado outra prática semelhante em outra escola.</p> <p>O envolvimento do aluno durante a prática.</p> <p>A percepção da necessidade de outra abordagem do tema com os alunos.</p>	<p>Melhora na autoestima, na relação ao próprio corpo.</p> <p>Professora fica mais entusiasmada quando percebe que o aluno melhora sua autoestima.</p> <p>Aluno agradecido presenteia professora com buquê de flores por gratidão pela aula.</p>

3.2.1 Análise dos quadros analíticos I: desafios, estímulos e resultados.

Entre os desafios comuns, enfrentados pelos professores para realização das práticas, encontramos a questão da organização do tempo e espaço da escola; dentre outras questões, identificamos: a duração insuficiente das aulas para realização das práticas; a quantidade de alunos por turma que dificulta a realização de atividade de laboratório, a falta de um laboratório, de materiais.

Um dos grandes desafios dos professores está, também, em motivar os alunos não somente em se interessar por aulas da biologia, mas em vir à escola. Nesse ponto, os professores percebem o desafio que é conjugar o que deve ser ensinado com a vida do aluno. A heterogeneidade dos alunos em sala se apresenta como um enorme desafio. São variações culturais, econômicas, de aprendizagem, de leitura e escrita entre outras. Na mostra de professores dessa pesquisa há aqueles que atendem desde jovens que somente estudam aos que também trabalham, os adultos, os deficientes visuais, auditivos, ente outros. Cada sujeito que chega a escola apresenta suas especificidades que são desafios para os professores.

Mesmo com atividades que se pretendem estimulantes, alguns alunos não aderem, mesmo que a maioria dos colegas se envolva, reações individuais de recusa ou resistência à atividade apareceram como desafios a serem enfrentados pelos professores.

A relação com os colegas de trabalho, no caso dessas práticas relatadas ,tem sido apresentada como estímulo para a realização da alteração da rotina de trabalho. Os professores entrevistados elogiam o grupo de professores com os quais trabalham destacando a união do grupo. Mas pode ser também fonte de desafios, pois os professores podem não concordar em sair de sua rotina como uma das professoras relatou.

A reação de entusiasmo dos alunos diante das propostas de atividades fora da rotina tem sido apresentada como estímulo para a realização das atividades, porém esse

envolvimento não está garantido. Caso os alunos não se envolvam com a atividade o resultado da mesma pode ficar comprometido.

Alguns professores apresentaram, como fator que auxilia na realização das atividades diferentes de sua rotina, a disponibilidade, na escola, de recursos áudio visuais como televisão, aparelho de DVD, projetor de data show, retroprojetor, computadores, entre outros.

Alguns professores aproveitam acasos que ocorrem na escola e tentam conjugar com as atividades diferentes da rotina. Uma das professoras foi estimulada a fazer algo diferente da sua rotina quando realizou um trabalho colaborativo com uma estagiária de licenciatura. Outra professora aproveitou uma palestra de nutricionistas na escola para desenvolver uma das atividades do projeto com alunos. Oportunidades com pessoas que podem ser parceiros do professores na realização de suas atividades podem ser estímulos para modificação da prática.

Entre os resultados obtidos com essas práticas diferentes da rotina está maior envolvimento dos alunos na disciplina, melhora do relacionamento dos alunos com os professores, maior satisfação dos professores com a realização das atividades, reconhecimento do trabalho dos professores pelos alunos, pelos outros professores e pela comunidade. Dos resultados, alguns professores destacam sua satisfação quando o que ensinam de fato contribui para mudar a vida do aluno, pelo menos, minimamente. Esse feed back para alguns professores se dá na hora que o aluno comenta que conseguiu fazer a prova de biologia do vestibular, mudou a alimentação do filho por causa do que aprendeu, consegue perguntar questões sobre sexualidade para ele sem receio, produz um trabalho para feira de ciências mostrando criatividade e interesse.

Para esta análise foram comparados, nos relatos dos professores, os desafios, estímulos e resultados relativos às práticas. Essa duas etapas iniciais, a descrição individual e o quadro analítico I, nos auxiliaram a compreender melhor os relatos das práticas que foram permeados de outros temas que envolvem a profissão docente como

desvalorização da profissão docente, história pessoal, entre outros, mas que não eram objeto de nossa análise.

3.3 QUADROS ANALÍTICOS II: Análise dos desafios, estímulos e resultados a partir dos parâmetros de imprevisibilidade e revelação do agente

Nesta etapa de análise apresentamos um quadro analítico II - de um professor - em que se destacam os desafios, estímulos e resultados sob a perspectiva dos parâmetros imprevisibilidade e revelação do agente derivados do conceito de ação. Na sequência apresentamos uma descrição analítica comparando os resultados do parâmetro revelação do agente das sete entrevistas. Os quadros analíticos II dos outros professores encontram-se como anexo.

Categoria /professor	Ivana – bebe ovo	
	Imprevisibilidade	Revelação do agente
1)Desafios	Recusa do aluno em realizar a prática do bebe ovo. A agitação dos alunos durante as aulas em função do projeto. Uma aluna adolescente que era mãe que estava incomodada com o projeto do bebe ovo. Risco dos alunos quebrarem os ovos de propósito. Quebra acidental dos ovos.	Professora mudou a organização das aulas das turmas do primeiro ano para dar o conteúdo e fazer o projeto do bebe ovo. Professora conversa com a aluna que é mãe adolescente para exercer um papel de destaque com seus depoimentos. Professora não teve medo dos alunos quebrarem os ovos. Professor propõe trabalho em conjunto com outros professores das mesmas turmas e consegue adesão.
2)Estímulos	Os colegas professores concordaram com a proposta da prof Ivana de trabalhar a questão da sexualidade juntos no primeiro ano do ensino médio apesar de ainda não ser o conteúdo programado. A relação pessoal positiva com o tema.	A ausência de diálogo sobre sexualidade no ensino médio da professora foi um fato que contribuir para gerar essa prática. A percepção da professora de um comportamento agitado dos alunos que mostrava a vontade dialogar sobre o tema. A necessidade da professora de falar sobre o assunto de uma forma mais aberta, sem ficar ditando normas. A experiência pessoal da professora de passar dificuldades por falta de informação quando ainda adolescente também contribuiu para que ela considerasse importante a realização de uma prática como essa. Professora buscou formação em relação ao tema.
3)Resultados	Os alunos da outras séries ficaram interessados no	Professora percebe amadurecimento, percepção do lado humano das pessoas,

	<p>projeto. Uma abertura maior para conversar com os alunos. Redução de atritos de todos professores com os alunos, Ao alunos começaram a ver os professores com outros olhos e percebem que antes de ser professor é um ser humano. Entusiasmo do professor</p>	<p>Ela sente que cresceu muito. Ela sente que os alunos amadureceram em seu comportamento. Ela percebe que há maior abertura para o diálogo com os alunos. Ela fica satisfeita, orgulhosa pelos resultados obtidos na prática.</p>
--	--	--

QUADRO ANALÍTICO II
Análise dos desafios, estímulos e resultados a partir dos parâmetros de imprevisibilidade e revelação do agente.

Ivana – desenho do corpo humano		
1)Desafios	<p>Imprevisibilidade</p> <p>Os alunos demandam falar da questão da autoestima. Perceber que os alunos não aceitavam sua própria imagem. Perceber que os alunos não tinham a menor idéia da parte interna do corpo humano.</p>	<p>Revelação do agente</p> <p>Professora tem medo dos alunos acharem a atividade “boba”, mas realiza mesmo assim. Professora cria atividade a partir do material disponível na escola como papel branco A4, revistas velhas, cola e tesoura. Professora decide que há uma questão mais urgente que o conhecimento da anatomia do corpo humano que é da autoestima do aluno em relação ao corpo.</p>
2) Estímulos	<p>Os alunos se envolvem com a atividade. Professora já ter realizado atividade semelhante em outra turma de outra escola deu inspiração para essa prática.</p>	<p>Professora percebe que as aulas com a atividade de pensar o próprio corpo e a questão da autoestima tiveram um efeito mais motivador nos alunos. Professora considera importante contribuir para formação do aluno em relação aos valores.</p>
3) Resultados	<p>Os alunos sinalizam mudanças de comportamento em relação a si próprio. O aluno presenteia professora com buquê de flores.</p>	<p>Professora achava “bobo” o trabalho depois quando vê o resultado percebe a grandiosidade do trabalho em relação ao efeito com os alunos. Professora sente reconhecimento pelo trabalho com o recebimento de buquê de flores.</p>

3.4 REVELAÇÃO DO AGENTE

Nesta seção iremos apresentar uma descrição analítica a partir da comparação do parâmetro revelação do agente elaborado para cada professor. Para aplicação do parâmetro da revelação do agente verificamos qual havia sido a ação que o professor

desenvolveu diante dos desafios, estímulos e resultados identificados nas práticas relatadas. Ou seja, o que o professor fez, pensou e sentiu nessas práticas relatadas.

3.4.1 Os professores e os desafios

Alguns desses professores, para realizarem as práticas que saiam da rotina de suas aulas tiveram, muitas vezes, que modificar a rotina da escola, alterando a organização do tempo e do espaço da escola. Diante desse desafio, os professores negociaram com os outros colegas para que aderissem a essa alteração. Os professores, ao realizarem práticas desse tipo, muitas vezes, têm de contar com a adesão de colegas, além da dos próprios alunos para a realização. Essa busca de adesão, tanto dos colegas professores como de alunos, pode não ser bem sucedida. Os outros professores podem se sentir incomodados com a alteração da rotina ou mesmo os próprios alunos podem não apresentar o interesse esperado pelo professor. As situações são complexas e o professor tem de iniciar algo novo correndo o risco de dar errado, pois o sucesso depende de um acordo com as pessoas e sua sintonia na atividade.

A necessidade de motivar os alunos para que vejam sentido na escola é um dos desafios apontados pelos professores. Para tentar lidar com isso alguns professores relatam que atendem as demandas dos alunos na medida do possível, buscam atividades que saiam da rotina e que os alunos sejam os protagonistas das atividades. Estimulam e dão oportunidade para a criatividade e autonomia dos alunos.

Outro desafio são os alunos que não aderem de imediato às propostas ou aqueles que se recusam mesmo a participar. Nesses casos, as professoras que relataram esses desafios não desistem do aluno e tentam compreender a não aderência a atividade e buscam formas de inserir o aluno de outra maneira dentro da atividade. As professoras têm a sensibilidade para perceber a situação e negociam com esses alunos.

Para realização das práticas os professores lançam mão do que está disponível na escola como DVD, sala de informática ou mesmo revistas velhas e tesoura. Enfrentam a

falta de recurso ou o temor de não saber lidar com a novidade dos recursos tecnológicos. Percebem a oportunidade do acaso como a presença de nutricionista com uma palestra que tem relação com projeto em desenvolvimento. A relação com os recursos aparece nos relatos de formas diferenciadas. Uma professora utiliza o máximo que pode com os recursos que a escola oferece e acha que para melhorar as aulas deve-se lançar mão do que estiver ao alcance assim como oportunidades do acaso. Outra professora usa materiais simples; com um ovo modifica suas aulas, com coisas simples. Surpreende o aluno com o inesperado: Criatividade do professor, mas que vem dentro de um projeto em conjunto entre os professores. Não se trata de um simples ovo, por trás há o trabalho de uma equipe de professores que foi iniciado pela professora de Biologia.

3.4.2. Os professores e os estímulos

Em relação aos estímulos ou facilitadores para realização dessas práticas, identificamos que a relação que o professor tem com o tema abordado na prática relatada contribuiu para sua realização. Ou seja, quando o professor gostava do assunto facilitava sua realização como a questão da sexualidade para as professoras que relataram atividades voltadas para esse tema. Outro facilitador foi o fato de professoras possuírem uma formação nesses temas, ou seja, elas buscaram o aporte da formação continuada. Isso, somado a relação pessoal que possuíam com o tema, além de o considerarem importante para a vida do aluno, fez com que elas se sentissem à vontade. Outro fator que parece ter sido um facilitador é experiência do professor com certas práticas em outra atividade que exerce ou exerceu profissionalmente. Como no caso do professor que trabalha com a área de saúde e lida, no seu cotidiano, com prática de laboratório para exames clínicos e a professora que exerceu a atividade de farmacêutica. Isso é um facilitador, mas não estimula a ponto de incitar o professor a fazer a atividade. Como no caso do professor que, apesar de ter trabalhado com excursões em uma instituição pública, na escola pública onde atua desistiu das excursões. Depois de ter tentado, obteve um resultado insatisfatório com seus alunos e explica que sentiu falta de uma estrutura que o apoiasse melhor.

Para sair da rotina o facilitador é a capacidade do professor para perceber as necessidades dos alunos nas aulas, como a da professora que percebe, pela agitação da sala, o interesse e a necessidade dos alunos de uma conversa sobre sexualidade, os temas de suas conversas e brincadeiras girando em torno do assunto fizeram-na decidir por uma atividade que tratasse da questão. Dentro do que parece aparente indisciplina, agitação rotineira a professora tem o insight de uma mudança e, nesse momento, tem início uma ação. Um tema que aparece repetidamente nas aulas A percepção das demandas dos alunos por meio da observação cotidiana, na convivência com os alunos permitiu aos professores perceber o que poderia interessar aos alunos e como isso se ligaria ao conteúdo da disciplina de Biologia.

A percepção da professora da resposta positiva do aluno a proposta da atividade também estimula a realização da atividade.

3.4.3 Os professores e os resultados

Em relação aos resultados ou efeitos identificados nos relatos dos professores percebe-se a satisfação dos mesmos no envolvimento dos alunos nas atividades. Os professores falam da marca que essas atividades deixam na memória dos alunos como sinal de que valeu a pena. A cobrança de alunos de outras turmas para que a atividade seja feita com eles também é um resultado inesperado que os professores relatam. As repercussões extravasam para pontos inesperados. Como pais que aparecem na escola para conversar com o professor sobre uma aula de doenças sexualmente transmissíveis com a qual seus filhos ficaram incomodados.

Esses momentos permitiram conhecer potenciais desconhecidos dos alunos. Os professores ficam surpresos com os talentos que os alunos revelam nessas oportunidades, o empenho e a criatividade. Entre os resultados está o reconhecimento do esforço do professor dos alunos na realização da atividade. Mas a satisfação maior está presente na duração da prática. Naquele momento os alunos e os professores deixam de lado as atividades da rotina, da repetição do labor. O sentido do fazer está no

fazerem juntos. No final, não há um produto como no trabalho, mas uma ação em que os agentes iniciadores dessa ação se revelam dentro da pluralidade que está presente na sala de aula e, nesse momento, permite a aparição das singularidades.

CAPÍTULO 4. ANÁLISE A PARTIR DAS VIRTUDES POLÍTICAS

4.1- Coragem

A coragem é uma das virtudes necessárias para a ação enquanto ato político (ARENDDT, 1958), e que se apresenta nas práticas relatadas pelos professores de biologia entrevistados. Encontra-se na ousadia de propor práticas que aumentam o grau de imprevisibilidade que já está presente no cotidiano do professor, no enfrentamento de dificuldades como a organização do tempo e do espaço na escola, a duração de cinquenta minutos de uma aula, a falta de um laboratório e quantidade de alunos por sala. Isso exige que o professor articule com os colegas professores para que possa realizar o que pretende. Nesta ação o professor se dispõe a correr o risco de se revelar para os outros.

As condições cotidianas de trabalho com sua rotina oferecem a segurança de maior previsibilidade e menos riscos. Sair da rotina que oferece segurança exige coragem como diz Arendt (1958)

A conotação de coragem, que hoje reputamos qualidade indispensável a um herói, já está, de fato presente na mera disposição de agir e falar, de inserir-se no mundo e começar uma história própria. E esta coragem não está necessariamente, nem principalmente, associada à disposição de arcar com as conseqüências; o próprio ato do homem que abandona seu esconderijo para mostrar quem é, para revelar e exhibir sua individualidade, já denota coragem e até mesmo ousadia. (p.199)

Provocar uma certa desordem na escola para realização de uma prática não rotineira envolve estar disposto a entrar no palco, suportar os refletores, chamar atenção e isso pode gerar adesão de alguns e de outros não. O professor assume os riscos potenciais na realização das práticas que estão relacionados à reação dos alunos, a de seus colegas professores e da comunidade quando modifica a rotina da escola em função de algo que cria.

As práticas ligadas ao tema da sexualidade, em quatro relatos de professores, geraram situações difíceis e imprevisíveis como a vinda dos pais a escola para conversar

com o professor porque seus filhos rejeitaram as aulas sobre o tema. Com o diálogo o professor Félix resolve a questão com os pais que assistem às aulas por convite dele.

“(...) lembro também, uma vez a gente tava dando uma aula e...a gente tava juntando a turma e fazendo um trabalho de aula expositiva e vídeo, ao mesmo tempo, a gente tava falando sobre educação sexual. Então, achei muito interessante que muita coisa que eu falei despertou a atenção dos alunos. E tinham alguns alunos na escola, não foram dois ou três foram vários, eles ficaram assim...um pouco vamos dizer assim ...receosos como que eu falei e ficaram com a “pulga” atrás da orelha, né. Questão da formação, de princípios familiares, eles achavam que eu tava extrapolando um pouco. E falaram com os pais que eu tava falando muita coisa lá na sala digamos que não convinha com o vocabulário deles. E os pais me procuraram. E neste mesmo dia eu ia dar essa aula pra outra turma, os pais me procuraram....a mesma aula que eu dei ontem eu vou dar hoje, e convido vocês a assistirem.Pra vocês verem se tem alguma coisa a mais, se vocês acharem que tem...

Eles assistiram a aula, no final me agradeceram por estar ensinando isso pra os filhos deles....Os pais assistiram e também a diretora. Os pais foram até a diretora. Chamei a diretora e os pais e falei faço questão que vocês assistam da mesma forma que eu dei aula ontem, vou dar aula hoje. No final os pais me agradeceram muito. Disseram que era um assunto que tinham relutância em passar para os filhos por questão de ...conhecimento e que eu estava passando na língua deles e que isso era muito bom que não tinha nada de mais.

A professora Rita torna sua atividade com modelagem em argila visível não somente para os alunos, mas para toda a escola. Ela entra na sala dos professores das aulas anteriores a dela para falar com os alunos para se organizarem para a prática. No final da sua aula, os alunos terminam com as mãos sujas de argila e pedem ao professor do horário seguinte para lavar as mãos e assim perdem alguns minutos até reorganizar a sala. Ela não teme estar incomodando os colegas com suas interferências e mudanças na organização da sala. Os funcionários da escola auxiliam com a limpeza extra da sala de aula em função da sujeira que a atividade gera. Todos na escola ficam sabendo que a professora está fazendo algo diferente.

Não, eu pedi o seguinte: amanhã nós vamos precisar de argila, 2 quilos pra cada grupo, ai eu falo quantas pessoa em cada grupo falei de 4 a 5, vocês se dividam, eu não vou ficar guiando ninguém, eu dou muita autonomia e ai no intervalo de uma aula pra outra incomodo muito os professores porque eu acho a minha matéria a mais importante (risos) mas acho que todo professor biólogo, né?) bato na porta dos outros, incomodo mesmo, sabe?

Incomodo assim “olha antes de eu chegar...só um recadinho professor” antes de eu chegar todo mundo sentado em grupo. Quando eu chego tá todo mundo brincando com aquele pacote argila, ai chego já com a garrafa PET, né?

Quando eu saio o sinal já bateu, né? E aí os meninos vão “professor, pode lavar a mão?” aí, o professor de português fica meio..

M_ fica meio chateado?

Ficam meio chateados porque eu to saindo deixando a sala bagunçada. Mas eu acho que português tem 4 aulas, acho que uma só não custa. Falo com ele, não, não tem problema não. Então o grupo é muito unido, sempre que tem um evento assim, a gente se preocupa de tá incomodando, “a gente”, né?

Na prática do teste sangüíneo o professor Felix se propõe assumir o risco potenciais de uma prática desse tipo. Mas ele conversa e explica aos alunos os procedimentos de segurança e confia na capacidade dos alunos de realizarem a prática. Na escola não há laboratório e equipamentos para prática. O professor comprou o material com seu próprio recurso, não solicitou para a escola. E usou a sala de aula para a atividade. E ainda contou com a colaboração do professor do horário seguinte para poder dividir a turma e ficar com um horário dobrado para fazer a prática. Todos na escola têm notícia da prática de tipo sangüíneo e cobram do professor quando terão a mesma prática. A prática é notícia na escola.

Nessa ocasião foi muito interessante, porque como despertou o interesse dessas turmas do terceiro ano, o resto da escola ficou interessado. Eram três turmas, então eu fiz nas três, eu fiz em três dias diferentes, então o resto da escola ficou interessado. Passava na sala via que tava acontecendo alguma coisa diferente. Os primeiros e segundos anos: “professor, quando você vai fazer com a gente?”(...) eles ficaram curiosos. Aí eu falei: “olha, essa prática é do terceiro ano, né? Mas, como curiosidade, a gente pode fazer numa outra aula, num outro dia. Mas a coincidência é que isso dava sempre no final do ano. E justamente, ia acontecer uma feira de cultura na escola. Aí o que nós fizemos, pegamos uns alunos do terceiro ano, os que estavam mais interessados, os que participaram melhor, de 98 (1998), e na feira de cultura nós fizemos. Apresentamos esse trabalho com a identificação dos grupos sangüíneos e tipo de doenças que eram transmitidas pelo sangue, doenças do sangue também, metabolismo. Então, na feira foi muito interessante, pois eles tiveram oportunidade de fazer com alunos que quisessem ou com visitantes, então foi muito interessante que abriu para comunidade esse trabalho”.

A coragem também se apresenta nos alunos que numa atividade sobre sexualidade começam a expor suas dúvidas e conversar sobre um assunto que é considerado tabu. Fazem modelos em argila dos órgãos, das células e de etapas relacionadas à reprodução expondo sua habilidade, seu conhecimento, seu talento e criatividade diante do professor e dos outros colegas da sala. Essa coragem dos alunos tem relação com a coragem demonstrada pela professora ao abordar o tema da forma

como abordou. Ela usa os palavrões que na linguagem vulgar designam os órgãos para explicar aos alunos reconhecendo a existência dessas denominações e propondo a substituição por nomes científicos. A professora relata que os alunos a chamam de “louca” por esta atitude, que pode se traduzir como a coragem de se expor à desmoralização, ao ridículo, mas com a intenção de ser surpreendente para ensinar.

Moldam. Ai, algumas fazem bem pequeno outras já fazem... e a gente percebe que o aquelas que fazem o seio pequeno é porque elas tem o seio pequeno que elas conhecem só daquele jeito,né? E aquelas que tem o seio mais avantajado já fazem mais...né? Exuberante. Os rapazes conhecem muito pouco o seio, sabe? Então, os detalhes da aureola eles não colocam, eles conhecem muito a nomenclatura vulgar. Mas ai eu sempre faço concessão não me importo também, falo o nome vulgar,mas sempre substituindo.Falo com eles que a gente vai substituindo um pelo outro, falo pouco o que eles conhecem, ele ficam “nossa, professora é louca (risos dela) mas falo faço questão. E depois que fala e surte aquele efeito assim...fica todo mundo horrorizado..e a gente substitui, e nós vamos substituindo. Quando eles vão falar eles tentam o nome vulgar e eu peço substituir e ai eles vão tentando buscar o que eu falei e ai acaba substituindo então eu percebo que uma aula dessas é inesquecível.(Profª.Rita)

A coragem dos alunos aparece na atividade de debate sobre temas atuais em biologia do professor Gustavo. Os alunos tímidos e calados criam coragem, pois o clima criado na discussão é tão empolgante que o medo de não saber, de aparecer, enfim de ser, são suplantados pela coragem e vontade de existir, de ser, de brilhar também. E o professor Gustavo quando percebe essa coragem incentiva e elogia estimulando para que eles falem e ele ouça, porque a idéia é “ajudar o outro vencer a si mesmo, a lutar contra a apatia, contra o medo, a lutar contra tudo aquilo que, impede-o de tornar-se outro, de encontrar-se, de educar-se” (GAUTHIER, 1998, p.350). E assim os alunos não somente ouvem o professor, mas percebem seus próprios comentários como importantes e reconhecem seus pares como criadores de um diálogo de valor. (FREIRE E SHOR, 1986).

M: o que te estimula a fazer esse trabalho...

Os meninos que não tem muita participação na aula, neste trabalho (apresentações) eles participam mais.

M: E você acha que tem um resultado bacana com os meninos?

Tem.

....

Ai aquele menino ele fala uma coisa lá,né? Uma coisa normal, eu incentivo, beleza, isso mesmo cara, você puxa ele para discussão....ai o menino se sente estimulado a continuar participando mais, ...só de falar isso o menino se sente estimulado a continuar participando.

A coragem manifestada nas práticas pedagógicas extraordinárias por professores e alunos permite ao professor perceber que sua ousadia pode gerar uma atividade original, mas porque contou com a adesão dos alunos que também precisaram mostrar sua coragem.

Os professores entrevistados, quando da revelação da coragem dos alunos, percebem o valor desse ato e quando menos esperava isso de determinado aluno mais valiosa é a coragem. O enfrentamento do espaço público criado no encontro dos seres humanos necessita de coragem. Essa virtude com certeza, conjugadas a outras, contribui para formação em que o aluno descubra seu próprio talento.

Em relação à coragem foi possível perceber sua presença nos atos de professores e naqueles atos dos alunos narrados pelos professores. Essa coragem dos professores é orientada pelo sentido de fazer o bem ao outro que é o aluno. Eles se arriscam, mas os riscos que os professores se submetem são medidos. Não se trata de uma coragem tola. Essa coragem é sábia traduzida em prudência. De acordo com Freire (1987) essa coragem trata dos medos que o professor sente como da rejeição dos alunos diante de suas propostas, constrangimento de reaprender sua profissão, a necessidade de recriar seu trabalho entre outros. O professor tem o direito de sentir medo, entretanto é importante estabelecer limites para esse medo. O autor reflete que sentir medo é normal, mas que não pode permitir que esse temor imobilize o professor.

A coragem é virtude necessária para o fazer político e, nos relatos do professores em suas práticas, ela é identificada. Mas não se trata de mera autoexibição. Essa coragem é orientada pela ética e conjugada com a prudência.

4.2-Prudência

A coragem é uma virtude que vem acompanhada de outra: a prudência. A prudência comporta ao mesmo tempo um aspecto cognitivo, porque ela ajuda a discernir

o dever ser, e um aspecto ético, porque leva a agir em função de valores (Brihat,1996 apud Gauthier,1998) . É uma capacidade de agir bem.

A professora Ivana percebe que o comportamento dos alunos de 1º ano do ensino médio sinalizava uma necessidade de tratar de questões relativas à sexualidade que estava programada para o 2º ano. Porém, sua prudência somada a sua coragem de agir fez com ela iniciasse uma prática que teve resultados satisfatórios. Ela achou prudente não aguardar o próximo ano, percebeu a urgência dos alunos. A decisão do que fazer passou pela questão do que seria melhor para os alunos.

Os alunos do primeiro ano naquele momento eram, assim, um pouco imaturos, estavam naquela fase de hormônio a flor da pele, os assuntos deles na sala eram voltados para isso, os palavrões, as brincadeiras. Eu achei que esse lado estava bem aguçado, como reprodução e corpo humano era ano seguinte, eu não quis esperar, porque esse projeto eu dou mais à frente, mas eu achei que era uma matéria do segundo, mas o momento era do primeiro ano. Então resolvi dar esse projeto. Propus para os professores, todos eles concordaram e falaram que era isso mesmo.

A professora Ângela teve de decidir qual será o tema do projeto a ser tratado com as turmas de educação de jovens e adultos do ensino médio e nessa decisão considera o sentido que esse conhecimento terá para a vida do aluno. O projeto bioquímica da alimentação inclui uma sucessão de decisões da professora que foram guiadas pelo que ela considera que seja mais interessante para o aluno. De acordo com os acontecimentos, a professora foi tomando as decisões e providenciando as condições para realização das práticas. Na prática na cozinha foi gerada a prática seguinte que seria a produção de sabão. Na a discussão durante a aula chegou-se à questão da poluição e a professora propõe a produção de sabão com o óleo usado.

Ai o pessoal da Secretaria de Abastecimento veio, deu essa palestra sobre alimentos funcionais, e gente faz uma prática. A gente fez....foi para cozinha da escola. A gente fez um prato, soja a dorê...E dentro dessa prática, a gente começou a falar um pouquinho sobre óleo, o tanto que usou para refogar os temperos, tal, tal e tal...ai me veio a cabeça a questão do óleo pós-uso, o que cada um faz com ele, e tal,tal,tal,..ai a gente começou a discussão de o quanto isso polui os cursos d'água, tal,tal..e eu falei assim..vamos fazer sabão com o óleo pós-uso?Depois, dessa prática fomos para o laboratório fazer sabão...

(Profª. Angela)

Durante a produção de sabão de uma turma um aluno comete um erro e inviabiliza a atividade. Ele despeja a soda cáustica de uma só vez o que compromete a produção do sabão. Mas os alunos dessa turma recebem o sabão pronto que restou da produção de outra turma. Dessa forma eles observam o resultado dessa prática de outra forma. Diante do imprevisto, a professora encontra outro caminho e explica para os alunos porque o sabão deu errado e como deveria ser o certo. As aulas práticas estão mais abertas à imprevistos e essa possibilidade se amplia quando são os próprios alunos que a realizam. Ela não repete a prática para a turma que não conseguiu produzir o sabão. Repetir todas condições para essa prática como mudar o horário, ter o laboratório, a presença dos alunos talvez não fosse possível. Mas esses acidentes não a fazem desistir das aulas práticas.

Fiz duas práticas, tarde e noite, com o turno da tarde ficou ótimo. Todo mundo levou um pedacinho de sabão pra casa. O da noite...tem um aluno da noite...ele virou a soda cáustica toda de uma vez ...derreteu o trem perdeu soda..dai o sabão não deu certo. Fazer o quê?

M-Você chegou a conversar porque jogar tanta soda cáustica dava errado?

Eu expliquei...tem um roteiro da prática, li e entreguei antes..

(Profª. Angela)

A professora decide pela prática como a mais interessante para os alunos e já tem uma experiência acumulada de práticas em laboratório e, para isso, cria a condição para realização da mesma. Diante de sua percepção da necessidade de aulas mais envolventes para os alunos da EJA, ela entende que as aulas em que os alunos estejam ativos e envolvidos em fazer algo interessante são mais produtivas. A professora Ângela considera que é difícil para um aluno que trabalha como vigia, com um turno de trabalho que varia de 12 a 36 horas, agüentar acordado uma aula sentado, somente ouvindo. Na medida do possível a professora vai decidindo por atividades práticas.

Para os professores fazerem as modificações de horário e espaço para realização de algumas práticas na escola, eles conversaram com os colegas e contaram sua ajuda para realizar o que não era rotineiro em suas aulas. No caso da professora Ângela que levou os alunos para uma aula na cozinha da escola e outra no laboratório precisou de quatro horários e de outro espaço diferente da sala de aula. A professora precisou da prudência de construir as condições de realização da atividade a partir de uma série de

articulações e avaliou o que seria possível e aquilo que não. E dentro do possível o que seria o melhor para os alunos.

M- E ai os dias que você precisou dos quatro horários dos seus colegas...

P-Eu precisei no dia que a gente foi para cozinha..

M-então foi em dias específicos..

P-Foi em dias específicos.

M-Ai você combinou com eles?

P-Combinei com eles.

Da mesma forma o professor Félix e a professora Ivana. O professor Felix conversou com outro professor para tornar possível a realização da prática. Professor Ivana conta com a participação dos outros professores no projeto do bebe ovo.

Para a prática de identificação do tipo sanguíneo é necessário a perfuração do dedo da pessoa para obtenção de uma gota de sangue o que foi feito na atividade do professor Félix. Mas ele, prudentemente, tomou a decisão de que somente ele perfuraria o dedo dos voluntários na atividade, essa parte o professor não deixou a cargo dos alunos. Ele consegue antever alguns riscos como mostra seu relato

eu que furava para evitar algum acidente ..algum,... até um colega ou outro querer fazer uma maldade e machucar um ao outro”.

Os professores Rita, Noemia e Gustavo não modificaram a duração das aulas, mas propuseram atividades diferentes para as quais eles criaram uma proposta que os alunos teriam condições de se expressar numa situação em que se sentissem mais à vontade. Foram situações que os alunos poderiam apresentar indisciplina por sair do padrão rotineiro de organização da sala de aula. Mas esses professores confirmam em suas entrevistas que a relação com os alunos permitia a realização das atividades propostas com baixo risco de indisciplina. Os professores conheciam bem os alunos com os quais trabalham nas práticas, tinham boas relações de respeito e amizade. De fato, agir, é arriscar-se, e a prudência se revela como a virtude do risco, da iniciativa pessoal, iniciativa essa sujeita a reflexão, à deliberação.

A professora Rita sabe que os alunos gostam de atividade práticas em que eles manipulem materiais e, a partir dessa percepção, decide realizar a prática de modelagem

para falar de reprodução, anatomia e sexualidade. Com essa atividade ela chama a atenção dos alunos para o tema e cria um clima de descontração para conversar sobre o assunto. A decisão por esse tipo de prática tem resultados positivos, mas professora toma essa decisão porque conhece os alunos e tem uma boa relação com eles.

Professora Noemia sabe que os alunos e ela estão mais cansados no final do ano, diante disso, decide, propor atividades que permitam o protagonismo dos alunos. Eles apresentam o trabalho e a degustação de um alimento feito com partes de vegetais como mandioca, feijão entre outros. Esse trabalho envolve o aluno, provoca ânimo e a professora descansa de sua rotina também.

4.3-Astúcia

De acordo com Pinto (2006), o político é a área do indeciso, de um campo movente que não tem forma precisa, nesse terreno é preciso aplicar uma inteligência adequada a essa instabilidade. A inteligência política tem a qualidade de entender antecipadamente o que ainda não é visível. Essa mesma inteligência é considerada por Gauthier (1998) como presente na prática pedagógica e o autor sustenta que a astúcia está presente na própria natureza da interação social. Com isso, assinala que, na relação educativa, é uma ilusão se imaginar que as ambas as partes são transparentes uma para a outra. Estão envolvidos os desejos, a afetividade, o inconsciente. Não há como considerar os sujeitos como unicamente racionais. Mas, no âmbito da educação, essa astúcia tem de ser regulada pelo que Gauthier assinala como ética pedagógica. Essa astúcia tem de visar não à submissão do aluno ou sua exclusão, mas a sua progressiva autonomia em relação ao mestre. Às vezes, o caminho mais cheio de voltas é o mais curto até o aluno.

Os professores têm estratégias para que, em situações desafiadoras, consigam fazer com que o aluno realize aquilo que seria para seu próprio bem sem que ele se sinta coagido e faça de boa vontade. A professora Ivana, diante do incomodo de uma aluna adolescente, que já era mãe, com a prática do bebe ovo, conversar com a jovem. Ela

propõe que a aluna participe dando seu depoimento e comentando se os sentimentos e idéias dos colegas que cuidaram do ovo se assemelham com aqueles gerados por um filho de fato. A professora relata que aluna fica satisfeita e tem uma participação importante nas discussões do projeto. A professora, diante do imprevisto dessa situação com a aluna, percebe como a participação da mesma pode enriquecer a própria prática e auxiliar na autoestima da aluna.

Tinha uma aluna, nesse primeiro ano, ela já tinha um filho ficou um pouco incomodada, mas eu chamei e conversei com ela, você vai me ajudar, você já tem a experiência de ter um filho, (ela responde)...é claro pode deixar,..professora não liguei muito porque já estou acostumada, cuidei de meu bebê de verdade.Mas foi isso.

(no debate) ..ela falou assim: tal e qual, é isso mesmo que acontece, as pessoas ficam zoando a gente quando eu saio carregando meu filho, minha mãe não , tenho que olhar tudo, então, é uma responsabilidade muito grande.Eu não me arrependo pela benção que ele é na minha vida, mas foi numa hora imprópria.

Diante da reação de rejeição à prática com tema da sexualidade na modelagem em argila, a professora Rita não obriga o aluno a participar, pois está ciente da complexidade e delicadeza desse tema para as pessoas de modo geral. A professora observa o aluno e cria situações nas discussões que possibilitem a participação desse aluno, conduzindo a discussão para temas que o aluno pode contribuir com alguma opinião ou conhecimento. Mesmo o aluno reagindo de forma agressiva até mesmo agressiva diante da proposta da prática, a professora busca outras formas do aluno participar.

No momento de propor a prática, a professora Rita solicita que os alunos tragam a argila na aula seguinte, ela não explicita o que pretende. A professora explica que faz isso para evitar resistências de início. Quando a professora chega na sala de aula os alunos já estão organizados em grupo e brincando, entre si, com a argila, já estão relaxados. Ela somente propõe a tarefa de modelar e as figuras do livro didático servem de orientação. Mas professora ressalta que deixa os alunos livres para modelarem.

O professor Gustavo, quando organiza os debates sobre os temas atuais em biologia como poluição ou clonagem, modifica a organização das carteiras de fileiras para um círculo. Esclarece que fala quem quiser, e só levantar a mão. Quem não quiser

não precisa falar. Ele declara aos alunos que não vai obrigar ninguém a falar. O professor permite que os alunos se sentem nas cadeiras bem a vontade para que estejam relaxados para o debate. No início do debate, o professor comenta o conteúdo dos trabalhos escritos dos grupos discordando de alguns e assim se inicia o debate. O professor relata que instiga os alunos até o ponto de, num dado momento, somente os alunos estarem discutindo entre eles. O professor Gustavo inicia uma situação em que os alunos se sentem estimulados a se manifestar, sem obrigá-los a isso.

Para evitar a indisciplina entre os alunos no debate devido à mudança de rotina, o professor Gustavo usa “o jogo de cintura”. Em relação à disciplina durante o debate o professor conversa com os alunos, avisando que não quer usar medidas duras, mas que, se forem necessárias, não irá hesitar. Fala dos pontos negativos na caderneta de notas, mas o professor diz que eles sabem que isso é um blefe sobre ele ser um professor que faz esse tipo de atitude. Mas, segundo o professor, isso não é necessário porque relação com os alunos é boa. Eles têm a compreensão dos limites e das possibilidades.

4.4- Honra

A honra é uma virtude política por excelência e está associada à coragem. Para se obter honra se pressupõe o cuidado e a preocupação com as outras pessoas. Caso não se esteja disposto a correr o risco por alguém, comunidade ou causa, se colocava em dúvida a sinceridade de seu cuidado e preocupação com as outras pessoas. (PINTO, 2006).

Com as práticas pedagógicas extraordinárias os professores chamam a atenção de seus alunos, colegas professores, funcionários da escola e comunidade. São momentos que os alunos e professores realizam uma ação e, portanto, agem juntos. O professor inicia e os alunos aderem ao movimento. Há o reconhecimento do trabalho e do professor. O que gera imensa satisfação nos professores. Esses professores estão imortalizados na memória dos alunos.

Os professores, nas entrevistas, comentam do brilho, da visibilidade ligada a essas práticas que revelam a iniciativa do professor. A professora Ivana comenta na entrevista que no final da atividade sobre corpo humano um aluno lhe deu de presente um buquê de flores para agradecer por aquelas aulas que haviam transformado sua vida. Destacamos a maneira como a professora Ivana descreve a prática sobre corpo humano com desenho e colagens.

a princípio, eu subestimei o meu trabalho. Depois que eu vi os resultados, eu me valorizei. Eu achei que era um trabalho banal, simples e pequeno. Depois eu vi a grandiosidade dele.

A professora reconhece o brilho da atividade realizada nos efeitos obtidos com os alunos. Antes da prática a professora percebia que os alunos valorizavam o consumo de roupas da moda para serem reconhecidos e valorizados pelo que compravam e não pelo que eram. A professora tratou da questão da autoestima dos alunos questionando os valores consumistas e isso provocou uma mudança nos alunos, não em todos como ela ressalta, mas houve alterações que ela considerou importantes.

A professora Rita relata que os alunos declaram que a prática com modelagem em argila foi inesquecível. E que a partir da prática os alunos conversam mais abertamente, com a professora e entre si, suas dúvidas sobre o assunto. E as outras turmas já aguardam e requisitam da professora o momento que irão realizar essa atividade. Os efeitos se espalham pela escola.

Essas práticas iniciadas por esses professores iluminam o cotidiano escolar com seu brilho, um momento de glória em que seres humanos encontram-se simplesmente para brilhar, se singularizar, se distinguir.

A feira de ciência, realizada pela professora Rita e seus colegas de Física e Química, rendeu reconhecimento da escola como aparece na fala abaixo, quando a professora comenta que está muito cansada depois da feira

Sabe, eu tô assim caindo pelas tabelas, mas são todos (professores) ...então a gente faz questão de fazer bem feito. Então, todo mundo parabenizou a gente ficou muito satisfeito, ganhamos uma faixa da direção

agradecendo..acho que tá ali ainda, mas foi tão gratificante, Malu, eu acho que eu vivi este ano pra ver essa feira de ciências, eu sai daqui uma hora da tarde, olhando um por um avaliando (profª. Rita)

A professora Noemia fala do seu sentimento de satisfação quando um aluno lembra de suas aulas.

().Isso a gente entra na Internet, eles estão comentando, ex-alunos : “nossa, eu lembro ...” tem uma comunidade lá do colégio X ...”eu adorava as excursões que a prof.Noemia fazia. Mas isso marca a pessoa. Não aprendeu muito a matéria, não. Mas a excursão lembram, trabalho que você deu diferente, claro que nem a gente que estudou a vida toda..é tudo que você lembra. Mas tem coisas que marcam o aluno também. Encontro com aluno muito, que eu trabalho na escola há 28 anos, no bairro toda hora que eu saio encontro com um. Mas eu encontro muito com aluno no shopping, encontrei na semana passada mesmo, “ oh, professora tá jóia? e tal..”nossa adorava o seu caderno de desenho, professora batia o carimbinho”. Já entrei lá no centro, na Lealtex .. “dona Noemia, professora de Biologia” eu falei assim, mas guardar meu nome e a matéria já é demais.”Eu adorava aquela organização do caderno”.Você sabe professora, que eu fiquei organizado depois que eu tive aula com você? Aquilo...o ego sobe,né?

4.5- Liberdade

Pinto (2006), a partir das idéias de Arendt, coloca que liberdade para se constituir como uma virtude política pressupõe ser executada, ser vista e, para isso, é necessário que exista o espaço político, de convivência humana. Liberdade e política não poderiam ser concebidas uma sem a outra. Para Arendt apud Pinto (2006) “política e liberdade são idênticas e sempre onde não existe essa espécie de liberdade, tampouco existe o espaço político no verdadeiro sentido” (p. 56). A liberdade como virtude está relacionada à ação naquilo que a define como a prática do novo.

Trazemos idéias de Rios (2003) para complementar a virtude da liberdade. Para a autora, a liberdade remete a relação entre ética e política. “O outro aparece como medida de nossa liberdade, pois esta só existe em relação. Não há homens livres sozinhos. Somos livres em companhia” (p.123). Soma-se a isso que o reconhecimento do outro e o respeito a ele coexistem com o autoconhecimento e a exigência de respeito a ele. Há uma dialética nessa relação na medida em que ,na relação intersubjetiva, não

há possibilidade de conhecimento sem que sejam afetados os dois pólos. Há uma exigência de respeito mútuo em que se articula liberdade e responsabilidade. Para Arendt (2005), a liberdade só é possível quando se manifesta a coragem. Para se agir livremente é preciso coragem, ousadia.

Os relatos das práticas sinalizam também a questão da liberdade do professor que se pode traduzir como a questão da autonomia, ou seja, a capacidade de decidir refletindo sobre o que deve ser feito e assumindo a responsabilidade pela decisão. Situação em que o professor não realiza somente porque dizem o deve ser feito, mas porque ele próprio também concorda que é isso que deve ser feito. Dentro do espaço possível de decisão o professor tenta fazer o que é melhor em sua prática. São os limites e possibilidades da liberdade que se definem na consideração pelo outro (RIOS, 2003). E assim muitas vezes pode-se criar o não previsível, o novo.

O exercício da liberdade do professor permite que os alunos também a exercitem. Trata-se da liberdade considerada como convivência humana, liberdade que só possível compartilhada. Nesses termos da política a liberdade só é possível se os seres humanos estão juntos e compartilham.

Essa liberdade é encontrada nas práticas quando o professor possibilita ao aluno que desenvolva um trabalho mais autônomo. Quando o professor se permite flexibilizar sua prática dando um papel de ator ao aluno. Esses alunos exercitam sua liberdade fazendo suas escolhas mostrando corajosamente quem são. É uma liberdade compartilhada. A liberdade está presente nas estratégias utilizadas pelos professores para que eles se emancipem, sejam autônomos. O espaço de livre expressão das opiniões sobre temas polêmicos em biologia, nos debates promovidos pelo professor Gustavo, é um exemplo. Sem esse espaço de debate que tem um clima de liberdade, os alunos não colocariam suas idéias, principalmente os mais tímidos. O professor Gustavo, quando propõe o debate, não o faz somente porque considera importante desenvolver a capacidade de debater idéias, mas porque ele também gosta de debater com os alunos.

eu gosto de fazer esse fechamento com um debate. Ai, eu mando os meninos guardar o material, todo mundo, a turma senta em círculo e ai a gente começa a conversar....eles já fizeram o trabalho, já entregaram a parte escrita. Mas é assim,.. eu gosto de fazer esse debate ...deixar os meninos o máximo relaxado possível, tem menino que é tão tímido, mas tão tímido que ele não vai falar nada. Mas se o menino for pra esse debate achando que eu vou apontar o dedo pra ele e ...fala ai! O menino vai começar a tremer, não vai prestar atenção vai ficar só com aquilo na cabeça. Então, eu já deixo claro pra eles: olha, fala quem quiser, quem quiser ficar calado só escuta, tá certo? Quer falar? Levanta o dedo...aquela coisa toda, se você não falar nada não tem problema, eu quero que você entenda. Só de você falar isso, os meninos já vão prestar atenção..mesmo aqueles que são mais tímidos que não tem muita vontade de discutir o assunto. Ai, eu começo falando alguma coisa que eles escreveram no trabalho, tal e discordo de algumas coisas que eles escreveram e ai começa a discussão. Pô tá errado esse negócio, aquela coisa... eles começam a discussão, eles falam de algumas coisas que estão acontecendo, no momento tal e eles vão jogando idéias em cima. Ai as idéias começam a aparecer, começa devagar e eu tenho de falar muito e depois o debate acaba só entre eles.

eu gosto mais quando abre a discussão, eu gosto de entra em discussão, eu gosto de entrar em discussão com eles. (Prof. Gustavo)

O professor se permite participar desse processo também como debatedor. A liberdade também está nesta possibilidade de o professor fazer algo que também resulta na sua satisfação pessoal, não somente porque é voltado para o aluno. Há uma conjugação da liberdade do aluno com a do professor.

Os alunos não se manifestam para satisfazer o professor, mas para aproveitar o momento de liberdade em que suas idéias serão respeitadas pelos colegas, pois a presença do professor serve para lembrar a importância do respeito pela opinião do outro; a presença do professor lembra ao aluno que não pode passar por cima do outro e das regras do debate. Esse valor do respeito pela opinião do outro vai constituindo um espaço de liberdade para o aluno e o professor. O professor é o exemplo que respeita e discute a opinião e, assim, os alunos percebem que é possível pensarem juntos e cada um expressar sua opinião.

A feira de ciências proposta pela professora Rita e seus colegas de Química e Física resultou de um processo de construção que não foi determinado o que e como seria. Houve etapas em que os alunos tinham a liberdade de escolher os temas, mas diante da inviabilidade de algumas propostas os professores conversam com os alunos para escolha dos trabalhos para feira. Como aparece no relato da professora Rita.

M-Você decidiu ou eles escolheram por conta dele?

R- Não, foi muito difícil porque eles não têm, assim, iniciativa, eles têm muita criatividade mas não tem a iniciativa. Então, nós deixamos livres começou a aparecer um monte de coisa inviável fazer dissecação de animal, trazer cérebro humano”.Gente põe a mão na consciência onde vocês vão conseguir tanta coisa”..ai eles...ai a gente sugeriu oh, eu tenho essas opções: plantas medicinais, isso, isso e isso. Ah! quero essa ..Então nós fizemos algumas sugestões ai eles iam com o tema, ai eles escolhiam, “o que a gente faz professora?”ai por exemplo teve um caso que nós trabalhamos ciclo biogeoquímicos.

(22:45)eu aconselhei fazer o aquário, né? Com a produção do petróleo e do carvão, então nesse aquário com a terra, eles colocaram uma garrafa PET com um líquido preto..formação do petróleo e do outro lado pedras de carvão pra mostrar a formação do carvão, sabe? Então a gente sugere..eu sugeri, o professor de física e de química. Quando nós chegamos aqui foi uma surpresa porque a ornamentação foi perfeita, nós tivemos aqui um serpentário, eles colocaram, serpentário! Eles colocaram serpentes, lagartos, aranhas armadeiras.

A professora Ivana, quando propõe a prática do bebê ovo, primeiro considera o quanto uma prática vai trazer de satisfação para ela conjugada com o benefício que pode trazer ao aluno. Ela se dá a liberdade de fazer uma atividade em que ela tenha prazer também. Perguntada se valia a pena fazer essas atividades não rotineiras a professora Ivana responde da seguinte forma

Com certeza. Me deixa mais feliz, a aula se torna menos monótona,... eu acho que é diferente... É uma coisa que tem de ser feita. Mesmo que você não tenha o recurso, mas você tem de tornar a aula mais dinâmica. Você tem de se virar porque você que é o beneficiado. Você. Você primeiro, depois o aluno, infelizmente, é você primeiro, (...) então, eu falo que a gente ganha porque você enriquece o seu trabalho, você se sente realizado, faz um bem para você.(...) Na educação a gente frisa que o aluno tem de ser prioridade, mas para o aluno ser prioridade, eu tenho que ser primeiro, tem que acontecer comigo, tenho que fazer a experiência, eu tenho que gostar daquele conteúdo, tenho que estudá-lo,..tem uma matéria que eu não gosto de dar essa matéria, e ai eu não gosto de dar essa matéria, eu preciso dar?, é importante ?, deixa eu ver como eu vou trabalhar, qual a maneira que vai me dar prazer e me dando prazer eu vou ter mais condições de proporcionar isso para o aluno. (Profª.Ivana)

Na prática do bebê ovo os alunos podem não participar, mas arcam com a perda de pontos, mas nada que afete muito a nota. A professora Ivana diz que o principal dessa prática era a vivência e não a nota. Poucos alunos não aderiam à prática, pois existia, de certa forma, a liberdade de escolha entre participar ou não. Alguns não fizeram, mas foram poucos. Havia a liberdade de não fazer de certa forma. Assim estavam livres da obrigatoriedade de fazer. Mas muitos aderiram a prática. Debateram nas mesas redondas sobre a gravidez e as implicações em suas vidas. Manifestaram o

que sentiram durante a experiência. Estes também foram espaços de liberdade em que os alunos podiam manifestar seus sentimentos e idéias sobre a questão. Os alunos criaram berços para seus “bebes ovo”, deram nomes, cuidaram, se responsabilizaram pela integridade do ovo, fizeram o que consideraram certo para cuidar bem do “bebe-ovo”. Esse ensaio da maternidade e paternidade permitiu pensar a liberdade e responsabilidade com seu corpo, com sua vida e com a do outro. A natureza da atividade é absolutamente imprevisível, aberta, livre. No entanto, a liberdade manifestada pela professora Ivana incentiva os alunos a compartilharem esse momento de liberdade em relação aos exercícios de rotina, do cotidiano repetitivo da escola.

alguns alunos se recusaram a participar do projeto, inclusive alunos que eu percebi que precisavam muito dele,...(no final) participaram do debate..
tem uma penalidade dos pontos porque o projeto vale para todas matérias,
mas o interesse não era penalizá-los mas incentivá-los. (Profª. Ivana)

A professora Ângela, que trabalha com alunos da EJA (Educação de Jovens e Adultos), diz que o que puder fazer para criar algo interessante para os alunos ela fará. Aulas que os alunos sejam sujeitos ativos das atividades e não alunos passivos nas cadeiras. Na EJA, a questão da liberdade do aluno está colocada de outra forma. Trata-se de um aluno adulto que fica na escola se quiser.

A questão da liberdade, no caso da professora Ângela, está na possibilidade de, a partir de suas aulas, conseguir transformar o significado da escola na vida dos alunos. Quando ela cria aulas que sejam interessantes para os alunos de EJA ela luta para que o aluno consiga, de fato, ter o direito à educação que não lhe foi garantido na infância, o que é comum nas trajetórias dos alunos de EJA. Quando a professora busca que, pelo menos a aula de biologia tenha algum significado na vida desses alunos, ela luta contra a opressão de um sistema injusto que garante para alguns e não a todos a possibilidade de ir à escola na infância. Quando a professora busca a vida cotidiana e sai do programa de biologia ela exercita uma liberdade com os alunos de construir outra biologia, outra escola, pois a que está prescrita parece não atender às necessidades dos alunos. Ela constrói uma biologia que tenha significado para o aluno, para isso, torna-se autônoma em relação a modelos de escola que dizem que é certo, que todos devem seguir. E, quando os alunos participam das aulas diferenciadas da professoras, sentem que são

peças que são percebidas em suas individualidades, em seus conhecimentos construídos no mundo da vida. Elas deixam a prisão da invisibilidade social na hora que professora os percebe e eles percebem a professora e assim compartilham da liberdade juntos. A professora não busca os alunos das boas notas, mas enxerga neles pessoas capazes de transformar suas próprias vidas. A professora entende que o aluno merece o melhor, porque é direito dele. Não está fazendo nenhum favor.

O aluno trabalhador que chega arrasado de noite depois de uma carga de trabalho direta..tem alunos que ficam no trabalho 24 horas no ar, não sei como eles dão conta, aqueles que trabalham na situação de 24 e 36 horas..Se você não cria um “trem” que chama a atenção do aluno, ele não dá conta.

A professora Rita monta um ateliê de artes em 50 minutos de aula onde os alunos desfrutam da liberdade de expressar seus talentos, suas idéias, seus sentimentos. Não é dito como fazer os modelos de argila Os grupos se reúnem e começam apenas com poucas orientações. Não há a preocupação de copiar um modelo certo, pois a professora não direciona de forma muito determinante o início da atividade. Durante a aula acontecem brincadeiras, a professora considera que esse clima de liberdade é importante para que aconteça essa atividade. Os alunos têm um espaço de liberdade para falarem sobre temas ligados a sexualidade e moldar em argila partes do corpo que são tabus, ou seja, assuntos sobre os quais pesa uma proibição. São capazes de lidar com a liberdade de moldar partes do corpo que são socialmente interditas. A professora considerou importante e gostou de ter experimentado essa atividade.

os meninos adoram. Por quê? Primeiro, é uma atividade manual, né ..argila faz muita sujeira..e eles gostam muito disso, eles trabalham, não é a gente que faz por eles,né..eles mesmos fazem então todos participam, aqueles que não trazem argila como eu peço, eu consigo das outras turmas que fizeram e sobrou ,então eu só digo ..o que nós vamos fazer, explico no quadro o assunto que é sexo, sexualidade, anatomia, e depois peço a eles , só ponto no quadro, o que eles vão moldar.. a vulva, pênis, útero, óvulo, espermatozóide, ovário,nésó pra eles terem ..ai eles ficam meio na dúvida como começar..eu peço um livro mostro pra dar uma idéia mas eles mesmos moldam.. e ai eu percebo... eu deixo eles livres, não fico moderando nada, só peço pra tomar cuidado assim com o palavreado, pra não levar para um lado pejorativo, mas deixo eles brincarem, eles brincarem uns com os outros mesmo, tipo fazem comparações e querem mostrar que sabem do assunto, outros já não querem fazer por que “imagine eu fazer isso”, acham um absurdo, tem aquelas meninas mais recatadas .E eu percebo isso, eu percebo quem conhece, quem que conhece, que trabalha facilmente com o assunto, a gente percebe aqueles meninos mais introspectivos, que o tema ainda é um tabu, a gente percebe que alguns não sabem onde fica a própria estrutura,

sabe....anatômica, muita coisa dá pra perceber numa aula dessas, sabe...(Profª. Rita).

Quando a professora Rita fala das excursões não pensa apenas na aprendizagem do conteúdo pelo aluno, mas que também é uma atividade que lhe dá muito prazer, afinal, ela se considera muito “farrista”.

Funciona muito mais você levar esses meninos pra gruta de Maquine, funciona muito mais. Eu já tive lá, eles vão adorar,eu tenho certeza, ainda mais que eles estão encerrando, saindo da escola, eles vão adorar, eu sou muito farrista, eu aproveito mais do que eles...(profª. Rita)

A excursão é um momento que os alunos e o professor estão longe dos muros e da vigilância da escola. É um momento de liberdade, mas que tem relação com a responsabilidade para o professor em relação à segurança e aprendizagem, pois os alunos podem, se quiserem, transgredir todas as regras; é o grande temor dos professores, pois, é deles a responsabilidade pela segurança dos alunos. Mas, nas excursões da professora Rita, não ocorreram problemas de indisciplina, ela confia nos alunos. Ela não tem temores quanto a distúrbios que possam ocorrer nas excursões, os alunos são capazes de ficarem longe dos muros e da vigilância da escola vivendo uma experiência junto com os colegas, de estarem em outro local conhecendo algo novo.

Assim também a professora Noemia, com suas excursões, leva os alunos a locais que tem relação com o conteúdo. Ela não leva somente para passear. Na excursão o professor vai saber o quanto o aluno de fato consegue ficar longe do controle da escola para se disciplinar. Ele não depende das punições para saber seus limites e o que é respeitar um momento coletivo que é à saída da escola. Ou seja, ele sabe ser livre. Consegue ir à excursão sem estragá-la. Consegue ser feliz, ser livre junto com os outros. Nesse momento o aluno é livre para compartilhar outras faces de sua vida com os professores, com os colegas ou com as pessoas. O aluno está livre daquele comportamento previsível sentado em sua carteira na sala e pode se humanizar diante do professor como no caso em que a professora Noemia conta de um aluno problemático que na excursão ao zoológico a surpreendeu. Durante o passeio, o aluno levou uma garrafa de refrigerante de 2 litros, serviu um copo e ofereceu ao funcionário do Zoológico que trabalhava varrendo; diante do seu comportamento na escola, esse ato

era imprevisível para professora. Lá ele esteve livre do rótulo de aluno indisciplinado. No zoológico ele não se viu obrigado a cumprir esse papel. A professora não se viu na necessidade cumprir seu papel de professora que está somente para disciplinar aquele aluno. Nesse momento os alunos se aproximam e contam fatos de suas vidas que não contariam na escola de acordo com a professora Noemia.

A liberdade nas excursões da professora Noemia é uma aprendizagem da negociação dos limites e possibilidades entre professora e alunos. Os alunos na escola da professora Noemia começam a participar de excursões que a escola promove na 5ª série. Quando chegam ao ensino médio, os alunos já conhecem bem as regras neste tipo de atividade. A organização da excursão para garantir a segurança e a disciplina dos alunos é um dos principais cuidados da professora Noemia.

os meus alunos já são preparados para excursão desde a 5ª série, então aqui não tem problema de excursão. A 5ª série dá problema porque é o primeiro ano que a gente sai, sabe. Mas é muito organizado, eu entro no ônibus eu faço chamada, a gente reza o pai nosso, sai daqui. Todo mundo tem que ir sentado, chega lá eles divertem, né? Levam um lanche, mas assim, o aluno que aprontar não volta comigo mais. Então, com medo de não voltar, de não ir mais,...eles não aprontam.”

Ela acompanha de perto os alunos, mas também permite que os alunos do ensino médio, que foram a Ouro Preto, tenham um tempo somente entre eles durante a excursão sem a presença ostensiva da professora. Como ela relata

quando a gente chega na praça central, já é mais ou menos 11 horas, está na hora do almoço, já tem um restaurante combinado, é a comida mais barata tal, entre almoça ali, quem for terminando pode ir pra Praça do Pirulito (obelisco central no município de Ouro Preto), faz uma horinha...a gente vai na Casa das Moedas, vai na Igreja do Pilar, sobe. Ai, mais ou menos três ,três e meia tem aquela Praça de artesanato, eu deixo uma, meia hora livre lá na Praça de artesanato e eu fico esperando sentada no “pirulito” quem quer fica comigo, quem não quer, dá uma volta por ali. Tem que ter um tempinho livre pra eles, que eles também não vão ficar só ficar atrás da gente....,né? Terminou ali a visita da feira, a gente já vai para rodoviária, tá na hora de ir embora. Então, é uma excursão que não tem jeito do aluno sumir, ir ou pra cachoeira ou não sei onde porque ele vai comigo, ele tem um trajeto pra fazer.

A professora Noemia considera que o desenvolvimento de certos trabalhos do professor depende do espaço de liberdade que é proporcionado pela escola. Nesta fala, a

professora relata sobre a liberdade que tem e as dificuldades que teve pela falta de liberdade em uma outra escola que trabalhou

Profª. Noemia “Teve. Nossa! escola que aluno não saía de jeito nenhum, que não podia fazer excursão, que não podia sair da sala, (...) pelas regras da escola. Tem escola que professor tem de fechar a porta e ficar ali dentro, se você ficar à toa ali dentro é melhor do que sair e ter uma aula interessante lá fora.(...) a escola tem ser aberta, tem de te dar liberdade para você trabalhar. Se escola falar “não podem fazer isso” te tolhe, e você não vai fazer mais nada. A escola quando te dá liberdade pra fazer as coisas, você cria ânimo, “vou fazer”.

(Pergunta: Esta escola é interessante, te dá bastante liberdade ,né?

Prof Noemia: Dá. É uma escola boa de trabalhar. Boa. Uma escola antiga. Tem um conceito bom a escola, sabe..os alunos têm nível muito bom.

A relação com o grupo de professores é importante, pois também mostra o espaço de liberdade para o professor para realizar trabalhos diferentes. Como nos casos da prof Noemia e Rita. Essa liberdade presente nos relatos relaciona-se a presença do outro para experimentarmos a liberdade. Não se realiza uma ação sozinho, há necessidade da adesão espontânea dos outros. Esse outro, nas práticas pedagógicas, tanto são os alunos, os outros professores, a diretoria, a comunidade.O nível de liberdade fica mais complexo quanto mais outros se envolvem na ação.

profª. Noemia.”..E aqui tem uma turma(colegas professores) muito boa, pode contar com o outro pra te ajudar,.. vou fazer isso(o grupo de colegas) ajuda muito, muito. O pessoal é fino demais, é uma escola muito boa de trabalhar.

A professora Rita também relata sobre o papel do grupo na liberdade de o professor realizar práticas como as que ela relatou

M- Há quanto tempo você dá aula mesmo?

P-Há três anos.Você vê muita gente boa,muita gente competente de verdade,sabe? Nós temos professores aqui a tarde que, por exemplo, é mestre em educação física, sabe? E aqui ninguém vigia ninguém, ninguém vigia o horário de ninguém, ninguém vigia trabalho de ninguém, mas todo mundo trabalha direitinho, sabe? A direção da escola....

M- Mas porque você fala dessa coisa de vigiar

P- vigiar assim essa questão de ficar.

M- Mas você já viveu esse tipo de experiência em outro local de trabalho?

P- Já. Tive muito essa coisa de ficar me cobrando “por que você deixou o aluno ir ao banheiro?” porque quanto mais eles exigem, mais eles coagem o aluno, mais você limita por ele fica..

M- A vigilância que você tá falando é em cima do aluno ou em cima do professor?

P- Uma coisa leva a outra. Se ficar cobrando demais eu vou limitar o aluno muito, não cobrança no pedagógico, sabe? Que eu tenho de fazer a prova assim, que eu tenho ...isso não. Isso eu acho que funciona, faz parte do...da instituição. Mas não assim é..por exemplo, eu levei a argila pra sala, ninguém me questionou porque aquela argila tava lá, assim me proibindo. Eu avisei que ia levar, mas ninguém me proibiu” “não, lá não é lugar disso. Você vai sujar a sala.”Nada. As cantineiras me ajudam, me emprestam pano pra limpar, todo mundo aqui trabalha pra isso”.

M-Então você sente uma coisa coletiva boa?

P Tem. O pessoal da cantina, dos serviços gerais ajudam.

Pode-se identificar a liberdade na heterodoxia presente nas formas das práticas relatadas. A professora Rita utiliza-se de atividades de escultura em argila para tratar de temas ligados biologia, algo inesperado para o ensino do tema nessa disciplina. A professora Noemia propõe o teatro como forma dos grupos de alunos trabalharem o tema de seres vivos com as turmas de 2º anos do ensino médio e uma degustação de alimentos de origem vegetal no trabalho de botânica do 1º ano. Ou mesmo a utilização de formas inesperadas como o uso do ovo cru para desenvolver uma atividade que discuta a gravidez na adolescência no caso da professora Ivana. A professora Ângela, para tratar da bioquímica da nutrição, desenvolve atividades de culinária na cozinha da escola com os alunos. Os professores lançam de mão de recursos diferentes daqueles esperados para o ensino desses temas em biologia.

A liberdade está presente na busca da emancipação do aluno, tanto no espaço de manifestação de suas idéias frente à turma e aos professores, como na questão da disciplina do aluno em sala de aula durante atividades que tem natureza de discussão, assim como em atividades como saídas da escola que reduz os mecanismos visíveis de controle sobre o comportamento dos alunos. Liberdade de compartilhar o espaço de aparência, o espaço público.

A liberdade também está presente na atitude do professor buscar sua própria satisfação na realização das práticas. Não atender regras somente. Essa liberdade do professor em suas ações é guiada por uma preocupação com a formação e aprendizagem

do aluno. A liberdade do professor é uma lâmina fina sobre a qual ele precisa caminhar cuidadosamente orientado pela preocupação ética com os alunos.

4.6 Discussão dos resultados: virtudes políticas orientadas pelo compromisso ético

O objetivo nesta pesquisa foi analisar as práticas pedagógicas extraordinárias de professores de biologia do ensino médio. Essa análise foi realizada a partir da identificação de virtudes políticas que revelam os compromissos éticos dos professores. E ainda avaliamos se esses compromissos éticos se caracterizam como casos excepcionais entre os professores.

Nas práticas pedagógicas extraordinárias relatadas, os professores manifestaram virtudes como coragem, prudência, astúcia, honra e liberdade. Nas situações que identificamos essas virtudes revela-se o compromisso ético dos professores com a aprendizagem dos alunos. A coragem para o enfrentamento dos obstáculos da realidade da escola como a falta de laboratório, a inflexibilidade na organização do tempo e espaço, falta de material para realizar uma prática pedagógica estimulante e cativante.

A reação de rejeição dos alunos ou desânimo diante das propostas leva os professores a usarem a astúcia regulada pela ética pedagógica, como proposto por Gauthier (1998) que por caminhos indiretos traz o aluno para participação na aula, sem submetê-lo pela coerção pura e sem excluí-lo da atividade. A sensibilidade da professora Ivana possibilitou a percepção do incômodo da aluna que já era mãe com a prática do bebê ovo e o protagonismo proposto, pela professora, para aluna na atividade resulta no seu depoimento durante os debates.

A prudência dos professores revela seu compromisso ético com a viabilidade das atividades e o momento oportuno de realizá-las, não basta ter coragem de iniciar, é necessário saber como realizar, tentando antever o que será melhor para todos. É importante que o máximo de fatores que coloquem em risco a prática possam ser previstos e resolvidos. Os professores negociam, com seus colegas da escola, o uso dos

espaços e tempos, na realização de eventos para estimularem os alunos. Assim como a professora Ivana percebe o momento oportuno para desenvolver a atividade do bebê ovo com a turma de alunos do primeiro ano do ensino médio, mesmo sendo conteúdo proposto para o segundo ano.

Os professores analisam as suas possibilidades e limites para saber da liberdade possível. Essa liberdade conjuga seu autoconhecimento e as possibilidades de ações na sua prática. Esses professores conhecem os desafios, mas não se interditam com eles. Quando ousam avançar novos limites não somente o professor vive a liberdade de agir, mas o aluno também. A liberdade como virtude presente na ação só existe porque compartilhada.

Todo esse esforço ético invoca uma virtude política que é a honra, que somente os outros poderão mostrar que uma pessoa tem. A coragem somente tem valor quando ela enseja a honra (PINTO, 2006). A honra mostra uma nuance da profissão docente que é fundamental para profissões que lidam com seres humanos. A honra significa o reconhecimento do seu valor profissional. Existe necessidade do afeto na atividade do professor como mostram as pesquisas sobre satisfação docente e bem estar docente. Mas, o reconhecimento pelo outro de que se é um bom profissional se distingue do afeto. Essa honra corresponde à imortalidade do professor. As aulas e atividades podem mostrar a paixão do professor pelo que ensina marcando a memória dos alunos e, às vezes, influenciando escolhas e sonhos desses jovens.

As virtudes apresentadas pelos professores realizadores das práticas pedagógicas extraordinárias são passíveis de serem apresentadas por qualquer professor. As ações relatadas e analisadas sinalizam nuances de envolvimento pessoal da profissão docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi analisar as práticas pedagógicas extraordinárias realizadas por professores de biologia segundo o conceito de ação de Arendt. Para isso, buscou-se identificar as virtudes políticas dos professores que revelem seus compromissos éticos nas práticas pedagógicas extraordinárias. A partir da análise das práticas relatadas identificamos os compromissos éticos a partir de cinco virtudes: coragem, prudência, astúcia, liberdade e honra.

Para a realização dessas práticas foram necessários saberes como apontam a pesquisa sobre profissão e formação docente. Mas as virtudes políticas associadas à prática desses professores para realização dessas práticas parecem sinalizar que o agir educativo é um agir político e, portanto, de comprometimento ético. A profissão do professor, além de ser laboriosa, tem como atividade central a ação, como conceituada por Arendt.

As virtudes parecem sinalizar algo mais que o professor necessita para realizar sua atividade, parte mais central da ação dos professores. Ou seja, o professor passa a ser o agente iniciador que consegue a adesão de outros para realização de algo que não é um objetivo final, é a atividade em si mesma o que pretende. Essa ação tem como condição a pluralidade humana e que possibilita o espaço da aparência, em que as singularidades podem se distinguir, serem vistas, reconhecidas e imortalizadas na lembrança de outros. Não há produto no final, nem é possível repetir, no entanto, é a atividade que nos faz humanos que é a de conviver entre os seres humanos para realizarmos o novo, o imprevisível.

Os desafios enfrentados atualmente pelos professores são decorrência deste tempo de transformações intensas e velozes. Nesse contexto, o agir político - no sentido dado ao termo por Arendt (1958) - cumpre um papel importante. A dificuldade em formar jovens para o futuro parece estimular os professores. Os professores parecem perceber que é necessário desenvolver nos jovens uma capacidade de gerar algo novo

pela ação com os outros. Como diz Tardiff (2002), o objetivo último dos professores é formar pessoas que não precisem mais de professores, que sejam capazes de dar sentido à sua própria vida e à sua própria ação.

Pesquisas sobre a formação e profissão docente destacam saberes dos professores necessários para sua atividade. Essa perspectiva coloca o professor como sujeito produtor de saberes no decorrer da sua trajetória. Ele não é simplesmente um executor de técnicas aprendidas, mas um sujeito que pode construir conhecimento a partir de sua prática. No caso da pesquisa de saberes apontam-se os conhecimentos e várias teorias buscam iluminar esses saberes relativos à atividade de ensinar tentando pensar questões como: o que os professores sabem? E Como eles sabem? Mas os professores autores dessas práticas, além dos saberes, apresentaram virtudes políticas que sinalizam compromissos éticos.

No caso de nossa pesquisa nos propusemos a olhar a atividade docente como atividade humana como proposto por Arendt. Também encontramos Soratto (2006) que em seu artigo apresenta as potencialidades dos conceitos de labor, trabalho e ação aplicados à atividade docente. Para a análise dos relatos de professores de biologia do ensino médio de práticas pedagógicas extraordinárias propusemos o conceito de ação, especificamente, o parâmetro de revelação do agente. No caso de olharmos a prática do professor como um agir político, Arendt aponta a necessidade de virtudes políticas, ou seja, qualidade que tornam o sujeito capaz de realizar o ato.

As virtudes são qualidades necessárias aos agentes iniciadores da ação. E retiram sua satisfação de aspectos que estão no visível que são o reconhecimento público do trabalho bem feito. Para terem esse reconhecimento, a honra, que faz parte das virtudes políticas, há necessidade do professor ter coragem de sair de sua rotina que lhe oferece segurança do conhecido e controlável, porém repetitivo e entediante. Também é preciso prudência, astúcia e liberdade, mas permeadas pela ética. Considerar o outro é fator fundamental para a revelação de todas essas virtudes. Essa revelação não pretende que seja por vaidade própria do professor, mas pela preocupação do sentido da virtude que é

ambicionar sempre fazer o melhor que puder e ser o melhor de todos, mas com a intenção de fazer o bem para o outro, que são os alunos (RIOS, 2003).

Neste trabalho, apesar de termos como material de análise, apenas entrevistas breves com professores indicados como autores de práticas pedagógicas extraordinárias, a pesquisa revela que as atividades consideradas extraordinárias, no fundo, são atividades singelas feitas por professores comuns. O que há de grandioso nas práticas e nos professores, há em todo professor no momento em que ele se dispõe a estar em classe, em que age sem grandes pretensões, se não a de iniciar. O resultado que pode ser obtido não é decisivo para tomar a decisão. O professor inicia algo em que vê sentido - naquele momento, naquela circunstância. Com esta disposição o professor revela-se um agente político. Não há, portanto nada de excepcional. Trata-se, no dizer de Hannah Arendt (1958), da atividade que confere ao ser humano sua humanidade.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2005

CHAUÍ, Marilena. *Convite á filosofia*. 5 ed. São Paulo: Ática. 1995.

CHARTIER, Anne-Marie. Fazeres ordinários da classe: uma aposta para a pesquisa e para a formação. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v.26, n. 2 jul./dez. 2000. Disponível em
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&lng=pt&den=%22Anne+Marie+Chartier%22+Fazeres+ordin%C3%A1rios>. Acesso em 27 dez.2006.

COMTE-SPONVILLE, André. *Pequeno tratado das grandes virtudes*. São Paulo: Martins Fontes. 1996.

DE QUADROS, A.L. Carvalho et al “Os professores que tivemos e a formação da nossa identidade como docentes: um encontro com nossa memória”.*Ensaio – Pesquisa e Educação em Ciências*. v.7, n.1, julho de 2005. Disponível em
<http://www.fae.ufmg.br/ensaio/v7_n1/memoria-de-professores.pdf> Acesso em 15 jul.2007.

ESTEVES, José M. Mudanças sociais e função docente. In: Nóvoa, A. (Org.) *Profissão: professor*. Lisboa. 2 ed. Lisboa: Porto Editora. 1999

ESTEVES, José M. *O Mal Estar Docente: a sala de aula e a saúde dos professores*. São Paulo: EDUSC. 1999

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 39 ed. São Paulo: Paz e Terra. 1987

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e Ousadia: o cotidiano do professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1986.

GARCIA, Tânia Maria F. Braga. A riqueza do tempo perdido. *Educação e Pesquisa*, v. 25, n. 2, jul-dez 1999. p.109-125. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v25n2/v25n2a09.pdf>>. Acesso em 25 abr. 1999.

GAUTHIER, Clermont. et al. *Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente*. Ijuí: UNIJUÍ, 1998. (Coleção Fronteiras da Educação)

LAPO, Flavinês Rebolo. Bem Estar Docente. In: SEMINÁRIO REDESTRADO - Nuevas Regulaciones em América Latina. VII. Buenos Aires. Julho de 2008. Disponível em <http://www.fae.ufmg.br/estrado/cdrom_seminario_2008>. Acesso em 24 out.2008.

MAY, Rollo. *A coragem de criar*. 7 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1982.

OLIVEIRA, Eloísa da Silva Gomes. O “mal estar docente” como fenômeno da modernidade: professores no país das maravilhas. *Ciências e Cognição*. 2006, v. 07. P. 27-41. Disponível em < <http://www.cienciasecognicao.org>>. Acesso em: 22 jun.2006.

PINTO, Francisco Rogério Madeira. *Ética e Política no pensamento de Hannah Arendt*. 2006. 118 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Políticas, Instituto de Ciência Política, Brasília, 2006. Disponível em: <http://bdtd.bce.unb.br/tesdesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=533>. Acesso em: 12 nov. 2007.

PERRENOUD, Philippe. “Os dez não-ditos ou a face escondida da profissão docente”. *Espaço Pedagógico*. Universidade Passo Fundo. n.2. v.6, dez 1999, p105-121.

PERRENOUD, Philippe. *Práticas Pedagógicas, Profissão Docente e Formação: Perspectivas Sociológicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote. 1993.

PERRENOUD, Philippe. *10 Novas Competências para ensinar: convite à viagem*. Porto Alegre: Artmed editora, 2000.

RIOS, Terezinha Azerêdo. *Compreender e Ensinar: Por uma docência da melhor qualidade*. 4 ed. São Paulo: Ed.Cortez. 2003.

RIOS, Terezinha Azerêdo. *Ética e Competência*. 14 ed. São Paulo: Cortez. 1997

SORATTO, Lúcia Helena. “Quando o trabalho é ação: uma aplicação dos conceitos de Hannah Arendt à análise do trabalho do professor”. *Revista Teoria e Prática da Educação*, v.9, n.3. set/dez.2006. p.311-318.

STOBÄUS, Claus, MOSQUERA, Juan Jose M., SANTOS, Bettina Steren dos. Pesquisa mal -estar e bem-estar na docência. *Educação*, Porto Alegre, n.especial, p.259-272, out. 2007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/faced/article/view/3562/2787>>. Acesso em: 15 out. 2007.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

TARDIF, M; LESSARD, C. *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

WOODS, Peter. Aspectos sociais da criatividade do professor. In: Nóvoa, A. (Org.) *Profissão: professor*. 2 ed. Lisboa: Porto Editora. 1999

APÊNDICE B - PERGUNTAS PARA CARACTERIZAR O PROFESSOR

- 1) Quanto tempo de profissão você tem?
- 2) Qual a sua idade?
- 3) Qual sua formação?
- 4) O que você achou do seu aluno ter lembrado dessa prática? (somente para professores indicados pelos alunos).

Perguntas para os professores

- 1) Você pode me falar da realização de uma prática diferente daquelas do seu dia-a dia, que foi um episódio revigorante, revitalizante, que deu um novo ânimo para você e seus alunos?
- 2) Como você realizou essa atividade?
- 3) Qual foi o tema que você abordou nessa atividade?
- 4) Em que essa atividade era diferente daquelas do seu dia a dia?
- 6) Essa atividade deu mais trabalho do que aquelas que você realiza no seu dia a dia?
- 8) O que levou você a fazer essa atividade que está me contando?
- 9) O que estimulou, ajudou, deu ânimo para você realizar essa prática?
- 10) O que dificultou a realização dessa atividade?
- 11) O que você pretendia fazendo essa atividade?
- 12) Que efeito você percebeu dessa atividade no clima de sala de aula?
- 13) Você já esperava esse efeito?
- 14) Essa atividade teve efeitos no dia a dia com os alunos nas aulas seguintes?
- 15) Você não ficou preocupado com a possibilidade da atividade não dar certo já que era a primeira vez que você fazia?
- 15) Valeu a pena ter desenvolvido essa atividade? Por quê?
- 16) Você lembra de outras atividades como essa que você relatou?
- 17) Vale a pena fazer essas experiências com atividades diferentes do seu dia a dia?
- 18) Você gosta de fazer esse tipo de atividades diferentes do seu dia a dia com os alunos? Por quê?

APÊNDICE C- DESCRIÇÕES ANALÍTICAS INDIVIDUAIS

Professora Ângela – Bioquímica dos alimentos

A professora Ângela trabalha na mesma escola na rede municipal de ensino de Belo Horizonte há 14 anos. Desde o início trabalha com a modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) lecionando ciências para o ensino fundamental e biologia para o ensino médio. Diferente do ensino médio regular que tem a duração de três anos, aquele voltado para jovens e adultos tem a duração de dois anos. A professora escolheu trabalhar com alunos dessa modalidade por gostar desse público. É licenciada em Ciências Biológicas e bacharel em Farmácia e Bioquímica. Trabalhou nove anos com farmácia de manipulação em homeopatia paralelamente a docência. Lecionou em outras escolas paralelamente a escola da prefeitura de Belo Horizonte durante 2 anos aproximadamente.

A prática relatada pela professora, o projeto Bioquímica da Nutrição, foi realizado no decorrer do ano de 2007, dirigido aos alunos do 1º ano do ensino médio da EJA e a partir da demanda deles. Nos anos anteriores a professora relata que, na abordagem da bioquímica nas aulas, terminavam por cair na discussão da alimentação, por isso nesse ano ela resolveu introduzir esse projeto. A professora observou que o projeto tinha mais de nutrição do que de bioquímica e que suas etapas de realização foram sendo construídas no decorrer do processo.

O relato da professora se voltou às atividades do projeto que foram realizadas em espaço fora da sala de aula. O relato sobre a prática inicia-se com a ida de uma equipe de nutricionistas da Secretaria Municipal de Abastecimento de Belo Horizonte a escola para falar sobre alimentos funcionais. Após a palestra os alunos foram levados para a cozinha da escola onde preparam o prato “soja à dore” sob a orientação das nutricionistas. Dentro dessa prática a professora iniciou uma conversa sobre o quanto de óleo foi utilizado naquela receita. Nesse momento, a professora discutiu a questão do óleo após o uso pensando as destinações dadas pelas pessoas, relacionando com a questão da poluição e surgiu a possibilidade de fazer sabão a partir daquele óleo usado.

Essa atividade na cozinha teve muita receptividade dos alunos que comeram o prato a base de soja que eles mesmos produziram. A professora relata que os alunos sugeriram “que tinha de ter mais práticas como essa” e que ficaram entusiasmados com o fato deles mesmos terem feito o prato, usando touca e tendo os cuidados de higiene que aprenderam com as nutricionistas.

Em outro momento os alunos produziram sabão no laboratório da escola. Essas atividades foram realizadas com as três turmas de alunos da tarde e as quatro turmas da noite. Na prática realizada com os alunos da turma da tarde produziu-se o sabão como o esperado. Na turma da noite, houve o inesperado: um aluno adulto despejou toda a soda caustica disponível. Isso comprometeu a produção de sabão. Mas os alunos da turma da noite e a professora perdoaram o gesto do aluno, pois conheciam seu comportamento e suas dificuldades de compreender as atividades. A turma já tinha observado o resultado com o sabão produzido pela turma da tarde. Durante a atividade, a professora diz ter acolhido o conhecimento que alguns alunos traziam de suas vidas sobre produzir sabão. Eles sabiam fazer sabão com vários ingredientes devido a sua vivência. Com esse tipo de atividade, ela procura dar sentido ao conhecimento tratado na escola para o aluno. A necessidade de buscar outras formas de ensinar, que atraiam os alunos, com aulas mais envolventes são destacadas pela professora. Se não “eles vão embora mesmo, não ficam”, diz ela.

Numa outra etapa a professora trabalhou a questão da alimentação relacionando com a crise climática utilizando o material que preparou em *power point* sobre o tema na sala de vídeo onde está instalado o kit multimídia.

Por último, em outro dia, a professora levou os alunos para o laboratório de informática realizar o balanço alimentar e para terem contato com o computador. A professora comenta que essa etapa do balanço foi bastante trabalhosa. Ela chegou a atender individualmente quase 100 alunos no preenchimento dos dados para saber o quanto de caloria cada aluno consumia com suas refeições diárias reais. Na hora que ela repetia para cada aluno a mesma operação, a professora teve a dimensão do trabalho e por alguns segundos quase se arrependeu e pensou “onde fui amarrar minha égua!”, mas foi até o fim. Depois ela deixou disponíveis as tabelas de calorias na rede de pastas compartilhadas pelos usuários do sistema de informática da Prefeitura de Belo

Horizonte. Dessa forma, os alunos poderiam ter acesso a essas informações quando necessitassem, assim como, o material de suas aulas.

Entre os desafios para realização das etapas relatadas do projeto, a professora comenta que o laboratório da escola está pouco estruturado, mas é possível realizar algumas atividades. Além disso, outro desafio é a questão do tempo, ela considera praticamente impossível montar a prática, ensinar a prática e desmontar a prática em 45 minutos. Para realização das atividades no laboratório, a professora negociou com os outros professores da noite e da tarde para conseguir quatro horários com os alunos. Outra alternativa para a professora é ter outro tipo de organização para poder realizar esse tipo de prática. Ela tem uma proposta de um projeto denominado “Biologia em práticas” e para isso seria importante que alguém estivesse trabalhando no laboratório para viabilizar essas práticas. A professora diz que luta há 14 anos por essa questão de laboratório dentro escola. Além disso, ela fala da divisão das turmas de alunos e disponibilidade de material. Ou então, ela sugere pensar outra organização completamente diferente na qual seja possível o próprio professor fazer todas as etapas necessárias. A professora relata os vários obstáculos que tem para estruturar um laboratório na escola, entre eles, a burocracia. Mas mesmo assim ela diz que não desiste “continua dando murro em ponta de faca”.

Ainda em relação aos espaços, a professora comenta a dificuldade de lidar com imprevistos dentro da organização da escola. Às vezes, ela tinha planejado usar a sala de informática, mas não podia. Ou mesmo o laboratório que, no momento pensado pela professora, tinha problemas para seu uso. Ou ainda, ela chegava à noite e os alunos tinham saído para uma atividade externa com outros professores. Mas isso ela explica que ocorreu, porque como ela tem menos dias de trabalho à noite e encontra menos com os professores desse turno, às vezes, isso dificulta a comunicação e acompanhamento de toda a dinâmica que acontece na escola.

Em relação aos imprevistos, a professora fala da necessidade de ter um “plano B” a mão. Não qualquer coisa, mas algo que tenha relação com o que está sendo trabalhado. A professora tinha textos preparados para leitura e interpretação para trabalhar com os alunos quando não foi possível fazer o que ela pretendia.

Para tentar resolver esses obstáculos, a professora procurava o coordenador para negociar modificações de tempo e espaço para realizar suas atividades. Isso às vezes rende uns desgastes para a professora. Mas ela diz que tem conseguido lidar bem com essas negociações e imprevistos.

Apesar de a professora comentar essas dificuldades com o laboratório, ela considera que esta escola onde trabalha tem muitos recursos se comparada com outras. Mas apesar dessas condições os recursos ainda não são tão bem explorados quanto poderiam.

Outro desafio apontado pela professora é a diversidade de alunos em EJA. Os alunos estão numa faixa etária que vai dos 18 anos até 75 anos e que tem demandas muito diferentes. Dentro do desafio da diversidade, a professora destaca os alunos de inclusão com deficiência como síndrome de Down e aqueles de inclusão social como os alunos de liberdade assistida. Diante dessa diversidade a professora relata a angústia por não saber o que fazer para contribuir com a aprendizagem deles. Essa busca de caminhos para conduzir a inclusão dos alunos é também da própria escola. Para dimensionar os esforços e as dificuldades dessa questão na escola, a professora relata que em reuniões com a equipe que trata das questões de inclusão percebeu-se que a escola não estava dando o encaminhamento mais adequado e daí foi necessário reorganizar o trabalho que vinha sendo feito.

A professora relata que alguns alunos chegam ao ensino médio de EJA praticamente sem saber ler. Por essa razão a professora tem vontade de fazer um curso de alfabetização e letramento para ajudar os alunos. Diante dessas dificuldades dos alunos, a professora fala que os objetivos “reais” eram leitura, escrita e contato com o computador. Quanto ao ensino de biologia a professora diz que também era o objetivo, mas “permeando”, pois os alunos têm muitas dificuldades. Para ela a idéia de preparar um aluno para o vestibular está longe de seus objetivos. Ela comenta que, diante dessa demanda de alguns alunos, é melhor ser honesta e dizer que ele deve procurar de outras formas se preparar para o vestibular, pois na escola na modalidade de EJA não terá isso.

Outra questão relatada pela professora é em relação à construção do currículo para EJA no ensino médio. Ela relata que na escola onde trabalha ainda não foi

construído um trabalho conjunto em relação aos temas propostos para EJA. Dessa forma, ela continua fazendo um trabalho individual. No caso desse projeto de Bioquímica da alimentação, o parâmetro escolhido por ela foi a demanda do aluno. Ela resolveu atender as demandas dos alunos e relata que naquele conseguiu somente trabalhar bioquímica. Foi o que foi possível.

A professora fala que para ela é importante que o aluno esteja envolvido com o que está acontecendo na aula dela. E o que ela viu de interessante na realização desse projeto foi o interesse que os alunos têm por atividades diferentes. A professora comenta que se o professor não cria algo interessante para prender o aluno dentro da sala, ele vai embora, perde o interesse, dorme. Ela se pergunta “quem dá conta de trabalhar com aluno dormindo na sua frente?” O professor tem de estimular o aluno, mostrar coisas diferentes, interessantes, ele tem de ver que você está criando alguma coisa para ele.

Entre outras dificuldades a professora aponta a questão da organização do tempo na escola que afeta o trabalho do professor. E às vezes para fazer projeto como esse a professora teve de negociar com os colegas que podem não ser tão flexíveis com o tempo de suas aulas. Mas ela mesma reflete que essa flexibilidade não é uma escolha somente do professor a organização do tempo não auxilia. Se o colega cede seu horário pode ser que ele não consiga recompor aquele tempo. Isso não é simples.

A organização do tempo em EJA a professora explica a partir do projeto político pedagógico que estabeleceu 3 horas diárias com os alunos. Dessa forma, a professora comenta que ceder 45 minutos pode significar não conseguir recuperar esse tempo com o aluno. Ela fala que é uma “perda real” de tempo com o aluno para o professor.

O maior estímulo para professora para realizar o projeto foi seu desespero de entrar em sala de aula e ver o aluno dormindo. Isso a deixa muito preocupada. Ela relata que necessita ver os alunos falando, interagindo. Emocionada a professora diz ter dificuldade de lidar com a apatia e aponta essa dificuldade do diálogo, da interação como uma de suas grandes aflições com os alunos de inclusão. Para ela da maneira como o processo de inclusão está estruturado na escola não é possível essa interação.

Ela pensa que, para esses alunos, tem de ser pensadas outras atividades e outros espaços não é possível somente conservá-los sentados em suas carteiras, passivos.

Um dos efeitos observados pela professora foi a motivação dos alunos para as aulas. Eles perguntavam, questionavam e isso a estimulava a estar dentro de sala de aula. A professora comenta que foi trabalhoso, mas ao mesmo tempo coloca, a questão do compromisso profissional de estar lá para fazer o trabalho bem feito. Diante dessa reflexão, ela diz que não fez mais que a obrigação, que para ela as coisas têm de ser bem feitas, mesmo sabendo que há pessoas que pensem de outra forma em relação ao trabalho docente. Ela também coloca que é uma questão pessoal de ser exigente consigo mesma, com aquilo que se faz.

Em relação a realização do projeto a professora declara que valeu a pena esse projeto, percebe que foi um dos anos em que trabalhou melhor com o ensino médio, ela diz que quando o aluno percebe que o professor preparou algo bem feito para ele o resultado é gratificante. Para professora não se trata de somente de fazer projetos especiais, mas no dia a dia ter cuidado no preparo da aula. Por exemplo, não fazer montagens mal feitas com texto e figuras de livros gastando papel, mas utilizar outros recursos como a informática, o *data show* e outros que houver na escola, pois fica mais interessante e economiza papel. Levar em consideração as especificidades dos alunos adultos na preparação do material cotidiano é importante, é algo que a professora faz quando prepara textos para projeções de *power point* escolhe tamanhos grandes de letras, pois isso auxilia na leitura para adultos que geralmente tem problemas de visão, principalmente, os mais idosos.

Sobre os momentos gratificantes a professora Ângela comenta que além da participação, do interesse, de ouvir dos alunos que adoram as aulas de biologia, ou de colegas que relatam falas elogiando as suas aulas, (Ela comenta que acha que deve ter sido por comentários assim que a colega professora resolveu indicá-la para a entrevista), sobre os efeitos do projeto bioquímica da alimentação, ela comenta o feed back de uma aluna que depois da aulas sobre alimentação resolveu reduzir a quantidade de achocolatado que dava para os filhos para tentar equilibrar a dieta deles. Esse resultado que pode ser pequeno, mas deixa a professora muito gratificada, pois para ela houve um acréscimo mesmo mínimo de conhecimento que auxilia a vida desse aluno.

Outra questão comentada pela professora é a abordagem do tema de uma alimentação de melhor qualidade para pessoas de baixa renda é delicada e complexa, pois às vezes o problema é da fome. Mas ela fala que às vezes a pessoa ainda com suas condições precárias, hoje, pode usar seu pouco recurso financeiro e se alimentar mal por não ter conhecimento. Como caso do aluno que trabalha como motoboy e vive com muitas dificuldades, mas que durante a aula de balanço calórico relatou que naquele dia seu almoço fora um pacotinho de batata frita e seiscentos mililitros de refrigerante. A professora comentou com esse aluno sobre um restaurante que oferecia refeições com preço populares e não era muito distante da rota de seu trabalho. A professora relata que o aluno foi ao restaurante e que havia gostado da refeição. Esse retorno para ela já é motivo suficiente para se sentir gratificada. A professora aponta como um fator que não é possível desconsiderar são condições sócio-econômicas e culturais que vivem seus alunos e que para ela influem no processo de aprendizagem.

A professora Ângela frisa a questão de considerar o perfil do aluno trabalhador para pensar a suas aulas de biologia. Ela comenta que aulas tradicionais de biologia como aquelas previstas para o ensino médio regular não são atendem aos alunos de EJA, pois ele trabalha o dia inteiro ou vem de um plantão de 24 horas não agüenta uma aula que não tenham nenhuma contextualização em relação ao seu dia a dia.

Professor Gustavo

O professor Gustavo leciona de manhã e à noite em uma escola estadual, em Belo Horizonte, desde 2002. Ele trabalha somente com turmas de ensino médio e à tarde em uma escola particular. Isso implica em pouco tempo para elaborar as aulas, mas mesmo assim ele faz investimentos em sua prática.

Apesar de nossa busca por práticas que tiveram bons resultados, o professor nos conta sobre seus esforços que não foram bem sucedidos e considera que as condições de trabalho não possibilitam muita variação. Mas ainda dentro dessas condições tenta criar aulas que motivem os alunos.

Durante a entrevista fala das difíceis condições da escola pública onde leciona. Há uma determinação, segundo o professor, de no mínimo 45 alunos em cada sala. Mas há uma grande evasão. Trabalhar com a realidade da sala cheia é a tarefa que se impõe. Sobre a questão de variação nas aulas o professor comenta que, se o professor trabalhar com o “arroz e feijão”, os alunos agradecem. Segundo ele, “se explicar direito, eles já agradecem”. A biblioteca é pequena, a sala de informática está equipada com 15 computadores, mas somente 10 funcionam.

O ensino da biologia tem de ter prática, diz o professor. Mas com 50 alunos é inviável. Suas turmas têm em média 50 alunos e, no começo de sua carreira, experimentou levar material para observação como conchas, mas em uma sala com essa quantidade alunos o resultado não foi bom. As conchas eram arremessadas de um lado ao outro da sala. Segundo ele, houve perda de material que era emprestado. A partir dessa experiência o professor concluiu que a aula prática não era viável.

Apesar das dificuldades relatadas o professor considera os alunos bons. Dentro de que era possível, ele buscou alternativas. Uma dessas delas foi o uso de vídeos para fechar o conteúdo. O professor percebeu, com essa atividade, que os alunos gostam de sair da sala de aula e ficam mais motivados. Ele tentou excursões no início da carreira, mas que também não foram bem sucedidas na escola estadual. Ele sente que precisaria de apoio da escola para realizar essas saídas com maior tranquilidade em relação à disciplina dos alunos.

Entre suas práticas com resultados positivos estão trabalhos em grupo sobre temas atuais relativos ao conteúdo de biologia que os alunos devem apresentar na sala, diante dos colegas, e entregar por escrito. São temas fora da matéria estudada como uso de drogas, poluição, efeito estufa. Na apresentação, os alunos têm muita vergonha, mas o professor não obriga todos os alunos do grupo a falar. Durante a entrevista, o professor reflete se essa seria a melhor forma, e pondera se deveria buscar outro caminho para trabalhar com os alunos. E, ao mesmo tempo, traz justificativas para escolha dessa estratégia. Ele considera que é importante para os alunos fazerem uma boa apresentação para assim o resto da sala aproveitar melhor o conteúdo que está sendo

apresentado. Com essa estratégia, o professor tenta evitar que a maioria fique somente preocupada com a própria apresentação e não preste atenção na dos colegas. Por isso o professor não obriga a apresentação. O grupo pode escolher o colega que vai falar. O professor quer deixar o aluno à vontade para prestar atenção.

Depois da correção do trabalho escrito e a apresentação, é realizado um debate na sala de aula em que os alunos discutem o tema. O professor diz que o fato de as carteiras na sala serem colocadas em círculo para o debate, dos alunos falarem, já é uma alteração que motiva os alunos. Nesses debates o professor é o iniciador, mas depois somente os alunos prosseguem falando no debate. A satisfação do professor é ver um aluno que, habitualmente não fala por timidez ou por baixa autoestima, falando, expressando sua opinião. O professor incentiva os alunos a se expressarem.

Além dessa prática, o professor relata uma atividade de palestras sobre doenças sexualmente transmissíveis – DST, e em especial, sobre AIDS. Durante essas palestras sobre DST os alunos perguntam suas dúvidas ao professor. Apesar de denominar a aula como palestra, ele frisa que são aulas dialogadas. O professor realça a importância dos alunos esclarecerem suas dúvidas. Segundo ele, o ritmo dessas aulas é ditado pelos alunos. Quando as dúvidas terminam, termina a aula.

Sobre a questão da inibição dos alunos para fazer perguntas sobre esse assunto, o professor assinala que solicita aos alunos que respeitem as perguntas dos colegas, sejam elas quais forem. Ele mesmo comenta que se surpreende com as perguntas, mas não demonstra. Responde as dúvidas de forma respeitosa para que os alunos não zombem uns dos outros, inibindo as perguntas. A razão dessa aula, segundo o professor, foi a demanda dos alunos sobre as questões de DST e principalmente sobre AIDS. O professor relata que muitos alunos o procuravam fora da aula com perguntas sobre o tema, por isso resolver desenvolver essa aula.

Além das atividades voltadas para sala de aula, o professor participa de projetos que a direção da escola coordena. Em 2007, o professor participou em projeto sobre cidadania com assuntos relativos ao desmatamento da Amazônia que esteve muito em

evidência na mídia naquele ano. Nesse projeto, cada turma é coordenada por um professor e desenvolve um trabalho entre os vários assuntos. Os temas são sugeridos pela direção e professores da escola. Depois são sorteados entre os professores. O objetivo é de que os alunos façam trabalhos variados. O professor vai somente coordenar esse trabalho. Os alunos apresentam na primeira etapa para os colegas da sala. O professor escolhe o melhor trabalho da sala que é revisto e melhorado e, depois, apresentado para outras turmas. A escola incentiva oferecendo camisetas do projeto aos melhores trabalhos.

No final do ano, no último trimestre, ocorre um projeto interdisciplinar. Os alunos oferecem oficinas de grafite, manicure, entre outras. Nesse projeto, o professor ofereceu uma palestra sobre aquecimento global. Segundo o professor, alguns há professores que não se envolvem. O que cria uma situação um pouco desagradável. As reuniões para organizar esse projeto são na hora de intervalo. Cada aluno deve se inscrever em uma oficina, pois, para participação, foram atribuídos três pontos de avaliação. Esse projeto tem a duração de três dias. As oficinas mais interessantes enchem rápido como as atividades esportivas. Mas, segundo o professor, há alunos que não aparecem, pois já tem a nota para passar de ano.

O professor considera que é importante a realização de atividades diferentes, novidades, sair da rotina, mudar o clima da escola. Para o professor, apesar de a preocupação com o conteúdo na escola não ser como antes, ele se preocupa e diz conseguir tratar de todo conteúdo programado para sua disciplina.

APÊNDICE D - QUADROS ANALÍTICOS I: DESAFIOS, ESTÍMULOS E RESULTADOS.

PROFESSORA RITA

Prática	Desafios	Estímulos	Resultados
Modelagem em argila dos órgãos reprodutores	Adaptar sala de aula por não ter laboratório ou ateliê. Tempo de duração de aula padrão da escola é insuficiente para realização da atividade. Incomodar a aula dos outros professores para conseguir realizar a atividade. Resistência de aluno a atividade.	A professora fica estimulada com a motivação dos alunos na atividade. Professora aprendeu a atividade em curso de formação. Isso gerou a iniciativa da atividade. Professora lida bem com o tema acha que sua personalidade extrovertida e aberta tornam fácil esse trabalho.	Alunos conversam entre si sobre questões relativas a sexualidade com mais naturalidade. Eles têm menos receio de perguntar sobre o assunto para o professor. Alunos com dificuldade nas aulas normais nessa atividade mostram bom desempenho. Entusiasmo do aluno e professor. Professora enxerga outras habilidades dos alunos. Maior tranquilidade dos alunos nas outras aulas. Satisfação da professora com os efeitos nos alunos.
Feira de Ciências.	Organizar as atividades dos alunos. Envolver os professores. Estimular os alunos.	Empolgação dos alunos. Trabalho ser interdisciplinar. Trabalho coletivo de professores A professora somente coordena ficando a maior responsabilidade de fazer com o aluno. Grande envolvimento dos alunos. Os professores perceberem o investimento dos alunos durante a construção da feira.	Alunos que não se interessavam pela disciplina mudam de atitude. Aumento da autoestima dos alunos quando percebem que são capazes de realizar bons trabalhos. Entusiasmo do aluno e do professor. Satisfação do professor com o efeito positivo nos alunos. Desenvolvimento da autonomia do aluno, Envolvimento da escola toda. Descontração. Motivação. Reconhecimento da escola com faixa de agradecimento da diretoria pela feira
Excursão ao Zoológico	Manter a disciplina dos alunos, conseguir como transporte. Assumir a responsabilidade pelos alunos fora da escola. Contornar imprevistos. Evitar acidentes para zelar pela segurança do aluno.	Saída da escola, maior interação entre professor e aluno e entre alunos. Descontração. Empolgação. Motivação. Novidade para os alunos. A relação do professor e aluno tem menos presença da vigilância e controle da escola. Maior informalidade. Maior proximidade entre professor e aluno.	Ficam mais tranquilas as relações com o professor, ficam mais descontraídas permitindo uma aproximação do aluno. Assim o professor pode saber quais são as dificuldades dos alunos. O aluno sente maior confiança no professor. Maior motivação do aluno e professor para continuar a rotina.

PROFESSOR GUSTAVO

prática	Estímulos	Desafios	Resultados
Trabalhos em grupo sobre temas atuais e debate.	As carteiras ficam em círculos e os alunos debatem. Os alunos mais tímidos se expressam. O professor é mediador, coordenador do debate.	Número grande alunos em sala. Mais de 50 às vezes.	Nesses momentos o aluno começa a criar coragem para expressar suas idéias. Entusiasmo do aluno e professor
Palestras sobre DST e AIDS	Demandadas pelos alunos. Uso de transparências. Professor tenta construir Clima para descontrair os alunos e reduzir constrangimento para que eles façam as perguntas que desejarem. Responde. Conversa.	Pouco tempo de duração das aulas.	Alunos gostam. Ficam mais a vontade para perguntar

PROFESSOR FÉLIX

prática	Estímulos	Desafios	Resultados
Grupo Sangüíneo.	Os alunos têm contato com material de laboratório.	Falta de materiais que professor compra com recursos próprios. Pouco tempo em aula para desenvolver a prática. Aula prática que não é possível na escola por falta de laboratório	Não esquecem essa prática. Ficam mais entusiasmados com a matéria. Entusiasmo do aluno e professor
DST	Aula com transparências. Dialogadas. Assunto de interesse.	A reação dos alunos que não concordam com a abordagem do tema e chamam os pais.	Acha que será útil na vida futura para tenham melhor compreensão sobre DST.

PROFESSORA SONIA

prática	Estímulo	Desafio	Resultado
Semana de biologia	Palestras de pessoas de fora da escola. Envolve toda escola. Dentro dos assuntos das palestras está a sexualidade.	Recursos áudio visuais na escola. Necessidade de uma colaboração da estagiária. Colaboração dos outros professores.	Alguns se interessam pela carreira de Biólogo
Excursão	Saída da escola, maior interação entre professor e aluno e entre alunos. Descontração. Empolgação.	A preocupação com a segurança dos alunos. A manutenção da disciplina. Sair com o objetivo de ensinar o conteúdo. Heterogeneidade dos alunos	Aprendem o conteúdo. Ficam mais estimulados para estudar. Conseguem fazer provas de vestibular nas questões de biologia.

PROFESSORA NOEMIA

prática	Estímulos	Desafios	Resultados
Excursão	Saída da escola, maior interação entre professor e aluno e entre alunos. Descontração. Empolgação.	Estruturar a excursão sozinha sem ajuda de colegas. Muitas vezes, os pais não permitirem.	Ficam mais calmos na sala de aula.
Apresentação/ Degustação	Envolvimento dos alunos e das famílias e da escola. Empolgação dos alunos. Os alunos aprendem o conteúdo de uma forma mais “leve”. Há uma atividade que o envolve o conhecimento da família e da comunidade	Enfrentar o cansaço de final dos alunos e o próprio. Motivar os alunos a comparecer a escola.	Ficam menos estressados com a disciplina no final do ano. Guardam a experiência na memória como uma boa lembrança. Lembram o que estudaram sobre botânica. Entusiasmo do aluno e professor
Teatro sobre doenças	Envolvimento dos alunos, empolgação, estética, criatividade dos alunos, Os alunos que fazem. Eles apresentam interesse por apresentar sobre DST.		Aprendem o conteúdo. Ficam mais entusiasmados com a matéria. Entusiasmo do aluno e professor

PROFESSORA ANGELA

prática	Estímulos	Desafios	Resultados
Projeto Bioquímica dos alimentos.	Uso da cozinha da escola, da sala de informática e do laboratório. Uso de computadores pelos alunos. Uso dos recursos de computador para as aulas. Outra proposta de currículo. O aluno fica mais motivado com essas atividades e isso motiva o professor	Flexibilizar o horário das aulas para realizar as atividades práticas do projeto. Dificuldades de leitura e escrita dos alunos adultos. Inclusão de alunos. Conquistar o interesse do aluno. Lidar com o cansaço que o aluno vem do trabalho.	Os alunos gostam, se envolvem, percebem sentido no conteúdo ensinado na escola. Entusiasmo do aluno e professor. O aluno elogia as aulas de biologia.

**APÊNDICE E – QUADROS ANALÍTICOS II: ANÁLISE DOS DESAFIOS,
ESTÍMULOS E RESULTADOS A PARTIR DOS PARÂMETROS DE
IMPREVISIBILIDADE E REVELAÇÃO DO AGENTE**

Categoria /professor	Angela –Bioquímica da alimentação	
		Revelação do agente
1)Desafios, dificuldades.	<p>Organização do tempo e espaço da escola. O perfil do aluno trabalhador de EJA. Condições do laboratório. Conseguir ensinar de uma forma que o conteúdo tenha sentido para o aluno adulto. O nível de alfabetização do aluno adulto chega a escola. Heterogeneidade. O processo de inclusão dos alunos. Pensar um currículo para EJA. Imprevisto com o aluno que estragou a preparação do sabão errando a quantidade de soda caustica. Desenvolveu sozinha o projeto .</p>	<p>Professora conversa com professores para ter quatro horários com as turmas para poder fazer atividade prática do projeto.Na cozinha e laboratório. Professora elabora projeto a partir das demandas dos alunos para que o ensino faça sentido para o aluno. Professora pensar em atividade que envolvam os aluno que vem muito cansado do trabalho. Professora tenta trabalhar o conteúdo de forma que as dificuldades de leitura escrita dos alunos adultos não os desestimule de tentar aprender biologia. Professora reconhece que projeto poderia ter sido coletivo. Mas terminou fazendo sozinha.</p>
2)fatores que contribuíram para realização da prática (estímulos, facilitadores)	<p>Os recursos áudio visuais da escola. Mesmo em condições precárias existe um laboratório.Onde foi feito sabão caseiro. Existência de uma sala de informática. Envolvimento dos alunos na aprendizagem. Ver que algo teve algum sentido para o aluno adulto. A presença das nutricionistas que deram a palestra e atividade na cozinha da escola da Secretaria Municipal de abastecimento. Os alunos dizem gostar das aulas de ciências.</p>	<p>Professora acha importante e usa todos os recursos tecnológicos possíveis para melhorar o ensino. Professora busca assunto trata a biologia com assuntos que interessem ao aluno. Professora aproveita a presença de nutricionistas. Professora fica estimulada com resposta positiva do aluno.</p>
3)Repercussões -resultados	<p>Os alunos sentem que o professor se preocupa com eles.</p>	<p>Professor acha importante que o aluno perceber que o professor se importa com ele e desenvolve o melhor possível para ele</p>

Categoria /professor	Sonia – Excursão para Embrapa	
		Revelação do agente
1)Desafios enfrentados para realização da prática.	<p>-Heterogeneidade dos alunos. Dilemas.Dificuldades de aprendizagem dos alunos.Como atender a projeto de vida diferente? Vestibular e outros?</p> <p>-Ensinar conteúdo quando parece que este não é mais valorizado como antes para a escola. Parece que somente a socialização basta para a escola. Segurança dos alunos durante a excursão.</p>	<p>-Professora se angustia diante da heterogeneidade dos alunos. Não responde o que faz somente destaca que é muito difícil.Fala dos alunos muito bons.</p> <p>-Professora percebe uma discordância de suas idéias e dos colegas professores da escola sobre o papel do ensino. Ela acha importante o conteúdo e socialização dos alunos, mas percebe que a escola foca somente na socialização deixando a deriva o conteúdo.</p> <p>- Professora mesmo com experiência com excursões sente o estresse comum do cuidado com a segurança do aluno durante a saída.</p>
2)Estímulos para o professor realizar a prática.	<p>Escola estruturada para atividades como excursão.</p> <p>Relação positiva da professora com os alunos.</p> <p>Relação positiva com os estagiários.</p> <p>Compromisso e afeto pelos alunos.</p> <p>Fazer excursão relacionando com o conteúdo, não somente como socialização desconectado do ensino da matéria.Por isso há preparação antes de saírem para excursão.</p> <p>Professora gosta de excursões apesar do pequeno estresse habitual.</p> <p>Demanda dos alunos por atividades diferentes da sala de aula</p>	<p>-Professora conta com apoio da escola para sair na excursão.</p> <p>-Professora considera que tem uma relação afetiva boa com os alunos.</p> <p>-Professora acha bom trabalhar com estagiários e percebe neles a possibilidade de entrar em contato com novidades vindas da universidade.</p> <p>- Professora considera que é importante fazer excursões relacionadas aos conteúdos ensinados. Não somente sair por sair. Então antes de sair os alunos estudam o local visitado, produzem trabalho e só ai eles vão fazer a visita.</p> <p>Professora considera a saída um bom momento de convivência com os alunos.</p> <p>-Professora considera as demandas de atividades diferenciadas vindas dos alunos e analisa as possibilidades de atendê-las na medida do possível.</p>
3)Resultados obtidos com a prática.	<p>Os alunos ficam mais estimulados depois da atividade.</p> <p>Satisfação da professora de ver o desempenho dos alunos na excursão para Embrapa, pois sabiam mais que a palestrante sobre o tema da visita.</p>	<p>-Professora considera que os alunos gostam de sair da escola em excursões.</p> <p>-Professora observou que a preparação dos alunos resultou no que ela considera um bom aproveitamento da visita e capacidade do aluno estabelecer crítica a palestrante que os recebeu na visita.</p>

Categoria /professor	Felix	
		Revelação do agente
1)Desafios, dificuldades.	<ul style="list-style-type: none"> -Falta de material na escola. -Falta de laboratório -Risco de acidentes com alunos que não tinham o hábito de ter aulas práticas e manipular materiais e fazer atividades com risco de contaminação biológica. -Organização do tempo espaço da escola. Duração da aula e quantidade de alunos por sala. -tema tabu da sexualidade que gerou reações de rejeição dos alunos. Os pais vieram a escola conversar com o professor. 	Professor percebeu essa dificuldade nos alunos e resolver fazer a prática mesmo sem as condições.
2)fatores que contribuíram para realização da prática (estímulos, facilitadores)	<ul style="list-style-type: none"> -Colega professor foi solidário e ajudou na organização dos alunos e mudou organização das aulas. -Comportamento disciplinado dos alunos. - Interesse dos alunos no trabalho. 	<ul style="list-style-type: none"> -Professor combinou com colega pra auxiliar na divisão da turma e modificando a duração da aula para poder realizar a prática. - Professor teve total colaboração dos alunos que ficaram muito envolvidos na prática. -Alunos mostraram muito interesse no trabalho.
3)Repercussões - resultados	<ul style="list-style-type: none"> -Entusiasmo dos alunos. Outras turmas se interessaram pela prática. -Os alunos apresentaram o trabalho na feira de cultura na escola para a comunidade. -Em função do sucesso da realização dessa prática na primeira vez, nos últimos dez anos o professor vem repetindo a prática. 	<ul style="list-style-type: none"> -Professor percebeu o entusiasmo e orientou a atividade para a feira. -Professor vem repetindo a prática porque tem dado certo.

Categoria /professor	Noemia - trabalho de botânica	
		Revelação do agente
1)Desafios (declarados pelo professor e identificados por mim)	<p>Desinteresse dos alunos pela escola de modo geral.</p> <p>A rotina da escola e da sala de aula que tem de ser feita limita um pouco as atividades diferentes que podem ser realizadas.</p> <p>Falta de materiais e recursos da escola pública</p> <p>Conciliar quantidade de conteúdo do programa e a quantidade de aula durante o ano.</p> <p>Cansaço na última etapa do ano.</p> <p>Dar o conteúdo para o aluno poder fazer vestibular depois.</p>	<p>Professora cria atividades diferentes para estimular o aluno.</p> <p>Professora dentro dos limites da rotina tenta criar atividade diferente.</p> <p>-Professora usa criatividade para driblar as carências de recursos da escola e estimular aluno.</p> <p>-Professora trabalha conteúdo de final de ano de forma interessante, menos rotineira, mais leve, menos cansativo para ela e alunos devido ao cansaço de ambos do final de ano.</p> <p>-Prof cobra todo conteúdo da apresentação na prova.</p>
2)fatores que contribuíram para realização da prática (estímulos, facilitadores)	<p>Autonomia dos alunos.</p> <p>Envolvimento da família na produção e apresentação do trabalho de botânica.</p> <p>Criatividade dos alunos.</p>	<p>-Professora explica como é para ser feito o trabalho e da autonomia para criarem o que acharem mais adequado.</p> <p>-Professora permite a participação dos familiares na apresentação do trabalho de botânica.</p>
3)Repercussões - resultados	<p>A apresentação virou uma festa.</p> <p>Alunos que não falam por medo conseguem se expressar nesse trabalho pelo nível de envolvimento.</p> <p>As outras salas da escola se envolvem na apresentação quando percebem a movimentação.</p> <p>Ex- alunos que encontram a professora na rua lembram desse trabalho.</p>	<p>-Professora coloca como regra que todos os alunos devem falar na apresentação.</p>

Categoria /professor	Gustavo – trabalhos em grupo sobre temas atuais em biologia.	
		Revelação do agente
1)Desafios, dificuldades.	Quantidade de alunos na sala. Desestímulo dos alunos. Tédio da rotina. Falta de recursos da escola. Tratar de DST –AIDS	<p>- Professor busca atividades que sejam possíveis com os quase 50 alunos na sala. Ele fica nesse limite. - Professor já tentou outras atividades práticas em sala que deram errado porque com o número de alunos inviabilizou.</p> <p>- Professor percebe que os alunos precisam sair da rotina para estimulá-los.</p> <p>- Professor declara as limitações dos recursos disponíveis atualmente na escola. Aguarda as reformas e novos recursos que estão programados.</p> <p>-Os alunos colocavam várias questões de DST e AIDS para o professor por ele ser mais acessível, aberto.</p>
2- fatores que contribuíram para realização da prática (estímulos, facilitadores)	Atividade fora da rotina. São trabalhos apresentados pelos alunos. Apresenta somente o aluno do grupo que se sente capaz de fazer bem. Envolvimento dos alunos no debate que é oportunidade dos mais calados poderem falar. Incentivo do professor para aluno falar no debate. Relação mais aberta permitiu atividade de DST	<p>-Professor percebe estímulo das atividades diferentes do dia a dia.</p> <p>- Professor percebe que alunos gostam da apresentação de trabalhos porque sai da rotina das aulas expositivas e exercícios.</p> <p>-Professor acha importante trabalho seja bem apresentado pelo aluno para a turma de fato aprender. Evitando o nervosismo e desconcentração dos alunos.</p> <p>- Professor incentiva alunos mais calados a se manifestarem no debate e incentiva aqueles tímidos que criam coragem e falam.</p> <p>-Nas aulas de DST professor cria um clima na sala que possibilite aos alunos perguntas em sala.</p>
3)Repercussões - resultados	Trabalhos bem feitos. Alunos que tem dificuldades de expressão falam o que pensam durante o debate. Alunos tiram dúvidas de DST	<p>- Professor elogiou a apresentação dos trabalhos.</p> <p>- Professor diz que a sua satisfação nesse trabalho ocorre quando um aluno tímido cria coragem e manifesta suas idéias.</p> <p>-Professor se surpreende com a falta de informação dos alunos sobre DST e percebe que contribuiu com aquelas aulas.</p> <p>Prof foi convidado para participar do trabalho afetivo sexual da escola como um todo.</p>

Categoria	Imprevisibilidade	Revelação do agente
1)Desafios	<ul style="list-style-type: none"> -Recusa do aluno em participar da atividade. -Dificuldade de preservar o trabalho de argila pela falta de laboratório, pois quando quebra os alunos acham que a professora pode não estar valorizando o trabalho deles. -Incômodo às aulas dos outros professores que irão utilizar a sala que fica alterada do padrão. --- Toma um certo tempo da aula deles até os alunos se organizarem novamente. -Assunto ainda polêmico para muitos. 	<ul style="list-style-type: none"> -Professora não vê falta de laboratório como obstáculo e realiza a pratica em sala de aula. -Professora elabora estratégia para lidar com problemas de tempo. -Professora faz adaptações na sala e com materiais para fazer prática com 40 alunos em sala. -
2), estímulos	<p>Os colegas professores colaboraram sendo flexíveis com as mudanças que a prática da prof Rita criam na ordem da sala.</p> <p>Os funcionários contribuíram com limpeza da sala quando necessário.</p> <p>Criatividade dos alunos nas modelagens.</p>	<ul style="list-style-type: none"> -Prof fazer curso capacitação do CBC - Prof observar resultados das práticas -Iniciativa da prof de alterar a prática e reforçado depois do curso -Professora ter personalidade extrovertida -Opinião positiva sobre os alunos da professora -Prof usa linguagem do aluno na nomeação dos órgãos reprodução acha importante provoca reação de surpresa nos alunos. -Prof permite atitudes de brincar, deixa os alunos a vontade -Compreensão da prof em relação as dificuldades com o tema que os alunos tiveram. -Prof dá liberdade para alunos criarem -Prof não obrigou aluno que não queria fazer a realizar atividade.Mas conversou para ouvir suas razões.
3)Repercussões - resultados	<ul style="list-style-type: none"> -Depois da prática prof acha que assunto ficou mais leve para perguntar. -Aluno que não ia bem nas aulas teóricas nessa atividade revela envolvimento e fez trabalho muito detalhado de moldagem de argila. -aula considerada inesquecível pelos alunos. 	<p>Prof percebe que uma aula dessas é inesquecível porque o aluno declara.</p>